



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

**RELATOS DE VIAGEM: ONDE VIAJAR É O CAMINHO E RELATAR
É A LEMBRANÇA**

BERENICE FERREIRA DA SILVA
NATASSIA D'AGOSTIN ALANO

FLORIANÓPOLIS

2014

BERENICE FERREIRA DA SILVA
NATASSIA D'AGOSTIN ALANO

RELATOS DE VIAGEM: ONDE VIAJAR É O CAMINHO E
RELATAR É A LEMBRANÇA

Relatório do Estágio de Docência apresentado ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Literatura Vernáculas sob a orientação da Professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

FLORIANÓPOLIS

2014

*Embora estejamos malfeitos, ainda
não estamos terminados; e é a aventura de mudar e de mudarmos que faz com que valha a
pena esta piscadela que somos na história do universo, este fugaz calorzinho
entre dois gelos.*

Eduardo Galeano (1998)

1. INTRODUÇÃO	8
2. A DOCÊNCIA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO.....	9
2.1. REGISTRO DE INFORMAÇÕES DO ESPAÇO ESCOLAR	9
2.1.1. A ESCOLA: ONTEM E HOJE	9
2.1.2. A TURMA	14
2.1.3. A PROFESSORA DA TURMA	18
2.1.4. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA DOCENTE.....	20
2.1.4.1. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA DOCENTE, POR BERENICE FERREIRA DA SILVA	21
2.1.4.2. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA DOCENTE, POR NATASSIA D'AGOSTIN ALANO	23
3. O PROJETO DE DOCÊNCIA.....	27
3.1. PROBLEMATIZAÇÃO	27
3.2. ESCOLHA DO TEMA.....	28
3.3. JUSTIFICATIVA	29
3.4. REFERENCIAL TEÓRICO	29
3.4.1. CONCEPÇÃO DE SUJEITO	29
3.4.2. CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM)	30
3.4.3. GÊNEROS DO DISCURSO	31
3.5. OBJETIVOS	32
3.6. METODOLOGIA.....	33
3.7. RECURSOS	34
3.8. AVALIAÇÃO	34
3.9. ANEXOS	35
3.9.1. PLANO DE AULA 1	35
3.9.2. PLANO DE AULA 2.....	38
3.9.3. PLANO DE AULA 3.....	47
3.9.4. PLANO DE AULA 4.....	57
3.9.5. PLANO DE AULA 5.....	70

3.9.6. PLANO DE AULA 6.....	73
3.9.7. PLANO DE AULA 7.....	76
3.9.8. PLANO DE AULA 8.....	79
4. RELATOS DA PRÁTICA DOCENTE	82
4.1. AULA 1.....	83
4.2. AULA 2.....	84
4.3. AULA 3.....	85
4.4. AULA 4.....	86
4.5. AULA 5.....	87
4.6. AULA 6.....	88
4.7. AULA 7.....	89
4.8. AULA 8.....	90
5. PERCEPÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA	90
6. ATIVIDADES EXTRACLASSE	93
6.1. RELATOS DE REUNIÕES ASSITIDAS	93
6.1.1. REUNIÃO DE DISCIPLINA – LÍNGUA PORTUGUESA.....	93
6.1.2. REUNIÃO DE SÉRIE – PRIMEIROS ANOS DO ENSINO MÉDIO	94
6.1.3. CONSELHO DE CLASSE DOS PROFESSORES.....	95
6.1.4. CONSELHO DE CLASSE COM OS ALUNOS DA TURMA 1ºD.....	96
6.2. PROJETO DE DOCÊNCIA EXTRACLASSE	97
6.2.1. INTRODUÇÃO	97
6.2.2. AÇÃO	98
6.2.3. JUSTIFICATIVA	98
6.2.4. REFERENCIAL TEÓRICO	99
6.2.5. OBJETIVOS	104
6.2.6. DESDOBRAMENTOS DA AÇÃO	105
6.2.7. METODOLOGIA.....	105
6.2.8. AVALIAÇÃO.....	106

6.2.9. ANEXOS	106
6.2.9.1. PLANO DE AÇÃO – OFICINA CONTOS DE FADAS: AS HISTÓRIAS (DE HORROR) INFANTIS	106
6.2.9.2. PLANO DE AÇÃO – OFICINA POEME-SE!	113
6.2.9.3. PLANO DE AÇÃO – OFICINA DE POESIA MACABRA.....	121
6.2.9.4. PLANO DE AÇÃO – OFICINA DE FANZINE.....	124
6.3. RELATOS DA OFICINA POEME-SE!.....	129
6.3.1. RELATOS DA OFICINA POEME-SE! – DIA 25/06	129
6.3.2. RELATOS DA OFICINA POEME-SE! – DIA 26/06	131
6.4. PERCEPÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA EXTRACLASSE.....	131
7. ENSAIOS CRÍTICOS.....	132
7.1. INTERDISCIPLINARIDADE: DA TEORIA À PRÁTICA	132
7.2. QUESTIONAMENTOS E PERCEPÇÕES: UM OLHAR PROBLEMATIZADOR SOBRE AS SITU(AÇÕES) NO FAZER-DOCENTE	136
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
9. REFERÊNCIAS	142
10. ANEXOS	146
ANEXOS 1 – DOCUMENTOS DO ESTÁGIO	146
ANEXO 1.1. BERENICE FERREIRA DA SILVA	146
ANEXO 1.2. NATASSIA D’AGOSTIN ALANO	148
ANEXOS 2 – PROJETOS DE DOCÊNCIA	150
ANEXO 2.1. PRIMEIRA PRODUÇÃO TEXTUAL.....	150
ANEXO 2.2. EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO LEITORA 1	154
ANEXO 2.3. EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO LEITORA 2.....	157
ANEXO 2.4. FOTOS DA “PEQUENA VIAGEM” PELO <i>CAMPUS</i> DA UFSC	159
ANEXO 2.5. PRIMEIRA VERSÃO DO RELATO DE VIAGEM	160
ANEXO 2.6. SEGUNDA VERSÃO DO RELATO DE VIAGEM	166
ANEXO 2.7. FOTOS DO VARAL EXPOSITIVO.....	170
ANEXO 2.8. FOTOS DA OFICINA POEME-SE!.....	171

1. INTRODUÇÃO

Este relatório discorre sobre o estágio de docência realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Ensino Médio (EM), e corresponde à etapa final da formação no curso de licenciatura em Letras Português desta universidade. O presente estágio de docência efetivou-se junto à turma do primeiro ano do Ensino Médio (1ºD) entre os meses abril e junho do corrente ano. O estágio de observação foi realizado entre os dias vinte de março e dez de abril, a execução do projeto de docência em sala de aula ocorreu durante os dias cinco e vinte e nove de maio, e a atividade extraclasse, planejada coletivamente com as demais duplas de estagiários, aconteceu nos dias vinte e cinco e vinte e seis de junho.

As atividades de prática docente realizadas equivaleram às 28h/a requisitadas para esta disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, sendo 16h/a cumpridas em sala de aula e 12h/a em atividade extraclasse. As 16h/a em sala foram divididas entre a dupla de estagiárias, sendo que cada uma lecionou 8h/a. Vale destacar que todas as atividades foram acompanhadas integralmente pela professora da turma, que atuou como nossa coorientadora, e pela professora orientadora do estágio.

Sob o tema *Relatos de viagem: onde viajar é o caminho e relatar é a lembrança*, a experiência com a prática docente junto à turma 1ºD contou, como já dito, com algumas etapas anteriores: primeiramente tivemos um contato inicial com a escola, os professores e a turma, momento este que constituiu o nosso estágio de observação. Após esse período de aproximação com o espaço escolar, elaboramos o projeto de docência pautado no gênero textual *relatos de viagem*, sugestão que nos foi dada pela professora da turma e, posteriormente, o projeto de docência extraclasse, elaborado junto aos demais colegas estagiários. Por fim, implementamos os planejamentos e, a seguir, relatamos os desdobramentos das atividades desenvolvidas durante este estágio de docência, incluindo resultados e análises.

A apresentação deste relatório estrutura-se, portanto, a partir de cinco eixos norteadores: a apresentação do campo de estágio; o planejamento elaborado para a docência em sala de aula seguido dos relatos de seus resultados e análises; o planejamento elaborado para a atividade extraclasse seguido dos relatos de seus resultados e análises; um ensaio crítico elaborado por cada estagiária referente ao fazer docente; os anexos que documentam todo o processo das atividades realizadas, visando legitimar o presente relatório.

mais de cem professores distribuídos entre as disciplinas de Educação Geral, Educação Física, Biologia e Ciências, Matemática, Química, Física, Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Alemão, Francês, Espanhol, Inglês, Língua Portuguesa; inclusive alguns desses professores são os responsáveis pelas áreas de Serviço de Supervisão Pedagógica, Educação Inclusiva e Serviço de Orientação Educacional. Dentre os professores, apenas quinze, em média, são substitutos, e as titulações de todos os professores (efetivos e substitutos) variam entre graduação (minoria), Mestrado, Especialização e Doutorado. O corpo de servidores técnico-administrativos é composto por vinte e cinco funcionários públicos federais, entre os quais apenas seis possuem formação de nível superior.

Quanto ao espaço físico do colégio, pode-se dizer que é um espaço amplo, arborizado e com edificações de qualidade, que recebe constante manutenção. O prédio está distribuído em quatro blocos (A, B, C e D), sendo que a administração central do colégio situa-se no bloco A, bem como as salas dos anos iniciais. No bloco B, a parte mais antiga do colégio, está a Biblioteca, a Brinquedoteca, a Sala de Música, o Laboratório de Linguagem, a Sala de Teatro, dentre outras salas onde são promovidos diferentes projetos. Os laboratórios das disciplinas, incluindo o laboratório de informática e os laboratórios de línguas, ficam no piso térreo do bloco C, onde acontecem também as aulas de Recuperação de Estudos. As salas de estudos dos professores, divididas por disciplinas, localizam-se no segundo andar do mesmo bloco. Já as salas de aula dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio situam-se no bloco D. É importante salientar que o CA é um colégio referencial em relação ao trabalho com alunos que possuem necessidades especiais. Logo, a estrutura do colégio está preparada com rampas e banheiros adaptados para receber estes alunos, além do suporte pedagógico, como professores auxiliares.

O bloco D, onde acontecem as aulas do Ensino Médio, é o mais novo do colégio, construído na década de noventa, devido ao crescente número de alunos. Esse bloco é amplo, arejado, bem iluminado e ensolarado; possui banheiros espaçosos nos dois andares; um auditório de porte médio; dois mini auditórios próximos às salas de aula. Todas as salas de aula estão equipadas com mesas e cadeiras em ótimo estado e dispostas linearmente, além de equipamentos eletrônicos como computador, projetor e aparelho de som. As lousas, recentemente trocadas, são do tipo 'branca', na qual os professores escrevem com caneta marcadora. Não conhecemos as salas de projetos internamente, mas tivemos acesso à sala de informática, que está em processo de reforma. Em outro momento, anterior ao estágio, já havíamos conhecido a biblioteca, a qual está equipada com títulos diversificados, além de

revistas e jornais (atualmente a biblioteca está fechada por conta da greve dos servidores públicos).

Na parte externa há um pátio coberto no bloco A, mais utilizado pelos alunos dos Anos Iniciais; há uma área coberta também no bloco D, onde parte dos alunos permanece no intervalo. Além disso, o colégio possui uma quadra de esportes e um pequeno campo de areia, ambos utilizados na prática de Educação Física das séries iniciais. Os alunos dos anos finais (Ensino Fundamental e Médio) realizam a prática desportiva nas dependências do Centro de Desporto da UFSC, em turno contrário às aulas. O colégio conta ainda com serviço de merenda escolar em um ambiente próprio e recém-reformado, porém, de pequeno porte, considerando o número de alunos que o frequenta. Chamou-nos a atenção uma instalação artística de uma ‘super-cadeira’, realizada por um professor de Artes em homenagem aos cinquenta anos do CA.

Como tudo se precede de uma história, recorremos ao Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio para resgatar um breve histórico do CA. O Colégio de Aplicação, fundado em 1961, nasceu com o intuito de ser campo de estágio de docência para a então Faculdade Catarinense de Filosofia que, hoje, vem a ser a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na época, o então denominado Ginásio de Aplicação iniciou suas atividades, oferecendo apenas a primeira série ginásial, sendo a cada ano implementadas novas séries deste ciclo. Foi a partir da década de 80 que o Colégio de Aplicação abriu turmas de Ensino Fundamental, tornando-se, a partir de então, um colégio que forma o aluno desde a alfabetização até o Ensino Médio.

Vale ressaltar que, os alunos que frequentavam o Colégio de Aplicação até então, eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da UFSC. No entanto, no ano de 1992, estabeleceu-se que o ingresso de alunos passaria a ocorrer por meio de sorteio aberto à comunidade. Atualmente, o CA partilha, em sua política educacional, dos princípios também praticados na UFSC, a saber, o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Logo, podemos enfatizar que o CA é um espaço escolar no qual a realização de práticas de pesquisa já faz parte da rotina escolar, bem como a realização de estágios supervisionados que visa a formação docente dos alunos dos cursos de licenciatura da Universidade.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) que nos foi apresentado data de 2007 e, já na sua apresentação, lê-se que o CA pretende ser “uma escola que se propõe democrática, plural e aberta às inovações pedagógicas” (p.1). Condizendo com seu caráter experimental, a implementação do PPP se inicia, em 1997, a partir de um diagnóstico da instituição, que

pretendia verificar as demandas da escola para então propor soluções pedagógicas que melhorassem a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Criaram-se comissões para esta tarefa, sendo que num primeiro momento foram levantados dados mais gerais e, num segundo momento, foi proposta uma pesquisa junto aos segmentos da comunidade escolar (pais, alunos, professores e servidores). Os resultados desse trabalho culminaram na criação de Equipes de Governo, hoje chamados Grupos de Trabalho, que abrangem as seguintes áreas: Reestruturação Curricular e Organização Didática; Espaço Físico e Organograma; Comunicação e Divulgação; Fórum Permanente; Resgate Histórico; Identidade; Vinculação. Tais grupos estão em permanente discussão, realizando seminários e constantemente se inovando.

O PPP do Colégio de Aplicação se apresenta como um processo dinâmico, em constante inovação, sempre se submetendo a avaliações e reformulações. Nas discussões quanto à organização escolar, tanto em sua amplitude quanto em relação ao espaço da sala de aula, procura-se articular os interesses reais e coletivos da comunidade escolar “quando as finalidades da escola são construídas e definidas a partir de discussões realizadas no coletivo da comunidade escolar a possibilidade de atingi-las é maior, pois estas foram traçadas de acordo com os interesses da maioria da população” (p.7).

Desse modo, visando uma formação coerente com essas finalidades, parte-se de uma prática social concreta, que pretende uma formação consciente e crítica dos alunos, para que estes sejam cidadãos atuantes na busca por uma sociedade mais justa. Essa prática, portanto, deve partir do fazer pedagógico e administrativo da escola, e está refletida nos currículos das disciplinas que estão em constante discussão e revisão, acompanhando as mudanças histórico-sociais. A metodologia curricular do CA tem por base, portanto, o “conhecimento conceitual e um enfoque interdisciplinar e contextualizado” (p.10).

Contrastando o PPP do colégio com a realidade escolar observada podemos afirmar que o colégio tem efetivado suas propostas: além das atividades de sala de aula, o CA tem aproximadamente vinte projetos em execução atualmente, dentre eles o Aplica Som, Arte na Escola, Avaliação da Aprendizagem em Língua Estrangeira, A Pesquisa em Linguística Aplicada na Escola Básica, Biblioteca Livre do Campeche, Coral do CA, Córdoba, Educação Inclusiva, Espaço Estético, Formação Professores de Francês, Iniciação Científica Júnior, LabrinCA, Pés na Estrada do Conhecimento, Projeto PASCH, Projeto Moodle, Projoit, Sapeca, Revista *Sobre Tudo*, Tchê Mané, Um Caminho Diferente Para Aprender a Ler e Escrever. Estes projetos, além de buscar a inovação educacional, possibilita uma prática

escolar diferenciada, alternativa e prazerosa para os alunos, professores e comunidade. Conclui-se, portanto, que o tripé ensino, pesquisa e extensão se encontra em prática efetiva neste espaço escolar, propiciando a nós, estagiárias, um ambiente muito adequado para a realização do nosso estágio de docência.

Quanto aos procedimentos pedagógicos praticados na disciplina de Língua Portuguesa, ressaltamos, a seguir, algumas informações colhidas durante o processo da nossa inserção escolar. Em nossa primeira ida ao CA fomos recebidos por quatro dos nove professores de Língua Portuguesa da instituição. Cada professor falou um pouco sobre a sua experiência como docente em suas turmas, bem como dos projetos de que fazem parte. Uma das professoras nos convidou para vermos a exposição que estava acontecendo no Espaço Estético do CA, cuja intenção era mostrar a função social da produção de textos. Fomos orientados a fazer alguns procedimentos junto à Coordenadoria de Estágio como, por exemplo, preencher um cadastro e pegar um crachá de identificação.

Sobre os procedimentos de sala de aula foi ressaltada desde o primeiro dia a importância dos registros no Caderno de Classe, um documento no qual os professores devem fazer anotações sobre as faltas dos alunos, os atrasos, a não participação nas atividades, etc. Este documento é utilizado pela direção no diálogo com os pais dos alunos, a fim de esclarecer questões de comportamento e atitudes em relação às atividades propostas em sala de aula. Tais informações são igualmente disponibilizadas na página *online* do CA, à qual os pais têm acesso.

A segunda ida ao CA pretendia um encontro mais específico entre os estagiários e os professores de Língua Portuguesa das turmas em que se realizariam os estágios. Ao discorrer sobre as atividades desenvolvidas em suas turmas, destacamos alguns pontos a seguir que são relevantes para nossa posterior atuação. O uso do livro didático no CA é bem flexível, pois os professores têm liberdade quanto à escolha dos seus materiais; inclusive há um acervo à disposição de cada disciplina. No caso da disciplina de Língua Portuguesa, o livro que está sendo utilizado nas turmas dos primeiros anos do Ensino Médio, dos autores Cereja e Magalhães, é o “Português Linguagens 1”¹.

Os professores comentam que o trabalho com gêneros discursivos ocorre desde as séries iniciais e, no contexto do Ensino Médio, é feito, anualmente, uma discussão sobre questões teóricas relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa. Tais discussões envolvem também a sequência de conteúdos de um ano para o outro, a fim de serem retomados

¹ CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens**: Volume 1. 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

coerentemente considerando a demanda da turma. Em relação ao estudo da gramática, os professores procuram abordá-la a partir dos textos dos alunos promovendo, assim, as práticas de uso da língua distanciando-se de meras identificações a partir de textos fragmentados.

Em se tratando do 1ºD, no primeiro dia da nossa inserção no espaço escolar a professora da turma não pôde estar presente, pois estava em sala de aula. Foi somente num segundo encontro que tivemos a primeira conversa com a docente. Ao discorrer sobre os conteúdos que estão sendo desenvolvidos na turma 1ºD, a professora nos repassou um esquema sobre os conteúdos previstos. O que ela trabalhou até então foi: memória literária, a partir da obra “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector; pediu que os alunos escrevessem uma narrativa baseada em memórias pessoais (ênfase gramatical em figuras de linguagem); fez um jogo da memória para aprofundar melhor o tema ‘figuras de linguagem’; introduziu uma discussão sobre textos literários e não literários. Atualmente está trabalhando com gêneros literários, especificamente o gênero épico: a turma está assistindo ao filme “A Odisseia” (1997), de Francis Ford Coppola, e posteriormente trabalhará “Os Lusíadas”, sendo que os alunos produzirão jogos de tabuleiro com elementos da obra literária de Camões.

Foi-nos sugerido pela professora que trabalhássemos no nosso estágio de docência com relatos de viagem antigos e atuais, e ela nos deixou à vontade para selecionar os textos a serem utilizados. Ao sugerirmos um questionário a fim de colhermos mais informações sobre os alunos, além de uma entrevista com a professora, ela nos informou que já tem um material com informações sobre a turma, e se prontificou a nos trazer este material bem como nos conceder uma entrevista. Ao final, a professora nos passou seu contato de *e-mail* e ficou acertado que na sua próxima aula já iniciáramos o estágio de observação. Ao fim deste relatório, na sessão Anexos, encontram-se os documentos que validam este estágio, inclusive os registros do período de observação (Anexos 1.1 e 1.2).

2.1.2. A TURMA

O Colégio de Aplicação recebe alunos de diversas comunidades próximas e também de localidades mais distantes, como continente, norte e sul da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Essa mescla de alunos, advindos de diversas comunidades, traz consigo diferentes perfis culturais e sociais. Existem, portanto, desde os alunos oriundos de famílias mais abastadas até os que vêm de famílias consideradas de baixa renda. Isso se deve ao processo de inserção que se dá por meio do sorteio, proporcionando uma chance de

heterogeneidade histórica, cultural e social entre os frequentadores. No entanto, por mais que seja algo diferencial do Colégio de Aplicação, essa propaganda democratização por vezes não nos parece ser tão efetiva, já que um expressivo número de alunos provém de famílias de classe média. Isso acontece, provavelmente, pelo fato de que poucas pessoas de comunidades mais carentes conhecem o processo seletivo do CA e, além de poucas pessoas terem acesso aos meios de informação quanto à data do processo seletivo que se dá pela *internet*, há aqueles que moram longe e não possuem condições financeiras para deixarem seus filhos estudarem em escolas distantes.

Quanto ao Ensino Médio do CA, público alvo do segundo estágio de docência do nosso curso, cabe expressar que é formado por quatro turmas de primeiros anos, três turmas de segundos anos e quatro de terceiros anos. A variação se dá por conta do número de alunos repetentes, que acaba demandando a abertura de uma nova turma. No caso da turma do 1ºD, na qual estamos realizando nosso estágio, há um número significativo de alunos repetentes. Outro dado importante é que as turmas de Ensino Médio funcionam apenas no período matutino e, as turmas de Ensino Fundamental, no período vespertino.

A turma observada (1º D) tem suas aulas distribuídas em dois dias da semana: segunda-feira, duas aulas, entre 07h30 às 09h00, e, na quinta-feira, duas aulas, entre 07h30 às 08h50; totalizando, nosso estágio de observação, em cinco encontros e dez aulas. A turma tem, atualmente, vinte e quatro alunos matriculados e frequentes, sendo onze do sexo feminino e treze do sexo masculino. Os alunos e alunas têm em torno de catorze e quinze anos e a maioria já estuda na escola desde os anos iniciais, o que faz inferirmos que a turma já tem certa afinidade.

Durante o estágio de observação percebemos que há muitos ‘grupinhos’ de amigos distribuídos na turma, o que costuma ser comum nas escolas, mas que, de alguma maneira, causa uma segmentação na turma por parte dos alunos. Entre os integrantes desses grupinhos percebemos que a configuração em sala não é sempre a mesma, ou seja, eles mudam de lugares a cada aula. Somente alguns alunos têm lugares fixos, os demais variam de carteiras a cada dia, porém, dentro desses ‘limites’ de afinidades.

Dentre os vinte e quatro alunos há um diagnosticado com Síndrome de Asperger e outro diagnosticado com dislexia. O aluno especial (Asperger) não recebe acompanhamento em sala de aula, já que este diagnóstico prevê que o desenvolvimento cognitivo e da linguagem do indivíduo não são afetados; portanto, foi decidido que não havia demanda de um professor auxiliar. Na nossa primeira reunião com a professora da turma ela nos relatou

que este aluno tem ‘fixação’ por aviação; demonstra certa dificuldade com abstrações; mas, no geral, realiza as atividades propostas. Já o aluno disléxico, a professora encara com mais gravidade os problemas apresentados na escrita do aluno.

A relação entre a professora e os alunos parece ser amigável e bastante tranquila. O ambiente de aprendizagem da sala é organizado tradicionalmente com as carteiras em fila e a professora ministra a aula junto à lousa. Em uma das paredes há um quadro para afixação de trabalhos dos alunos e avisos da coordenação. Com o intuito de prepararmos o nosso projeto de docência, considerando a realidade dessa turma, optamos por aplicar um questionário a fim de podermos conhecer melhor nossos futuros alunos. Como já dito, a professora já havia aplicado um questionário com a mesma intenção no início do ano letivo. Ela, então, nos repassou os resultados, a partir dos quais elaboramos apenas um questionário complementar. Considerando os resultados dos dois questionários que temos em mãos, segue uma análise das informações coletadas.

O questionário elaborado pela professora foi respondido por vinte e dois alunos que, questionados acerca de onde moram, citaram bairros diferenciados que vão do norte, sul, leste e oeste da Ilha; diversidade essa que se dá pelo fator sorteio como meio de ingresso no colégio. No que diz respeito ao gosto musical, os alunos, em sua maioria, demonstraram gostar demasiadamente do gênero *rock*. Mas, além do *rock*, muitos estilos musicais também apareceram nas respostas, como: *rap*, *funk*, *reggae*, eletrônica, MPB, etc. Outro questionamento feito pela professora e que é de nosso interesse, é concernente à leitura: ao questionar sobre o último livro lido, surgiram respostas diferentes do que é comumente visto nas escolas públicas, pois a maioria dos alunos respondeu que havia lido o último livro nas férias e citou o título do livro. Dos vinte e dois alunos, apenas dois deles disseram não se lembrarem do último livro que leram. Em relação a esses alunos, podemos atentar para o fato de que eles são os únicos que trabalham no contra turno das aulas.

Questionados sobre as disciplinas que mais gostam, a disciplina de História foi a que sobressaiu, enquanto que, em relação à disciplina que menos gostam, apareceu em maior número Matemática e Sociologia. Sobre a disciplina de Língua Portuguesa, cabe informar que apenas um aluno comentou ‘gostar menos’, enquanto três alunos disseram ser a disciplina favorita. Um dado importante em relação ao vestibular: indagados sobre se vão ou não prestar a prova, a maioria dos alunos diz pretender fazê-lo, mas poucos deles já definiram para qual curso. Dos vinte e dois alunos, apenas dois deles disseram não querer prestar vestibular, e três ainda estão em dúvida. O aluno especial não nos informou se pretende fazer vestibular,

apenas escreveu que almeja ser piloto de aeronave. Dos alunos que já definiram o curso que pretendem cursar, as respostas foram: Arquitetura, Odontologia, Artes Cênicas, Veterinária, Biologia, Design, Cinema, Psicologia, Medicina e Direito.

A professora perguntou ainda sobre o que gostariam de aprender na aula de Português, ao que dez alunos não especificaram respostas, mas, dentre os que registraram seus interesses, apareceram dicas como: ler mais histórias; assistir a filmes e séries; estudar pontuação; ler poemas e versos; ler notícias e reportagens; ouvir músicas. Quando questionados se gostaram da aula-dinâmica elaborada pela professora na primeira aula, todos os alunos demonstraram ter gostado muito da proposta, pois houve mais contato com os outros alunos e, inclusive, com a docente. Os alunos pareceram ansiar por mais aulas desse tipo.

Seguindo às considerações dos alunos referentes ao nosso questionário, pudemos adquirir outras informações relevantes que servirão para construção do nosso projeto. Informações estas que servem para compreender um pouco mais da constituição identitária dessas pessoas. Deste modo, deixamos claro que dos vinte quatro discentes em sala, vinte e três responderam ao questionário. Ao indagarmos sobre onde nasceram, percebemos que a maioria nasceu em Florianópolis. Somente dois alunos nasceram em outras cidades. Um nasceu em uma cidade (não informada) do Rio Grande do Sul e, o outro, em Capivari de Baixo (SC).

Solicitados a responder com quem moram, dos vinte e três alunos, quinze responderam morar com os pais e oito alunos disseram morar com a mãe. Dentre estes oito, metade deles declarou morar com a mãe, avós e irmãos. Sobre a profissão desses familiares, muitos não deixaram claro que cargo os pais ocupam, transparecendo certo receio de se exporem. No entanto, nas respostas dos alunos apareceram profissões muito diversificadas, que englobam diferentes classes socioeconômicas, desde as que exigem uma formação superior, como jornalista, enfermeira, farmacêutica, professora, advogada e auditor fiscal; até as profissões mais braçais, como caminhoneiro, garçom, operadora de caixa, segurança e mecânico. Essa mescla de profissões faz transparecer a forma de ingresso ao Colégio de Aplicação que, por meio de sorteio, traz um caráter mais democrático e tanta unir pessoas de diferentes histórias, culturas, regiões e ideologias.

No decorrer do questionário também indagamos aos alunos se eles trabalham. Apenas dois deles responderam que sim. Dentre eles, um disse trabalhar com *Telemarketing* e, o outro, em um minimercado das 16h às 22h. Questionados, em seguida, se eles participam de alguma atividade no contra turno, quatorze responderam que sim, surgindo vários tipos de

atividade como: igreja, esportes (*skate*, luta, academia, vôlei), escoteiros, inglês, dança, teatro, aula de música.

Em relação ao acesso à *internet*, apenas um aluno respondeu não ter computador e conseqüentemente não ter tanto acesso. Mas, a maioria dos alunos, comentou navegar na *internet* todos os dias. Somente dois estudantes disseram acessar a rede três dias da semana. No que diz respeito ao transporte que utilizam para ir ao Colégio, dezesseis alunos disseram utilizar ônibus; três disseram ir de carro e quatro comentaram que iam a pé. Essa última questão nos leva a refletir sobre o tempo que os alunos levam para chegar ao colégio e a que horas necessitam acordar. Também revela outras questões que vão além do tempo, como a suposta autonomia dos alunos, por conta da faixa etária.

No que concerne à pergunta: *você já estudou em outras escolas? Em que série começou a estudar no CA?*, a maioria dos alunos diz estar no CA desde as séries iniciais. Apenas sete alunos entraram no CA nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio. Dos que entraram depois, surgiram respostas, afirmando terem ingressado no colégio nas: 6^a; 7^a; 8^a séries e, três desses alunos, comentaram ter entrado este ano.

A última pergunta que fizemos aos alunos foi voltada especificamente à elaboração do nosso projeto de docência. Perguntamos se os alunos tinham o hábito de viajar e se eles haviam feito alguma viagem marcante. Para a nossa surpresa, a maioria dos alunos respondeu ter este hábito (doze alunos). Dos que responderam não viajar muito, citaram algumas viagens marcantes (sete alunos). Apenas três alunos disseram não ter o hábito de viajar. Entre as viagens mais marcantes, surgiram lugares como: Minas Gerais (seis alunos); Estados Unidos (dois alunos); Rio de Janeiro (dois alunos); Itália; Recife; Rio Grande do Sul (três alunos) e Salvador.

Delineado o perfil da turma, através dos resultados obtidos com o questionário, podemos dizer que estamos lidando com uma turma heterogênea em vários aspectos, o que se mostra um desafio na elaboração do nosso projeto de docência. Porém, estamos confiantes de que são alunos acessíveis, como demonstraram em relação ao primeiro dia de aula da professora da turma, e é isso que levaremos em conta adiante no nosso estágio de docência.

2.1.3. A PROFESSORA DA TURMA

Para conhecer um pouco melhor a professora da turma, bem como compreender suas práticas pedagógicas, realizamos, com ela, uma entrevista por *e-mail*, partindo de um questionário que pretendia evidenciar melhor suas atividades na disciplina de Língua

Portuguesa. Das respostas que nos foram gentilmente cedidas, destacamos, a seguir, alguns dados que julgamos importantes para compreender melhor a sua prática docente. A professora da turma 1ºD tem 24 anos de idade, graduou-se em Letras Português pela UFSC, é mestre em Educação pela mesma universidade e iniciou sua carreira docente há apenas um ano. Está há três meses lecionando no CA, como professora substituta, cumprindo uma carga horária de quarenta horas semanais. Além do CA, a professora leciona durante dez horas semanais, no período noturno, para três cursos no Centro Universitário de São José (USJ), também como professora substituta.

No CA a professora atende atualmente quatro turmas de primeiro ano e uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, totalizando uma média de 125 alunos no total, além dos 90 alunos da USJ. Sobre o planejamento das aulas, a professora esclarece que entrou no CA no período em que as aulas já estavam iniciando, portanto, não participou das primeiras reuniões e discussões com os demais professores da escola. Seu planejamento das aulas se deu a partir de materiais dos anos anteriores que lhe foram repassados. Em geral, ela diz que o planejamento está fluindo, e que pede ajuda aos outros professores quando necessário: “até agora o diálogo é bastante simples e de fácil acesso. Está dando certo”; comenta a professora. A professora desabafa em relação à falta de tempo diante da realidade atual que é dar aula em duas instituições, e diz que geralmente prepara as aulas no final de semana ou até mesmo no dia anterior à aula.

Questionada sobre a maneira como desenvolve as habilidades de leitura, escrita, escuta e oralidade, a professora diz que procura trabalhar com essas categorias em conjunto: “penso, geralmente, em atividades que contenham textos escritos, tanto para discussão com os alunos, como para análise. Para isso, os alunos precisam ler o texto, falar sobre o texto, escutar os colegas e, posteriormente, registrar as discussões”. A professora ressalta que gosta de fazer trabalhos em grupos, pois percebe um maior envolvimento dos alunos nas atividades.

Quanto à escrita, especificamente, a professora diz: “além das orientações prévias à elaboração das produções textuais (indicando características dos gêneros, uso, meio de circulação, etc.), não deixo apenas em uma versão, eles sempre refazem seus textos baseando-se nos meus comentários escritos”. E, em seguida, comenta a maneira como avalia as atividades escritas:

Geralmente sigo 4 critérios básicos: 1) Adequação ao gênero e ao tema (inclui forma e características do gênero textual e entendimento da proposta); 2) Coesão e coerência (tanto entre parágrafos, como em relação ao próprio tema proposto); 3) Informação e argumentação (dependendo do gênero, a pertinência dos comentários e da argumentação, bem como fundamentação, dados e fontes dos dados); 4) Norma

padrão da língua (considerando as especificidades dos gêneros e a formalidade ou informalidade requerida).

Por estar há pouco tempo no CA a professora ainda não está envolvida com projetos específicos, apenas com a Olimpíada de Língua Portuguesa, promovida pelo MEC. Quanto à sua concepção de língua e de sujeito a professora discorre:

Por ter me graduado recentemente, tendo contato com teorias bakhtinianas, não vejo como não estar inserida nesse contexto. Acredito e concordo que o sujeito se constitua em sociedade, por meio da interação com outros sujeitos. A língua, nesse sentido, é construída pelos sujeitos que a utilizam, tanto no uso cotidiano, como em qualquer outro aspecto que possa ser possível. O sujeito, apesar de constituído pela sociedade, tem poder de reflexão sobre si e sobre a língua, criticando e modificando tanto a si mesmo, como a linguagem que utiliza. (...) Sujeito e língua(gem) são indissociáveis, bem como a sociedade e a interação entre os sujeitos e a língua.

A professora afirma que, como integrante de uma sociedade grafocêntrica, a leitura perpassa seu dia-a-dia em todos os momentos, e quando utilizadas socialmente, as práticas de leitura e escrita se tornam inúmeros eventos de letramento. Como professora de Língua Portuguesa ela procura estar sempre atenta a isso, seja no contato com seus alunos ou em outras relações. Quanto as suas leituras atuais, ela diz que no momento está lendo vários livros, mas nenhum por escolha própria, pois se referem a leituras obrigatórias da escola e da outra instituição onde leciona. Sobre a relevância da biblioteca no seu planejamento, ela considera relevante contar com este espaço no seu planejamento, mas no momento precisa se organizar sem ele, já que os servidores estão em greve e a biblioteca está fechada, o que faz muita falta, diz a professora, pois os alunos do CA tem uma meta de leitura anual de quatro livros por aluno. E neste caso, precisam recorrer a outros meios que não a biblioteca.

Nossa última pergunta abria espaço para que ela fizesse outras observações que achasse relevante, e neste espaço a professora gentilmente dirigiu algumas palavras a nós, estagiárias, dizendo para ficarmos tranquilas, pois ela já esteve em nosso lugar e conhece o processo do estágio, e que se algo ocorrer fora do esperado, que encaremos isso como um aprendizado. Impressionando-nos positivamente com sua sinceridade, a professora ressaltou que, mesmo sendo professora titular, há momentos em que ela também não sabe como agir, mas diz que quando estamos preparadas temos condições de improvisar; e ela sabe que estamos preparadas. Citamos suas últimas palavras, que preferimos não parafrasear: “Êxito! (porque sorte é só para quem não está preparado)”.

2.1.4. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA DOCENTE

2.1.4.1. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA DOCENTE, POR BERENICE FERREIRA DA SILVA

A prática docente, segundo reflexões e estudos realizados durante o curso de Licenciatura, necessita o estabelecimento de algumas concepções frente à realidade escolar. Como profissional das Letras, ao lidar diretamente com a linguagem, o/a professor/professora de Língua Portuguesa deve, antes de qualquer planejamento, estabelecer uma concepção de ensino, de sujeito e de língua a fim de nortear sua prática pedagógica. Por sinal, os documentos que regulamentam o ensino no Brasil apresentam em seus eixos norteadores tais concepções, a exemplo da Proposta Curricular de Santa Catarina, que considera o sujeito em seu contexto social e histórico e propõe uma concepção de aprendizagem baseada nos processos histórico-culturais do sujeito.

Durante o estágio de observação, realizado na turma 1ºD do Colégio de Aplicação, foi possível observar a prática da professora da turma levando em conta não apenas a sua atuação em sala de aula, mas também as conversas e informações obtidas em outros momentos. O que se pode dizer, intuitivamente, é que a professora se mostra muito aberta tanto na relação professora-alunos quanto na relação professora-estagiárias. Ela se mostrou solícita em todo o tempo, com a turma e conosco, demonstrando compreender a autonomia dos sujeitos em suas relações.

Porém, fazer uma análise da prática da docente em questão, não deixa de ser uma tarefa um tanto arriscada, visto que o tempo de observação foi relativamente curto para verificar a sua atuação com mais criticidade. Portanto, considerando o que foi observado em sala, além da entrevista que nos foi concedida pela professora e os demais encontros ocorridos, propõe-se, a seguir, uma análise da prática docente no que concerne ao ensino de língua, oral e escrita; à abordagem da gramática; e um breve comentário sobre o processo de avaliação praticados nas aulas de Língua Portuguesa da turma 1ºD.

Como dito anteriormente, na atuação docente é imprescindível ter na base de qualquer planejamento uma concepção de sujeito e de língua, e na entrevista realizada, a professora da turma afirma compartilhar dos pressupostos de que o sujeito é constituído em sociedade, remetendo às teorias bakhtinianas e a reflexões como a de Geraldí (2010), que afirma (p.32): “somos sempre inconclusos, de uma incompletude fundante e não casual”. E esse processo de constitutividade do sujeito, conforme afirma o autor e sustenta a professora, se dá a partir da interação com outros sujeitos, o que remete à questão da língua: a interação entre os sujeitos é mediada pela linguagem; sujeito e língua/linguagem são indissociáveis.

Tendo tais concepções como horizonte, é possível, então, analisar algumas práticas adotadas pela professora e observadas em sala de aula. No que concerne à oralidade e à escrita, a professora procura sempre desenvolver as duas habilidades conjuntamente, e para isso se vale da leitura como mediadora. Um exemplo disso é a atual atividade que está sendo desenvolvida com a turma: a partir da leitura da obra “Os Lusíadas”, os alunos deveriam produzir um jogo de tabuleiro com elementos da obra. De alguma forma essa atividade retoma a proposta de ‘tecedura’ apresentada por Geraldi (1997), quando trata da produção de sentidos a partir da interlocução no processo de leitura do texto.

No caso de “Os Lusíadas”, um texto canônico de ‘difícil’ leitura considerando a data em que foi escrito, a professora busca na proposta do jogo um ‘pretexto’ para o envolvimento da turma com o texto. Além disso, os alunos poderão fazer relações desse texto literário com outros gêneros, já que a produção de um jogo demanda também a produção de um manual. No limite, trata-se de uma leitura que gera produção, não apenas do próprio jogo em si, mas pela interlocução que promove entre diferentes tempos através da língua, e pelo diálogo entre diferentes gêneros textuais. Durante uma das aulas em que os alunos produziam os jogos, a professora trouxe modelos de manuais e explicou o gênero, efetivando, assim, o que propõe Geraldi (1997) sobre o processo dialógico motivado pelo texto (p. 166): “pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história”.

Em relação à maneira como a professora aborda a gramática em sala, não tivemos a oportunidade de presenciar um evento específico, mas através de outros encontros, ficou claro que tal abordagem é feita através dos textos, ou seja, a gramática é estudada a partir dos usos sociais da língua – afinal, o ensino de língua pautado na mera classificação gramatical diverge de todo o trabalho de pesquisa desenvolvido nos últimos anos pelos pesquisadores da língua. O desenvolvimento do tema ‘figuras de linguagem’, por exemplo, ocorreu através da produção de textos sobre memórias pessoais dos alunos. Isso reflete um ensino de gramática mais atento ao processo de “como usar” e “como combinar” as unidades da língua, para usar a expressão de Antunes (2003); ou seja, o texto, em sua função social, sendo espaço para reflexão das regras gramaticais.

As observações sobre a prática docente se encerram analisando a maneira como a professora avalia os conteúdos desenvolvidos em sala. A docente diz perceber maior desenvoltura e interesse dos alunos quando as atividades são desenvolvidas em grupo, portanto, ela procura investir nessas atividades. Raramente a professora aplica provas, geralmente suas avaliações são produções textuais considerando sempre o processo de

reescrita. Além disso, ocorrem algumas atividades, orais e escritas, de interpretação de texto, tendo como apoio o auxílio da professora e os materiais já produzidos.

A postura da professora diante dos resultados das atividades avaliativas se mostra compreensiva, levando em conta a individualidade e competência de cada aluno procurando orientá-los, no caso das produções escritas, quanto à norma padrão da língua. Aliás, a professora coloca a norma padrão como um dos critérios a serem avaliados nos trabalhos dos alunos, mas ele não é o único e nem o principal. Segundo Antunes (2003), o papel do professor é (p.166) “estimular, em cada momento, a tentativa de produção do aluno e orientá-lo na aquisição dos padrões adequados”.

A partir das considerações acima, conclui-se, portanto, que a prática docente observada nas aulas de Língua Portuguesa da turma 1ºD reflete as concepções defendidas pela professora e atendem a um dos objetivos principais da Proposta Curricular de Santa Catarina que é fazer um trabalho *com* a língua. Diante dessa conclusão, cabe a nós, estagiárias, continuar observando a prática da docente com a devida criticidade e implementar, num futuro próximo, nossas concepções de ensino, língua e sujeito em nosso estágio de docência.

2.1.4.2. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA DOCENTE, POR NATASSIA D’AGOSTIN ALANO

Na faceirice das palavras me oferecem todos os seus lados. Então a gente sai a vadiar com aquelas por todos os cantos do idioma. Ficamos a brincar brincadeiras e brincadeiras. Porque a gente não queria informar acontecimentos. Nem contar episódios. Nem fazer histórias. A gente só gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas que aumentassem o nada. A gente não gostasse de fazer nada que não fosse de brinquedo. Essas vadiagens pelos recantos do idioma seriam só para fazer jubilação com as palavras. Tirar delas algum motivo de alegria. Uma alegria de não informar nada de nada (...)
(Manoel de Barros, **A Terceira Infância**)

Anterior a qualquer ação dentro de sala de aula, vem a autorreflexão do profissional em compreender o *porquê* atuar como professor(a). Não basta irmos com o corpo, sem, antes, delimitarmos (a nós mesmos) o que leva a escolher essa profissão. Do mesmo modo que um médico ou um advogado tem seus interesses e seus anseios, o professor também, como atuante em um meio social, onde há o contato efetivo com pessoas de todas as culturas, tem suas intenções. Estas intenções vão desde o sonho mais utópico de mudar o mundo ao sonho mais restrito de alfabetizar alguns mundos. Quando escolhemos um caminho, uma curva, uma viela, ou seja lá o que for, escolhemos à luz de alguma experiência, de alguma projeção. Não é comum escolhermos a dedo a profissão de *ser professor*, como não é comum escolhermos qualquer outra coisa que possa se estender por uma vida toda. Escolhida a profissão, teríamos,

deste modo, antes que uma responsabilidade social, um anseio pessoal que fez de nós escolhermos determinada área de atuação.

Acreditamos, portanto, sem querer restringir ou ter um olhar conservador, que *ser professor* é trabalhar socialmente, ou seja, trabalhar com pessoas. E trabalhar honestamente com pessoas implica uma das coisas mais difíceis para o ser humano: aceitar as diferenças. Mas, como escrevera Deleuze (2003), *não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de estar em seu lugar o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo*. Dentro dessa premissa, acreditamos que estar em sala de aula não é somente carregar uma bagagem de todos os conhecimentos científicos acumulados por toda a vida acadêmica, mas compreender que, antes de qualquer conhecimento, há de se ter a noção de que trabalhar com o outro significa ter um olhar sensível e antropológico diante de cada olhar e de cada corpo que passa por nossa ação como professoras(res).

Por essa razão, há de, ao menos, termos em mente que cada aluno, cada professor, cada funcionário, cada pai e cada mãe, carregam uma história, carregam uma cultura, carregam um olhar. Cada olhar pode, portanto, diferenciar-se de nosso olhar. E, por diferenciar de nosso olhar, precisamos exercitar *a noção de lugar*. Ou seja, buscar sempre nos colocarmos no lugar do outro e, deste modo, tentar enxergar de como o outro me vê e, de como o outro vê o mundo a partir do lugar em que ele fala.

Colocamos essa ressalva por conta de nosso olhar sobre *os outros* durante a observação. O período de observação em sala de aula precede à etapa de docência, portanto, considera-se um momento de extrema importância para verificar, *in locu*, não somente as características da turma, mas, principalmente, os procedimentos didáticos e metodológicos que o professor regente executa nas suas aulas. Deste modo, procuramos sempre extrair o melhor nessa etapa de análise, na busca de amadurecermos e aprendermos ainda mais como futuras professoras.

A partir das orientações da professora orientadora Isabel Monguilhott, durante esse período dentro de sala buscou-se observar o conteúdo e tema da aula, seus objetivos, a metodologia adotada para atingir tais objetivos, a avaliação realizada, a participação dos alunos, entre outras informações pertinentes à turma, à aula e ao professor.

Neste sentido, exercendo a noção de lugar, podemos comentar um pouco acerca do fazer-docente da professora regente da turma do 1ºD. Mas, antes disso, cabe dizer o quanto o Colégio de Aplicação se distancia da nossa escola pública estadual e municipal. Distancia-se não só na estrutura, mas também quando se fala em acesso, em organização administrativa e

em condições de trabalho dos professores e servidores. Além disso, distancia-se, sobretudo, na formação desses professores e nas suas práticas teórico-metodológicas.

Portanto, diferentemente do que estamos habituados a ver no curso de Letras-Português da UFSC, do que fomos acostumados a olhar e a (não) compreender, o Colégio de Aplicação, o lugar da utopia, é uma instituição renomada que, como comentamos acima, traz um corpo docente com uma formação diferenciada. Este é o exemplo da professora de português do 1ºD que é formada na UFSC e tem mestrado em Educação, na mesma instituição. Ela, contratada como substituta por dois anos - diferentemente do contrato de ACT (professores contratados em caráter temporário) nas escolas estaduais e municipais - recebe um salário bem remunerado, tem uma carga horária considerada ideal e condições de trabalho que levam em conta a ação e a saúde do professor. Todas essas premissas fazem com que o fazer-docente seja elaborado e adequado a cada turma e, além disso, faz com que o professor não fique sobrecarregado em suas atividades.

Todas estas questões caminham em direção à escola ideal. Mas o que seria a escola ideal? Se a estrutura, a organização, o ambiente escolar andam de mãos dadas com a formação do professor, por que nas aulas de português muitas vezes parece não haver um *atravessamento* entre professor e aluno? Escrevo isso não na ideia de julgar nem professor, nem escola, nem quaisquer questões. Mas, para suscitar alguns questionamentos que dizem respeito ao nosso fazer-docente.

Quer dizer, por mais que a professora da turma demonstre se empenhar quando dialogamos com ela nos corredores do colégio é válido comentar que em algumas aulas planejadas, nem sempre parece haver um despertar no aluno pelo interesse do estudo da língua(gem). Isso talvez se dê ao fato de que a professora carrega uma carga horária mais pesada que alguns professores do mesmo Colégio, já que, além de trabalhar no Aplicação, também trabalha dando aulas em uma instituição universitária. Além disso, diferentemente dos professores efetivos, os substitutos foram contratados uma semana após o início das aulas, culminando em uma não participação destes professores nas reuniões de planejamento anual. Ou seja, cabe aos professores substitutos correrem contra o tempo e serem autônomos em seus planejamentos que é o que demonstra a professora com que temos contato, já que sempre aparenta buscar participar das reuniões e nos atende com respeito e atenção quando solicitamos sua ajuda.

A professora é empenhada e, como mestre em Educação, numa perspectiva *bakhtiniana*, considera os sujeitos constituídos em sociedade. Considerá-los de tal modo,

exige um olhar histórico-cultural para que saibamos com quem estamos lidando, com quem estamos dialogando. Colocar-se diante dessa perspectiva significa admitir que nós, homens e mulheres, somos sujeitos situados e constituídos numa sociedade. Quer dizer: somos sujeitos que viemos de um determinado lugar, tivemos contato com determinadas pessoas, frequentamos certos ambientes, lemos certos livros, assistimos a tais filmes, etc. Todas nossas relações fazem com que possamos mudar, de alguma maneira, nossas visões sobre o mundo.

É por este motivo que, talvez, tenhamos que vestir a noção de história e constituição dos sujeitos. O professor, compreendendo diferentes possibilidades de *olhar*, pode, deste modo, atuar para que aconteça efetivamente o *ensino* e a *aprendizagem*, visto que não é à toa que observamos, não é à toa que temos que conhecer a escola e, não é à toa que temos que conhecer nossos alunos. Só conhecendo é que saberemos, de fato, como agir numa sala de aula, como agir no contexto escolar de forma que nosso trabalho possa repercutir e, de fato, acontecer. Como escrevera Ponzio (2010, p. 102): “quanto mais nos reconhecermos como estrangeiros, mais poderemos receber a estrangeiridade do outro”.

Desta maneira, estamos cientes de que, compreendendo que nossas relações são feitas pela interação com diferentes tipos de pessoas, compreendemos, também, que as pessoas aprendem e, portanto, desenvolvem-se em relação de interação com o outro (VIGOTSKI, 1934). Porque é na interação que se dão as trocas de experiências e de saberes. Portanto, compete ao professor mediar de forma que haja o encontro entre professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno e que esse encontro sirva para potencializar as práticas de uso da língua.

Fazer tais considerações decorre da observação do fazer docente, que nos mostrou certo distanciamento da turma. Quer dizer, por mais que a professora parta de uma visão histórico-cultural onde vê a palavra como *ativa*, ou, tal como escrevera o filósofo Bakhtin (1929), a linguagem como uma *célula viva*, parece não haver o *encontro da outra palavra com a palavra outra* (PONZIO, 2010). Neste caso, os gêneros discursivos com todo o processo de planejamento onde uma aula é ligada à outra, nem sempre suporta quando a mediação da aula parece carecer de um algo a mais. E não falamos de respeito porque há respeito em relação professor-aluno. Falamos de entrosamento e *atravessamento*.

A partir do momento em que entro em sala de aula e não cumprimento as pessoas com quem vou ter quase duas horas de contato diário, eu abduco da perspectiva *bakhtiniana*. Por mais que seja um ato simplório, algo irreparável e talvez ínfimo em relação às inúmeras situações dentro da sala de aula, um *bom dia* ou um *até a próxima aula*, faz com que você

considere estes sujeitos no tempo e no espaço. Faz com que você tenha um olhar sensível e antropológico em relação a estes sujeitos. E é deste modo que consideramos a palavra viva. Não só no ensino de Língua Portuguesa, mas na interlocução e diálogo com os alunos. Viva, a palavra se modifica como nós, também, nos modificamos. Aceitar isso também é um exercício de instabilidades e de *chão movediço*.

Diante destas questões, cabe salientar que, além de transparecer não haver encontro entre professor e alunos, estes acabam não se sentindo parte da construção do conhecimento. E a apatia por parte dos discentes pode se dar, justamente, por este fato: não serem despertados a participar ativamente em sala de aula. Todas estas questões vão além da nossa área da atuação, pois exige não só os conhecimentos teóricos que concernem ao ensino e aprendizagem da língua materna, mas que trabalha com outras áreas de atuação que são, de certo modo, um pouco distantes no decorrer do nosso curso, já que temos pouco contato com os teóricos da educação. Neste sentido, ser professor é ultrapassar a barreira do que é nos apresentado na formação acadêmica e buscar compreender um pouco de cada campo como sociologia, antropologia, filosofia e psicologia, já que trabalhar com pessoas exige ampliar nossos conhecimentos, *desfocar*, ou melhor, não necessariamente buscar saber sobre *tudo*, mas compreender o *todo*.

Comentar acerca destas questões em sala de aula, de um não-encontro e de um não-atravesamento, não é apontar o dedo e dizer: *isso está errado*. Mas atentar para o fato de que não só de conhecimentos específicos se faz uma aula. E todas estas questões servem para despertar em nós, estagiárias, um olhar diferenciado, permitindo que toda a informação e estudo durante quatro ou cinco anos de graduação seja acrescentado de experiência que, segundo Bondía (2002, p.28), “não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pre-ver’ nem ‘pré-dizer’ ”. Observar o fazer-docente de outro professor é conhecer um mundo de possibilidades, relações, ações e situações, a fim de que possamos compreender como é o dia-a-dia de uma sala de aula e entender que quando trabalhamos com pessoas não há nenhuma bula onde nos indique o que fazer, mas inúmeras situações com que possamos nos inspirar ou extrair dali mais uma experiência observada.

3. O PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1. PROBLEMATIZAÇÃO

Após o período de observação, que corresponde à primeira etapa da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, partimos para a elaboração deste projeto de docência que consiste na segunda etapa da nossa experiência junto à turma do 1ºD, do Colégio de Aplicação da UFSC. Para tanto, levamos em conta não somente a esfera da comunidade escolar com a qual estamos envolvidas, mas também os conteúdos que abordaremos nas aulas a serem lecionadas. Tudo isso, com embasamento em alguns pressupostos teóricos a serem mencionados a seguir.

Este projeto está ancorado em algumas propostas teóricas que defendem a concepção de língua enquanto prática social, prevendo o ensino e a aprendizagem de leitura e escrita por meio de usos sociais da língua, nas suas mais distintas esferas da atividade humana. Além disso, levamos em conta as teorias de *gêneros discursivos*, de Bakhtin (1920-24; 1952-53), e de *Letramento*, de Street (1984) e Kleiman (1985), a partir das quais agenciaremos nossas futuras ações docentes, considerando atentamente os sujeitos envolvidos neste processo. Sujeitos estes, situados histórica e culturalmente, para corroborar também com os Parâmetros Curriculares Nacionais e com o próprio Projeto Político Pedagógico da escola, os quais se inscrevem igualmente nesta perspectiva.

Ressalte-se que, durante o estágio de observação conhecemos a escola, interagimos com a coordenação e alguns professores, obtivemos algumas informações da turma por meio de dois questionários aplicados, e mantivemos uma proximidade com a professora da turma durante todo o tempo. Em decorrência dessas informações e dos pressupostos supracitados, planejamos nossa prática docente de modo a potencializar as práticas de uso da língua nas modalidades *leitura e escrita, fala e escuta*, visando a hibridização entre teoria e prática. Sendo assim, temos por objetivo articular e mobilizar os usos que se fazem da linguagem no ambiente escolar, buscando a expansão dos resultados desse trabalho em contextos mais amplos, ou seja, uma aprendizagem que se amplie para outras situações sociais da vida dos alunos.

3.2. ESCOLHA DO TEMA

A proposta do tema surgiu no início do processo do estágio, a saber, no primeiro encontro que tivemos com a professora da turma 1ºD. Nesta ocasião, a professora compartilhou conosco um resumo do conteúdo previsto para o ano letivo, e sugeriu que trabalhássemos com o gênero textual *relatos de viagem*. Mediante a escolha do tema, deu-se todo um trabalho de pesquisa de materiais a serem utilizados nas aulas propostas, bem como o

estudo deste gênero literário, a fim de implementarmos tais conhecimentos na nossa prática docente. Definidos os materiais, surgiu o título do projeto: *relatos de viagem: onde viajar é o caminho e relatar é a lembrança*.

A escolha deste título dialoga com a temática que iremos trabalhar, a saber, o gênero *relatos de viagem* e sua relação com a memória. Ao focarmos a viagem enquanto *o caminho*, atentamos para as razões praxiológicas da vida em sociedade. Por sua vez, o ato de *relatar* relacionado à *lembrança*, versa sobre a funcionalidade da escrita na constituição dos relatos de viagem, e estes, enquanto apoio de memória pessoal e/ou coletiva.

A partir das decisões tomadas e explicitadas acima, pretendemos implementar as práticas de uso da língua nas modalidades de escrita, leitura, escuta e fala, despertando a atenção dos alunos para as infinitas possibilidades oferecidas pela linguagem, que estão a serviço do projeto de dizer de cada sujeito.

3.3. JUSTIFICATIVA

A relevância deste projeto pode ser resumida nas seguintes proposições: que os alunos se apropriem de usos da linguagem necessários à sua integração na vida social, que lhes ofereça a oportunidade de se reconhecerem no gênero *relatos de viagem*, seja nos antigos, que retomam uma perspectiva histórica, seja nos atuais, que mostram que este gênero circula na sociedade e está difundido em vários tipos de suportes. Além destas proposições, considerando o contexto de aprendizagem do Ensino Médio, será uma oportunidade de os alunos entrarem mais uma vez em contato com a literatura canônica e de informação, através dos relatos antigos.

Considerando as concepções teóricas apontadas acima e explanadas, a seguir, com mais profundidade, tais propostas serão empreendidas por meio da linguagem em suas mais diversas formas. Pretendemos, com isso, estimular as habilidades dos alunos no uso da linguagem ampliando seus conhecimentos sobre língua e literatura, impulsionando-os, assim, a mais um passo na direção de serem efetivos sujeitos autônomos e críticos.

3.4. REFERENCIAL TEÓRICO

3.4.1. CONCEPÇÃO DE SUJEITO

Durante a graduação em Letras Português, mais especificamente na disciplina de Linguística Aplicada, tivemos contato com leituras de estudos acerca dos processos de educação em língua materna, os quais se estruturam a partir do ideário histórico-cultural e, por essa razão, baseiam-se na concepção de *sujeito historicizado*. A partir de algumas leituras de Bakhtin e outros teóricos, entendemos que o sujeito é situado em sociedade de maneira histórica e cultural. Assim, compartilhamos da concepção de que, tal como escreve Geraldini (2010, p. 30), “somos sujeitos constituídos, premidos pelas condições históricas e não por elas determinados”.

Assumir tal posicionamento significa dizer que somos sujeitos capazes de mudar a nossa história, isso porque estamos falando de sujeitos plurais e não unos, conforme afirma o autor (1991, p. 51): “[...] não só a linguagem se constitui pelo trabalho dos sujeitos; também estes se constituem pelo trabalho linguístico, participando de processos interacionais”. Admitir que o sujeito se constitui pela linguagem é concordar com o fato de que somos feitos a partir das vozes sociais que nos cercam.

Portanto, defender tal concepção de um sujeito único, inconcluso e insolúvel, responsável e responsivo, provoca-nos um olhar mais sensível e mais desperto em relação a nossa prática docente, posto que, assim como os alunos, também estamos em constante processo de aprendizagem. Assumir a concepção de sujeitos situados histórica e culturalmente é acreditar num ensino e aprendizagem que se dá de forma dialógica, em que o *eu* encontra o *tu* e o *tu* me encontra; em que há vozes nas bocas dos falantes e, acima de tudo, em que há falantes que comportam diferenças entre si.

3.4.2. CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM)

A partir da vertente assumida, que entende o sujeito em seu contexto histórico-cultural, tratamos *língua* e *linguagem* ambas concebidas como objeto social - concebido no plano filosófico de *objeto de conhecimento* e materializado em práticas sociais de usos da língua -, as quais instituem relações interpessoais entre os sujeitos historicizados. A Linguística Aplicada compartilha da concepção de Voloshinov (1986[1929], p. 123), que afirma:

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem.

Tal afirmação nos permite dizer que o aprendizado da língua não deve ser pautado em frases soltas, como se fossem peças deslocadas de um mosaico, e sim num plano real, contextualizado, com sujeitos *vivos* e que “falam” nas interações sociais que estabelecem entre si. Isso pressupõe que, ao lidar com linguagem verbal, lidamos com sujeitos e, ao lidar com sujeitos, lidamos com linguagem verbal. A língua, à luz da perspectiva bakhtiniana, é uma *célula viva*, portanto, não é deslocada de seu contexto e de seus falantes; em outras palavras, a linguagem verbal pressupõe falantes.

Estar no plano da concepção da linguagem tomando-a enquanto uma atividade social é admitir que, segundo Rajagopalan (2003, p. 125), ela “se constitui em importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas constantes lutas”. Assim, trabalhar com a linguagem em seus usos práticos, ainda de acordo com o autor, é agir politicamente. Nessa perspectiva, entendemos que a língua não é um sistema pronto do qual os sujeitos simplesmente se apropriam, pelo contrário, a língua se constrói no processo de interlocução, a partir dos *encontros* (PONZIO, 2010), na intersubjetividade (VIGOTSKI, 2000 [1978]).

Inscrever-se a partir dos pressupostos da Linguística Aplicada é comungar com a ideia de que a linguagem não é fechada em um significado apenas, mas que nela, podemos admitir inúmeras possibilidades. Cabe-nos, portanto, potencializar as práticas de uso da língua; impulsionar nossos alunos a se inserirem, efetivamente, em esferas da atividade humana distintas daquelas que lhes são imediatas; questionar discursos, explorar *quem* fala, *o que* fala e *por que* fala. Filiar-se a essa concepção de linguagem implica compreender criticamente a dimensão discursiva da língua, provocando deslocamentos e rompendo com olhares instituídos historicamente pelas relações de poder.

3.4.3. GÊNEROS DO DISCURSO

Como escreve o filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin (2010, p.341), “ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*”; e só podemos ser para o outro e o outro para nós a partir dos *encontros* que acontecem em esferas da atividade humana, ou seja, em contextos os mais diversos mediados

pela linguagem. Linguagem essa que, entre os sujeitos, funciona para além da comunicação, permitindo que o sujeito se constitua através da interação com o outro.

Cabe, neste caso, sintetizarmos que, onde há esta ou aquela esfera de atividade humana, a linguagem está atuando e, por sua vez, também os *gêneros discursivos*. Somos seres que não falamos no vazio, sempre há quem fale e quem escute, quem escreva e quem leia. Afirma Faraco (2008, p. 126-127), inspirado na perspectiva bakhtiniana:

O agir humano não se dá independentemente da interação; nem o dizer fora do agir. [...] Estipula-se que falamos por meio de gêneros no interior de determinada esfera da atividade humana. Falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade.

A partir dessa noção de que o *agir humano* se faz dentro de uma esfera e por meio da linguagem, podemos salientar que, a linguagem, tal como qualquer outro ato humano, também é usada dentro de um contexto. Logo, a prática docente, segundo a perspectiva em que estamos nos inscrevendo, não concebe a língua abstratamente e/ou em seu estudo metalinguístico, mas concebe a língua enquanto prática, presente nos textos; nos gêneros discursivos. De acordo com Silva (2009, p.38), “os gêneros norteiam as interações sociais e, ao mesmo tempo, são por elas norteados; apresentam flexibilidade para as organizações dos enunciados; servem como baliza para o dizer social; trazem, intrinsecamente, todo um universo axiológico”.

Portanto, ratificamos a importância da língua(gem) no contexto das esferas sociais, pois é por meio dela que interagimos com o outro e com o mundo numa relação dialógica. O gênero que abordaremos com mais foco neste projeto são os *relatos de viagem*, embora isso não descarte o diálogo com outros gêneros.

Concluimos reafirmando que, neste projeto, pretendemos implementar as práticas de uso da língua seja na *leitura de textos*, nas *práticas de produção de textos* e nas *práticas de análise linguística*, para corroborar com o que propõe Geraldi (1997 [1991]); pois por meio do texto, se pode refletir sobre a língua(gem) e atuar com e sobre ela.

3.5. OBJETIVOS

Promover a potencialização das práticas de uso da língua por parte dos alunos – em interações situadas histórica e culturalmente – nas diferentes esferas da atividade humana; buscar a horizontalização das práticas sociais dos alunos hibridizando-as com novas práticas e proporcionando a eles a imersão em diferentes meios de linguagem; convidá-los a

problematizar, refletir e atuar no já dado, como forma de torná-los protagonistas de suas vidas.

Através da metodologia proposta, conduzir os alunos à reflexão acerca do gênero *relatos de viagem* e suas implicações na sociedade atual bem como em sua própria realidade. Além disso, objetivamos instigar nossos alunos nas atividades de leitura e escrita conduzindo-os a perceber as possibilidades da linguagem dentro da proposta trabalhada, levando em conta sua memória e promovendo um olhar sensível em relação à experiência de viajar.

3.6. METODOLOGIA

O projeto será implementado através de atividades diversas, a fim de desenvolvermos da maneira mais produtiva possível o trabalho com o gênero *relatos de viagem*. Para tanto, abordaremos o tema por meio de reflexões orais e escritas; exibiremos vídeos e músicas; realizaremos leituras individuais e coletivas; elaboraremos alguns materiais visuais e artísticos junto aos alunos; promoveremos uma “pequena viagem” com os alunos. Enfim, propomos atividades que sejam condizentes com os pressupostos ressaltados acima visando, em todo o tempo, estimular a participação dos alunos nas discussões, convidando-os a ler, questionar e escrever textos quando solicitados.

Corroborando com as perspectivas teóricas, promoveremos a utilização da língua(gem) em suas diversas formas orais e escritas, contribuindo para que os alunos alcancem a percepção das possibilidades de dizer e incorporem algumas dessas possibilidades em seu próprio repertório.

Ressalte-se que, as aulas ocorrerão entre os dias cinco e vinte e nove de maio do corrente ano, correspondendo às 16h/a de prática docente exigidas para esta etapa do estágio². Nos anexos deste projeto constam os Planos de Aula, os quais detalham o planejamento de cada uma das aulas elaboradas a partir do tema proposto.

Abaixo, elaboramos ainda um cronograma resumido das atividades a se realizarem durante o nosso estágio de docência:

² Cada aluno-estagiário deve cumprir uma carga horária de 14h/a divididas entre estágio de docência e atividade extraclasse. Cumpriremos, portanto, 16h/a de atividade docente em sala de aula, sendo 8h/a para cada estagiária, e 12h/a em atividade extraclasse, sendo 6h/a para cada estagiária, somando, assim, as 14h/a exigidas.

Data	Horário	Tema da Aula
05/05 – Aula 1	7h30 às 9h	Apresentação do projeto; Introdução ao tema.
08/05 – Aula 2	7h30 às 8h50	Atividades envolvendo um relato de viagem do século XVIII.
12/05 – Aula 3	7h30 às 9h	Atividades envolvendo um relato de viagem do século XX.
15/05 – Aula 4	7h30 às 8h50	Atividades envolvendo um relato de viagem do século XXI.
19/05 – Aula 5	7h30 às 9h	Pequena viagem com a turma.
22/05 – Aula 6	7h30 às 8h50	Produção escrita a partir do gênero <i>relatos de viagem</i> .
24/05 – Aula 7	7h30 às 9h	Reflexões sobre a escrita dos alunos e reescrita da produção textual.
28/05 – Aula 8	7h30 às 8h50	Finalização do projeto; criação de um varal expositivo a partir das produções textuais dos alunos.

3.7. RECURSOS

- Materiais de uso básico: lápis, caneta, caderno, lousa e caneta marcadora;
- Computador, aparelho de som e *Datashow* (já disponíveis na sala de aula);
- Textos digitalizados para exibição no *Datashow*;
- Fotocópias de textos e exercícios para os alunos;
- Materiais audiovisuais disponíveis em nosso acervo (alguns retirados da *internet*);
- Recursos para aulas dinâmicas: “caixa preta” e objetos de viagens; papel pardo; papéis coloridos, tecidos, cola e barbante para varal expositivo;
- Câmera fotográfica para o dia da pequena viagem e aula de encerramento.

3.8. AVALIAÇÃO

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos das aulas será avaliado a partir dos seguintes critérios, dentro da perspectiva sócio-interacionista (VIGOTSKI, 2000 [1978]):

- a) a participação nas atividades propostas;

- b) o desempenho nas atividades de escuta e compreensão leitora, incluindo leitura de imagens;
- c) o posicionamento a respeito da linguagem e suas diferentes formas de acontecer;
- d) o reconhecimento dos eixos de sentido sobre as atividades propostas em aula;
- e) a identificação das esferas da atividade humana e dos suportes em que circulam os textos nos gêneros apresentados;
- f) o desempenho nas atividades de escrita propostas em aula.

3.9. ANEXOS

3.9.1. PLANO DE AULA 1

Plano de Aula 1 (05/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^a. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 05/05/2014

Horário: 07h30 às 8h15 - 08h15 às 09h00

Estagiária Responsável: Natassia D'Agostin Alano

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a potencialização das práticas de uso da língua materna por parte dos alunos, em interações histórico-culturais, conduzindo à reflexão introdutória acerca do gênero *relatos de viagem*, a fim de instigá-los à percepção de que essas questões são meios de discutir e refletir sobre as diferentes formas de apoio de *memória*.

2.2. Objetivos Específicos

- Conhecer a proposta do projeto de docência;

- Dialogar acerca de questões referentes à metodologia do projeto;
- Implementar as práticas de escuta da música *Vida de Viajante*, de Luiz Gonzaga;
- Responder às questões trazidas a partir da dinâmica da “caixa preta”;
- Introdução ao tema do projeto;
- Implementar as práticas de escrita a partir de uma produção textual do gênero *relatos de viagem*.

3. Conhecimentos

- Prática de escuta da música *Vida de Viajante*;
- Prática de oralidade e escuta sobre *memória e viagem*;
- Prática de escrita intuitiva do gênero *relatos de viagem*.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- Formar um semicírculo com as carteiras antes de os alunos entrarem na sala; colocar no centro a “caixa preta” contendo objetos procedentes de viagens por nós realizadas;
- Fazer a chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Iniciar a aula explanando o projeto, seus objetivos, metodologia e suas perspectivas na relação de hibridização entre o espaço escolar e o espaço universitário (8 min);
- Apresentar a música *Vida de Viajante* por meio de um vídeo retirado da *internet* a fim de promover a prática de escuta, já que o vídeo selecionado exhibe apenas o áudio da música acompanhado de uma imagem estática (4 min);
- Lançar a discussão da viagem sob uma perspectiva indutiva, começando pela apresentação dos objetos contidos na “caixa preta” que retomam nossas memórias particulares, instigando uma reflexão do tipo *brainstorm*. A proposta consistirá em pedir que um aluno, por vez, vá até a “caixa preta” e retire um objeto. Perguntaremos sobre as suas impressões sobre aquela peça e, em seguida, a estagiária-proprietária do objeto descreverá a memória relacionada a ele. O intuito dessa dinâmica é levar os alunos a possíveis construções de que tais objetos representam diferentes *memórias de viagem* (20 min);
- Retirar a “caixa preta” e dispor o cartaz intitulado *Em quê confio minhas lembranças*, no qual os alunos serão convidados, individualmente, a escrever no cartaz uma palavra que represente o modo como eles costumam recordar suas viagens. Como também escreveremos

no cartaz, iremos incluir a palavra *escrita*, colocando-a como um dos suportes de memória utilizados e que pretendemos explorar durante o estágio de docência (10 min).

2ª Aula

- Discutir sobre as palavras escritas pelos alunos, promovendo a discussão sobre os diferentes apoios de memória (foto, vídeo, *souvenirs*, escrita, desenhos, etc.), destacando elementos como a tecnologia que, atualmente, permite que tenhamos diversos suportes de memória (10 min);
- Introduzir formalmente a temática do projeto, no intuito de suscitar a discussão sobre as diferentes formas de apoio de memória e, principalmente, os *relatos de viagem*, isto é, a escrita como apoio de memória para o viajante. (10 min);
- Convidar os alunos a escreverem, individualmente, um relato de uma viagem realizada por eles em algum momento de suas vidas. Esta atividade será direcionada através do seguinte enunciado a ser exposto na lousa: *Escreva um relato sobre uma viagem marcante que você realizou. Descreva os motivos que a tornaram marcante* (25 min)³.

5. Recursos

- Cartão postal, brincos, panfletos de programação, “coquinho”, livros, desenho, perfume, etc.
- Música *Vida de Viajante*
- Papel pardo (1m x 1m)
- Pincel atômico
- Lousa
- *Datashow*

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho nas atividades de *escuta e compreensão leitora*, incluindo *leitura de objetos*;
- c) reconhecimento dos eixos de sentido sobre as atividades propostas em aula;

³ Caso os alunos encerrem a atividade antes do horário previsto, adiantaremos a primeira atividade do Plano de Aula 2, a saber, exibir e comentar o vídeo-documentário *Só dez por cento é mentira (cena extra)*.

d) desempenho na atividade de *escrita* considerando o gênero *relatos de viagem*.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Luiz Gonzaga. **Vida de Viajante**. Acesso em: 30 de Abril de 2014. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9-nTWcG62zs>.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLOSHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

3.9.2. PLANO DE AULA 2

Plano de Aula 2 (08/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^ª. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 08/05/2014

Horário: 07h30 às 8h10 - 08h10 às 08h50

Estagiária Responsável: Berenice Ferreira da Silva

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a potencialização das práticas de uso da língua materna por parte dos alunos, em interações histórico-culturais a partir do gênero *relatos de viagem*, a fim de instigá-los à percepção das possibilidades oferecidas por esse gênero no projeto de dizer.

2.2. Objetivos Específicos

- Aprofundar as construções de sentido da temática do projeto motivadas pela leitura do fragmento do relato de Frézier, a fim de refletir com os alunos sobre as relações que dizem respeito ao tempo e à memória implicadas nesse contexto, depreendendo as estratégias linguísticas e discursivas de que o autor se vale na construção de seu projeto de dizer.

3. Conhecimentos

- Práticas de leitura do fragmento do relato de Frézier;
- Percepção do gênero *relatos de viagem* no que diz respeito ao estilo, conteúdo temático e construção composicional;
- Práticas de compreensão leitora do excerto lido.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- Fazer chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Iniciar a aula retomando o tema discutido na aula anterior, a saber, aspectos relacionados aos diferentes apoios de memória, entre os quais, a escrita (2 min);
- Exibir o vídeo-documentário *Só Dez por Cento é Mentira (cena extra)* (4 min);
- Comentar o vídeo na perspectiva de reforçar as diferentes formas de apoio de memória. No caso de Carla, a *personagem* do vídeo, a guarda de objetos que remetem às memórias por ela vividas (4 min)⁴;
- Distribuir aos alunos o fragmento do relato de Frézier (relato de viagem à Ilha de Santa Catarina) (1 min);
- Retomar brevemente a carta de Pero Vaz de Caminha, já lida com os alunos pela professora da turma no início do ano letivo (2 min);

⁴ Caso o vídeo-documentário *Só dez por cento é mentira (cena extra)* tenha sido exibido e comentado na aula anterior, o planejamento se adiantará e, ao final da aula, exibiremos, como planejamento reserva, um trecho do livro *Aventura nos mares do Brasil*, do velejador Werner Zotz (5 min).

- Comentar brevemente sobre quem foi Frézier (informações contidas no texto a ser distribuído) (2 min);
- Ler o relato de Frézier, sendo que a estagiária responsável pela aula realizará a leitura em voz alta enquanto os alunos a acompanham (10 min);
- Reflexões orais acerca do texto lido, a saber: *O viajante está utilizando qual meio de transporte?*; *Quais informações apresentadas no texto demonstram que ele viaja de navio?*; *O nome dos lugares que o autor cita são familiares (Ilha de Santa Catarina, Lagoa, Ilha de Gal)?*; *E como o autor descreve as pessoas encontradas da Ilha (brancos, índios, negros e sua maneira de viver)?*; *Vocês prestaram atenção nas imagens?*; *O que o autor fala sobre isso?*; *Por que vocês acham que ele desenhou?* (12 min).

2ª Aula

- Distribuição de cópias do exercício de compreensão leitora para resolução em dupla (1 min);
- Leitura e facção do exercício de compreensão leitora com acompanhamento das professoras-estagiárias (25 min);
- Recolher os exercícios feitos. Este exercício servirá de apoio ao diálogo proposto na atividade de compreensão leitora do Plano de Aula 4, mas as respostas serão objetivamente socializadas em outro momento (ver Plano de Aula 7) (1 min);
- Mostrar o livro de fotografias *Santa Catarina a ilha* e pedir que os alunos leiam silenciosamente o texto *Encantos da Ilha cativam visitantes há séculos* (8 min);
- Comentar sobre a importância dos relatos de viagem para a História, como lido no texto *Encantos da Ilha cativam visitantes há séculos*. Ressaltar que atualmente ainda se escrevem relatos de viagem tanto para fins sociais e históricos quanto para preservar uma memória pessoal (5 min).

5. Recursos

- Vídeo-documentário *Só Dez por Cento é Mentira (cena extra)*
- Cópias do fragmento do relato de Frézier
- Cópias do exercício de compreensão leitora sobre o relato de Frézier
- *Datashow*

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho nas atividades de *escuta e compreensão leitora*;
- c) posicionamento a respeito da linguagem e suas diferentes formas de acontecer;
- d) reconhecimento dos eixos de sentido sobre as atividades propostas em aula;
- e) identificação das *esferas da atividade humana* e dos *suportes* em que circulam os textos nos gêneros apresentados.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

FUNDAÇÃO CULTURAL PROMETHEUS LIBERTUS. **Santa Catarina a ilha**. Florianópolis: Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1995.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Só Dez por Cento é Mentira (cena extra). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=HXfH5jp9WRk>. Acesso em: 30 de Abril de 2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLOSHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

8. Anexos

8.1. Fragmento do relato de Frézier

FREZIER, Anecdote François

Relation du voyage de la mer du Sud aux côtes du Chili et du Pérou. Fait en l'année 1771, 1772, 1773, & 1774. Dédié à S. A. R. Monseigneur le Duc d'Orléans Regent du Royaume Par M. Frézier, Ingénieur ordinaire du Roy. Ouvrage enrichi de quantité de planches en taille douce. A Paris Chez Je. an Geoffroy Nyon, Quay de Conti, au coin de la rue Guenegaud, au Nom de Jean Etienne Goussier, rue Saint Jacques, aux Librairies de la Courneuve, vis à vis la Fontaine de S. Severin, Jeanne Quillau, Imprimeur de la Cour, rue Galvande, aux Armes de l'Université, MDCCLXXVI. Avec Approbation et Privilège du Roy. (1ª edição)

Este famoso engenheiro militar francês nasceu em 1682 e morreu em 1773 com 91 anos de idade. Foi contratado para construir fortificações nas Índias Orientais e foi enviado para o Chile, para defender a cidade de Valdivia de ataques de piratas contra ingleses e holandeses. Sendo desta viagem para inspecionar vários portos do continente, obtendo outras informações científicas. Em sua viagem para o Pacífico, Frézier aportou em Santa Catarina (1712), onde encontrou uma população bastante chocada pelo então recente ataque de Duguay-Trouin, no Rio de Janeiro. Foi logo desavistado o navio francês, todavia, não se deu conta de sua verdadeira identidade, acalmado e excitadamente e a situação permaneceu assim até a chegada do Comandante-geral Manuel Manso de Avelar, a quem se refere como Emanuel Manso. Foi um estudo para um mapa da ilha e descreveu o estado primitivo em que viviam os 147 brancos ali. Em sua viagem de retorno do Pacífico, Frézier aportou na Bahia (1714). Desenhou um plano da Baía de Ilheus com um perfil panorâmico. Na cidade, observou o grande número de judeus escravos, descreveu as igrejas e o "plano inclinado", discutiu sobre o intenso comércio da cidade e termina com observações nada honjebrax. Além de mapas e vistas da cidade, este trabalho contém uma ilustração representando um homem branco sendo transportado em uma rede por dois outros brancos e um negro. Não se sabe qual a parte sobre o "serpentin". Ainda que o relato de Frézier não seja muito extenso, é sem dúvida um dos mais grande valor o relato de um homem do mérito científico como o de Frézier. Além dos ma-

pas contidos nas várias edições existentes da obra, encontram-se apreciados pelo navegador francês, o mundo dos depósitos de ganho existentes no Chile.

A tradução do relato foi baseada na 1ª edição da obra (1716). Existe outra edição no mesmo formato: avec une réponse à la préface critique Du Livre intitulé "Journal des Observations Physiques, Mathématiques ... du R.P. Feuillée, de la Mission de la Compagnie de Jésus, des Vicinias du Pérou ...". M.DCC.LXXXII (1732), com 298 p.

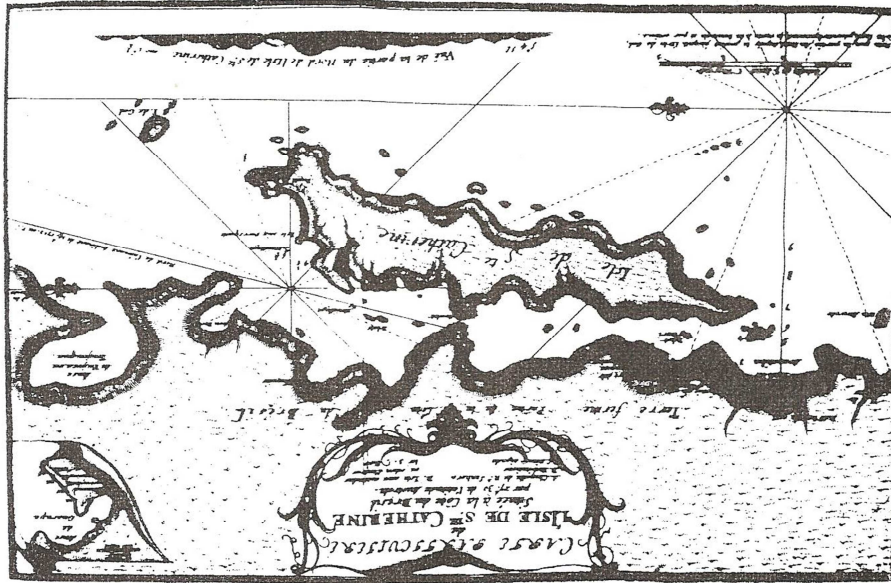
Outras edições: a 2ª edição francesa, feita em Amsterdã, Chez Pierre Humbert, M.DCCXVII (1717); a edição inglesa do mesmo ano, encomendada de 37 ilustrações e um "postscript" do Dr. Edmund Halley, professor da Universidade de Oxford, descobridor do famoso cometa que leva o seu nome; a edição alemã de 1718 de Amsterdã, by R. in G. Weitzel; a edição de Erben in guldiner.

ILHA DE SANTA CATARINA RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Em fins de 1711 partiram de Saint Malo, França, os navios "Saint Joseph", de 36 canoas, 350 toneladas de deslocamento e 135 homens de guarnição, comandado pelo Capitão Duciéne Bartas e "Marie" de 120 toneladas sob o comando do Capitão Jardais Daniel. M. Frézier inicia seu relato pelas costas de Santa Catarina, a página 16:

Na terça-feira 30 março (1712), como estivéssemos perto da terra, sondamos às 6 horas da tarde e encontramos 90 braças d'água fundo de areia, visa e conchur, duas léguas e meia mais a oeste achamos menos 10 braças; passamos a noite a prumar de duas em duas horas, encontrando a mesma profundidade e qualidade de fundo. Ao deubar avistamos terra, estando 6 léguas mais a oeste da nossa segunda prumada; reconhecemos logo a ilha de Gal pelo seu aspecto e algumas pequenas manchas que de longe pareciam navios; algumas ilhotas que lhe estão próximas, situadas a 01/4SO de 8 a 9 léguas mais ou menos; sondamos altura à légua e meia desta ilha fundo de areia fina e lodacenta. Por fim a ponta do norte da Ilha de Santa Catarina, em S1/4SE e cerca de 3 léguas a leste da latitude austral. Eis como ela nos apareceu.

Legua e meia mais a oeste achamos 70 braças d'água, fundo de areia lodacenta mais cinzenta; continuamos a prumar de distância em distância, diminuindo o fundo de maneira uniforme, até 6 braças de fundo vasa cinzenta, onde fundeamos entre a Ilha de Santa Catarina e a terra firme, tendo a Ilha de Gal a NE 1/4 E da agulha, cerca de 3 léguas, alinhando-se com as duas pontas, uma mais ao norte de Santa Catarina e a ponta da terra firme a N 1/4 NE.



Descrição da Ilha de Santa Catarina.

A Ilha de Santa Catarina se estende do norte ao sul desde os 27 graus 22' até os 27 graus 50'. É uma floresta contínua de árvores verdes o ano inteiro, não se encontrando nela outros sítios praticáveis a não ser os desbravados em torno das habitações, isto é, 12 ou 15 sítios dispersos aqui e acolá à beira mar nas pequenas enseadas fronteiras à terra firme; os moradores que os ocupam são portugueses, uma parte de europeus fugitivos e alguns negros; vê-se também índios, alguns servindo voluntariamente aos portugueses, outros que são aprisionados em guerra.

Embora não paguem tributo algum ao Rei de Portugal, são seus súditos e obedecem ao Governador ou Capitão que é nomeado para comandá-los em caso de guerra contra os inimigos da Europa e os índios do Brasil, com os quais andam quase sempre em guerra; de sorte que quando penetram na terra firme, que não é menos cobrada de florestas que a ilha, não osam fazê-lo em grupos menores de 30 ou 40 homens juntos e bem armados. Este Capitão, cujo comando não passa ordinariamente de tres annos, depende do Governador da Lagoa, pequena vila distante da ilha de 12 léguas ao SSO. Em seu distrito havia então 147 brancos, alguns índios e negros libertos, dos quais uma parte achava-se dispersa pela orla da terra firme. Suas armas comuns são os faços de caça, fuchas e machados; possuem poucas espingardas e raramente pólvora; estão, no entanto, sufficientemente defendidos pelas matas onde uma infinidade de espinheiros de toda espécie se torna quase que impenetráveis, de sorte que, tendo sempre a retirada segura e pouco equipamento a transportar, vivem tranquillamente, sem o medo de verem suas riquezas arrebatadas.

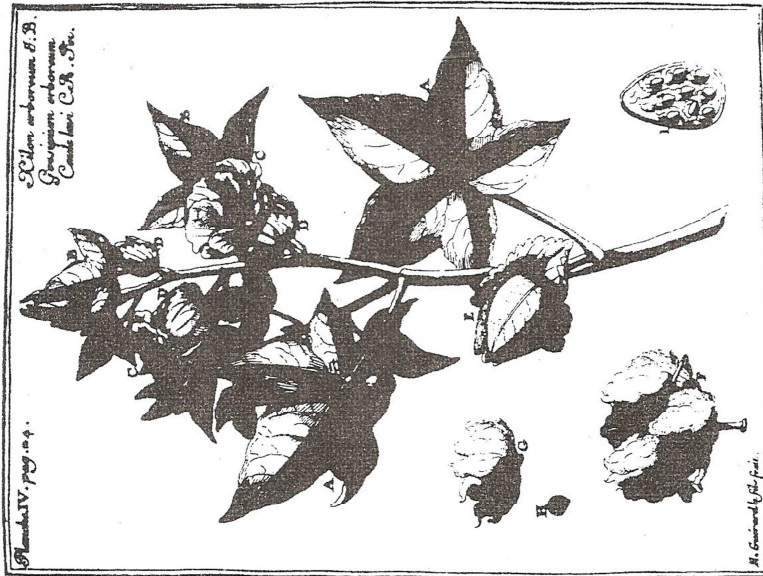
Na verdade, encontram-se elles em tão grande carência de todas as comodidades da vida que, em troca dos viveres que traziam a nós não aceitavam dinheiro, dando mais importância a um pedaço de pano ou fazenda para se cobrir, protegendo-os das peñúrias do tempo; satisfazem-se com o vestuário de uma camisa e um par de calças; os mais distintos usam também um paletó de cor e um chapéu; quase ninguém usa meias ou sapatos, sendo obrigados, no entanto, a cobrir as pernas quando entram no mato utilizando-se então, da pele da perna de um tigre como perneira. Não são mais exigentes com a alimentação do que com o vestuário; um pouco de

milho, batatas, alguns frutos, peixe e caça, quase sempre o macaco, os satisfaz. Esta gente, à primeira vista, parece miserável, mas eles são efetivamente mais felizes que os europeus, ignorando as curiosidades e as comodidades supérfluas que na Europa se adquirem com tanto trabalho; passam eles sem pensar nelas, vivem numa tranquilidade que os subsídios e a desigualdade de condição não perturbam; a terra lhes fornece os elementos necessários à vida, as madeiras e as ervas, o algodão, peles de animais para se cobrirem e se abrigarem; não almejam essa magnificência de habitação mobiliada e bem equipada, que só fazem excitar a ambição e lisonjear durante algum tempo a vaidade, sem tornar o homem mais feliz, o que é ainda mais notável é que eles se apercebem de sua felicidade quando nos vêm ir à cata de dinheiro com tanta fadiga. A única coisa que têm a lamentar é a de viverem na ignorância; são cristãos, é verdade, mas como podem ser instruídos em sua religião não havendo senão um vigário na Lagoa que lhes vem rezar a missa somente nas principais festas do ano; pagam, no entanto, o dízimo à Igreja, que é a única coisa que deles exigem.

De resto, gozam de um bom clima e é um ar muito saudável, não têm raramente outra moléstia a não ser o "mal do Bicho", que é uma dor de cabeça acompanhada de ténosmos ou desejo de evacuar sem nada expelir, e por isso usam eles de um remédio muito simples que julgam como um específico: colocam no assento um pequeno limão azedo ou um emplastro de pólvora diluída na água.

Possuem também muitos remédios naturais do país para se curarem de outras moléstias que pressam aparecer. O sassafrás, esta madeira conhecida pelo seu bom aroma e comum pelas suas virtudes contra os males venéreos, ali é tão comum que nós o cortamos para queimar contra os males venéreos, ali é tão comum que os mesmos males não é mais raro; encontram-se ali bellissimas capilarias e uma quantidade de plantas aromáticas cujas qualidades e utilidade são conhecidas por seus habitantes para os seus usos. As árvores frutíferas são excelentes em suas espécies, as laranjas são tão boas como as da China, existem muitas limeiras, limoeiros, goibeiras, palmitos, bananeiras, cana-de-açúcar, melancia, melões, jerimums e batatas melhores que as de Málaga, tão estimadas.

Foi lá que vi, pela primeira vez, o arbusto que dá o algodão, e como ansiasse desde muito por conhecê-lo, desenhei um ramo para me servir de lembrança.



8.2. Questões de Compreensão Leitora

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFSC

TURMA: 1ºD

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

ESTAGIÁRIAS: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D’Agostin Alano

Questões de Compreensão Leitora do Relato de Viagem – “Descrição da Ilha de Santa Catarina” (Frézier)

Nome: _____

- 1) Comente as condições de produção do relato lido considerando: quem é o autor, o que ele faz, sobre o que ele escreve e para quem o relato é escrito.
- 2) O que indica que este texto é um relato de viagem? Cite pelo menos dois trechos para argumentar sua resposta.
- 3) Em relação à linguagem do relato, o que mais lhe chamou a atenção? Cite alguns exemplos.
- 4) A partir do texto, aponte alguns indícios que comprovam que este relato retrata uma época anterior a nossa.
- 5) Qual o fato narrado pelo autor que mais lhe chamou a atenção? Por quê?
- 6) Em relação aos aspectos naturais da Ilha de Santa Catarina, o que o autor destaca no texto e que não encontramos mais hoje?
- 7) Em relação às pessoas descritas por Frézier, o que as diferencia de nós, moradores da Ilha de Santa Catarina hoje?

8.3. Texto retirado do livro “Santa Catarina a ilha”

Encantos da Ilha cativam visitantes há séculos.

A par das histórias de exploração de índios e vinganças de piratas, disputas de terra entre portugueses e espanhóis, construção de fortes e fortalezas, a Ilha continuou sempre a exalar uma inesgotável aura de misticismo e sedução. Este clima mágico encantou mentes e corações de muitos visitantes que por aqui passaram - passam ainda, e passarão - com diferentes objetivos e fantasias.

Os relatos históricos nos permitem observar a evolução de uma ilha nem tão ilhada, mas em intercâmbio gradativo, contínuo e freqüentemente salutar com estrangeiros, membros de expedições, estudiosos, comerciantes, empreendedores, religiosos.

Desde Francisco Dias Velho, o fundador de Nossa Senhora do Desterro, a Ilha arraneou depoimentos como “A terra é boa, quem disser o contrário mente”. O famoso naturalista Saint-Hilaire aclamou: “No Brasil, nada é mais belo do que aqui”. E David Porter, oficial norte-americano que visitou o lugar em 1813, apaixonou-se, declarando: “As mulheres são bonitas e graciosas, e os homens são extremamente ciumentos. Creio que para isso tenham suficientes motivos”.

Já G. H. Von Langsdorf, assim descreveu sua aproximação da Ilha: “O local é agraciado pela natureza em todos os sentidos. É uma terra onde tudo viceja com inextinguível beleza e garbo inimagináveis”. E Carl Friedrich Seidler, um suíço-alemão que aqui aportou em 1826, se encantou: “Os naturais da Ilha chamam-na com razão de o Jardim do Brasil”. O navegador russo Urey Lisiansky ficou ainda mais impressionado e registrou: “Estas fascinantes costas podem ser reconhecidas como a natureza própria do paraíso. As mais belas borboletas do mundo são aqui encontradas. Os habitantes são corteses e hospitaleiros”.

A economia de Desterro era até então essencialmente de subsistência, com períodos de aquecimento modesto em função das atividades portuárias e do comércio de cabotagem. No século XIX, já elevada à condição de cidade, tornou-se Capital da Província de Santa Catarina, em 1823, e inaugurou um período de prosperidade, com o investimento de recursos federais. Projetou-se a melhoria de seu porto e a construção de edifícios públicos, entre outras obras urbanas. A modernização política e a organização de atividades culturais e literárias também se destacaram, marcando inclusive os preparativos para a recepção ao Imperador D. Pedro II, em 1845.

3.9.3. PLANO DE AULA 3

Plano de Aula 3 (12/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^ª. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 12/05/2014

Horário: 07h30 às 8h15 - 08h15 às 09h00

Estagiárias Responsáveis: 1ª Aula – Berenice Ferreira da Silva; 2ª Aula – Natassia D'Agostin Alano

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a potencialização das práticas de uso da língua materna por parte dos alunos, em interações histórico-culturais a partir do gênero *relatos de viagem*, a fim de instigá-los à percepção das possibilidades oferecidas por esse gênero no projeto de dizer.

2.2. Objetivos Específicos

- Conhecer outros *relatos de viagem*;
- Implementar as práticas de escuta, leitura e escrita;
- Reconhecer o gênero *relatos de viagem* no que diz respeito ao estilo, conteúdo temático e construção composicional.

3. Conhecimentos

- Práticas de leitura *lato sensu* do trailer do filme *Diários de Motocicleta*; trechos dos documentários *Brasileirando Doc.*, *Ecco Adventures Series* e *Fisterra*;
- Práticas de leitura de um relato de Che Guevara em *Primeiras Viagens*;
- Práticas de escuta sobre o gênero *relatos de viagem*.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- Fazer chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Iniciar a aula comentando sobre os diferentes tipos de viagem, refletindo sobre as condições de transportes de outras épocas e as condições atuais, além dos objetivos que movem os viajantes (turismo, interação com outras culturas, autoconhecimento, etc.) (8 min);
- Comentar brevemente sobre os vídeos a serem exibidos a seguir, ressaltando que eles demonstram as opções dos viajantes quanto ao transporte utilizado e os registros realizados (4 min);
- Exibir os vídeos *Brasileirando Doc.* (episódios 1 e 7) (12 min);
- Exibir vídeo *Ecco Adventures Series* (4 min);
- Exibir vídeo *Fisterra* (3 min);
- Refletir sobre os relatos orais e escritos apresentados nos vídeos, destacando a relevância social do gênero (exemplo: as variedades linguísticas em *Brasileirando Doc.*; o mundo ao alcance do ciclista Arthur Simões; o olhar do estrangeiro Juan sobre o Brasil e os brasileiros) (11 min).

2ª Aula

- Apresentar brevemente a viagem de Che Guevara aos alunos (data da viagem, percurso, transporte, objetivos da viagem, etc.) (4 min);
- Exibir *trailer* do filme *Diários de Motocicleta*, de Walter Salles, a fim de que os alunos visualizem, por assim dizer, os dados expostos anteriormente sobre a viagem de Che (3 min);
- Distribuir cópias de três relatos do livro *Primeiras Viagens* (1 min);
- Pedir que os alunos leiam silenciosamente os relatos distribuídos (13 min);
- Reflexões orais acerca do texto lido, a saber: *Qual o meio de transporte utilizado pelos viajantes?; Este transporte se altera durante o percurso?; Che relata que as pessoas o reconhecem depois da reportagem noticiada. Isso altera a maneira como elas o recebem?; O autor relata algumas situações cômicas. O que vocês acham disso?* (6 min);
- Distribuir um resumo sobre o gênero *relatos de viagem* (1 min);
- Ler e comentar com os alunos o resumo distribuído, explicando as características e funções deste gênero textual (10 min);

- Pedir que os alunos apontem (oralmente) características do gênero observadas nos relatos (aspectos da linguagem; descrição de lugar; rotinas da viagem; apontamentos de dificuldades; encontro com pessoas; etc.) (7 min).

5. Recursos

- Vídeos: *trailer* do filme *Diários de Motocicleta*; trechos dos documentários *Brasileirando Doc.*, *Eccos Adventures Series* e *Fisterra*
- Cópias dos três relatos de *Primeiras Viagens*
- Cópias do resumo sobre o gênero *relatos de viagem*
- *Datashow*

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho nas atividades de *escuta e leitura*;
- c) reconhecimento dos eixos de sentido sobre as atividades propostas em aula.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

BRASILEIRANDO. Documentário (episódio 1). Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=gSIMc4H4HyU&list=PLSvwMSOyILGoSGjs9UB5UoUIb0cstCRXK> . Acesso em 30 de abril de 2014.

BRASILEIRANDO. Documentário (episódio 7). Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=A2VIMew1GUM&list=PLSvwMSOyILGoSGjs9UB5UoUIb0cstCRXK> . Acesso em 30 de abril de 2014.

BRITO, Danilo L. **Análise de um relato de viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman Fairclough**. Artigo disponível em:

http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf . Acesso em 30 de Abril de 2014.

CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C. **Português Linguagens: volume 1**. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

CHE GUEVARA, Ernesto. **Primeiras Viagens**. São Paulo: Página Aberta, 1996.

Ecco Adventures Series. Documentário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=8Z6rqVQJ5XY . Acesso em 30 de abril de 2014.

Fisterra. Vídeo documentário. Disponível em: <http://vimeo.com/72035704>. Acesso em 30 de abril de 2014.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

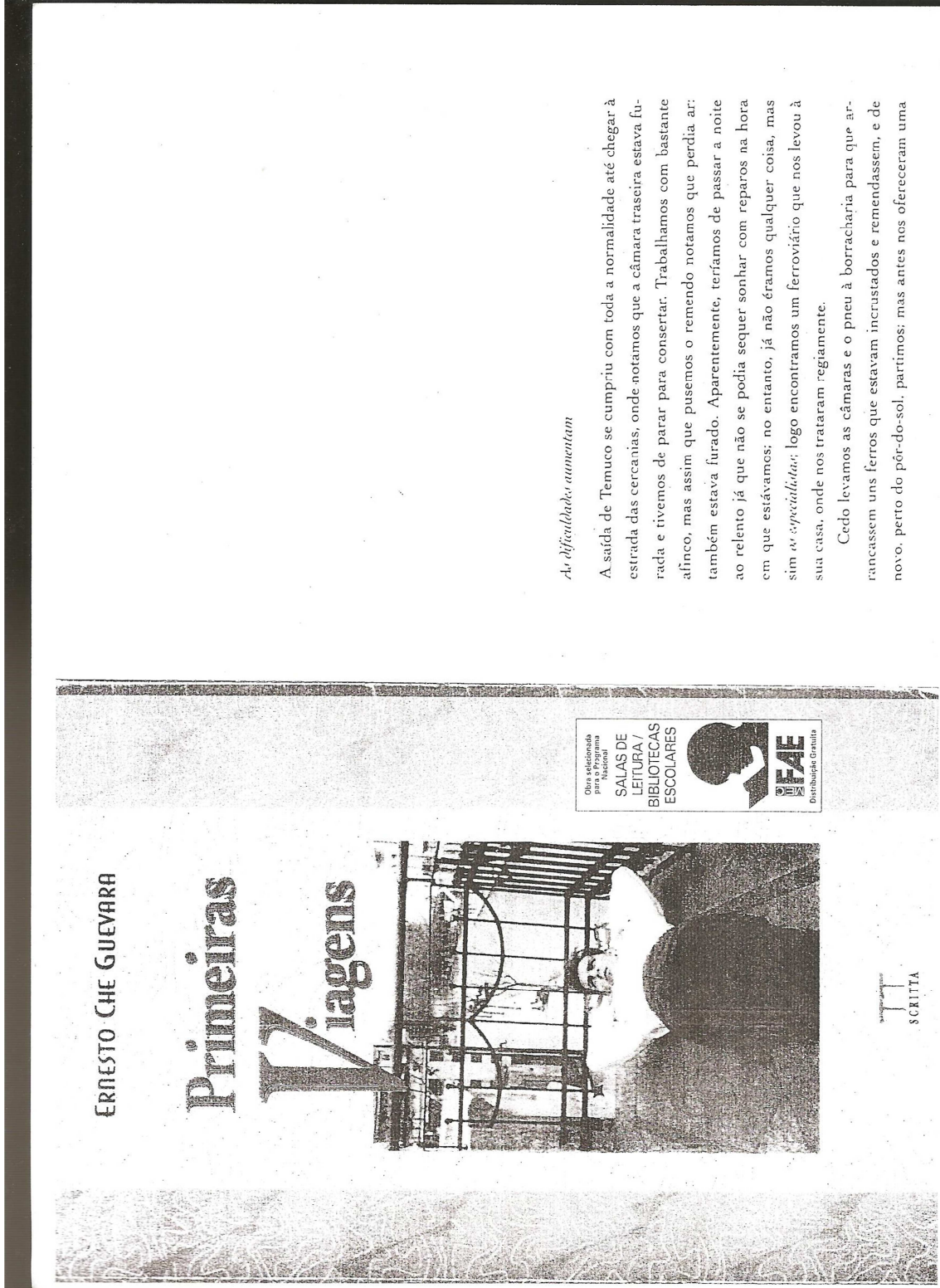
Trailer do filme Diários de Motocicleta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXuvmuGi5IU>. Acesso em 30 de abril de 2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLOSHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

8. Anexos

8.1. Fragmentos do livro *Primeiras Viagens*



típica refeição chilena composta de dobradinha, ou outro prato similar, tudo muito condimentado e um riquíssimo vinho pipeño, isto é, grosseiro, sem filtrar. Como sempre, a hospitalidade chilena nos largava entre San Juan e Mendoza⁸.

É claro que não andamos muito, e com menos de oitenta quilômetros paramos para dormir na casa de um guarda florestal que esperava uma propina; como ela não veio, não nos deu o desejo no dia seguinte, de modo que iniciamos a caminhada mal-humorados e com a intenção de parar para fazer um foguinho e tomar uns mates, quando tivéssemos feito alguns quilômetros. Depois de andar um trecho, quando eu vigiava o acostamento para indicar o lugar de parar, e sem que nada nos prevenisse, a moto deu um salto para o lado e nos jogou no chão. Alberto e eu, ileso, examinamos a máquina e achamos quebrado um dos suportes da direção; mas o mais grave do caso foi que também se fez em pedaços a caixa de marchas; era impossível continuar e só nos restava esperar pacientemente algum caminhão caridoso que nos levasse até um centro habitado.

Passou um automóvel no sentido contrário e seus ocupantes desceram para averiguar o que nos acontecia e oferecer seus serviços. Disseram-nos que qualquer coisa que necessitássem dois cientistas como nós, eles a fariam com muito gosto.

— Sabe, reconheci o senhor pela foto do jornal — disse-me um.

8. Entre San Juan e Mendoza: expressão argentina que significa meio bebado. San Juan e Mendoza, cidades argentinas, são as maiores produtoras de vinho do país.

Mas não havia nada o que pedir, somente um caminhão que fosse para o outro lado. Agradecemos e ficamos a tomar os mates regulmentares, mas pouco depois o dono de uma chácara próxima nos convidou a ir para sua casa e na cozinha nos cevaram dois litros. Ali conhecemos o charango, um instrumento musical feito com três ou quatro arames de uns dois metros de comprimento, esticados sobre duas latas vazias e tudo pregado numa tábua. O músico pega uma manopla de metal e com ela raspa os arames que dão um som parecido com o dos violões para crianças. Perto das doze passou uma caminhonete, cujo motorista, a força de apelos, consentiu em nos levar até a próxima cidade, Lautaro.

Ali conseguimos um lugar na melhor oficina da região e também quem se animasse a fazer o trabalho de solda em alumínio: o pequeno Luna, um rechonchudinho muito simpático que nos convidou a almoçar em sua casa, em uma ou duas ocasiões. Nosso tempo se dividia entre trabalhar na moto e flilar algo de comer na casa de algum dos muitos curiosos que iam nos ver na garagem. Precisamente ao lado havia uma família de alemães ou descendentes, que nos forneciam muito; dormimos no quartel.

A moto já estava mais ou menos ajeitada e nos dispúnhamos a sair no dia seguinte, de modo que resolvemos nos divertir um pouco em companhia de uns amigos ocasionais que nos convidaram a tomar uns tragos. O vinho chileno é saborosíssimo e eu bebia com uma velocidade extraordinária, de modo que, ao ir ao baile da cidade, sentia-me capaz das maiores façanhas.

A reunião se desenrolou dentro de um ambiente de agradável intimidade e continuaram a nos encher a barriga e o cérebro com vinho. Um dos mecânicos da oficina, que era particularmente

amável, me pediu que dançasse com a mulher porque a *miéutura* não estava fazendo muito bem a ele, e a mulher estava quentinha e palpitante e tinha vinho chileno. Tomei-a pela mão para levá-la para fora; seguiu-me mansamente, mas percebeu que o marido a observava e me disse que ficava; eu já não estava em situação de entender razões e iniciamos no meio do salão um empurra-empurra que teve como resultado levá-la até uma das portas, quando já toda a gente olhava para nós. Nesse momento, tentou dar-me um pontapé e como eu continuava arrastando-a, fiz com que perdesse o equilíbrio e ela caiu ao chão estrepitosamente. Enquanto corriámos na direção da cidade, perseguidos por um enxame de bailarinos enfurecidos, Alberto lamentava todos os vinhos que teria feito o marido pagar.

A Poderosa II termina sua viagem

Cedo nos pusemos sobre a moto até deixá-la no *pouso* e fugimos de lugares que já não eram tão hospitaleiros para nós, depois de aceitarmos o último convite para almoçar que a família que morava ao lado da oficina nos fizera.

Alberto, por superstição, não quis dirigir, de modo que saí eu adiante e assim percorremos uns poucos quilómetros para nos determos finalmente para consertar a caixa de marchas que falhava. Pouco mais adiante, ao frear numa curva um pouco fechada, indo a bastante velocidade, voou a borboleta do freio traseiro: agarrei-me ao freio de mão, e este, soldado *na cavata*, quebrou-se também; por alguns instantes não vi nada além de formações semelhantes a bovinos que passavam velozmente por todos os lados, enquanto a pobre Poderosa aumentava sua velocidade impulsionada pelo declive acen-

tuado. A pata da última vaca foi tudo o que tocamos — por verdadeiro milagre — e de repente apareceu ao longe um rio que parecia atrair-nos com uma eficácia aterradora. Larguei a moto contra o acostamento da estrada e ela subiu os dois metros de desnível num piscar de olhos, ficando encaixada entre duas pedras, e nós ilesos.

Sempre amparados pela carta de apresentação da *imprenta*, fomos alojados por uns alemães que nos trataram de forma cordialíssima. À noite me veio uma cólica que não sabia como parar; tinha vergonha de deixar uma lembrança no penico, de modo que subi à janela e entreguei ao espaço e à escuridão toda a minha dor... Na manhã seguinte debrucei-me para ver o efeito e descobri que dois metros abaixo havia uma grande prancha de zinco onde se secavam os pêssegos ao sol: o espetáculo adicionado era impressionante. Voamos dali.

Embora o acidente, num primeiro momento, parecesse não ter importância, ficava demonstrado agora nosso erro de apreciação. A moto fazia uma série de coisas estranhas cada vez que tinha de enfrentar um aclave. Por fim, iniciamos a subida de Malleco, onde há uma ponte de ferrovia que os chilenos consideram a mais alta da América; ali a moto pediu arrego e perdemos todo o dia esperando uma alma caridosa, sob a forma de caminhão, que nos levasse até o cume. Dormimos na cidade de Cullipulli (depois de alcançado nosso objetivo) e partimos cedo esperando a catástrofe que já se avizinhava.

Na primeira subida brava — das muitas que abundam por aquela estrada —, a Poderosa ficou definitivamente ancorada. Dali nos levaram de caminhão a Los Ángeles, onde a deixamos no quartel dos bombeiros e dormimos na casa de um oficial do exército chileno

tabeleceu contato permanente entre o San Antonio e a terra. Naquele momento, bem instruídos pelo manobrista, entramos tranquilamente no navio e nos metemos com todas as bagagens na parte reservada aos oficiais, trancando-nos num banheiro. Daí para a frente, nossa tarefa se limitou a dizer com voz fãhiosa: "tem gente" ou "está ocupado", na meia dúzia de vezes que alguém se aproximou.

Já era meio-dia e o barco mal tinha saído, mas nossa alegria tinha diminuído bastante, pois a latrina, tapada, ao que parecia, há muito tempo, exalava um cheiro insuportável e o calor era muito grande. Perto de uma hora, Alberto tinha vomitado tudo o que tinha no estômago, e às cinco da tarde, mortos de fome e sem costa à vista, apresentamo-nos ante o capitão para expor nossa situação de clandestinos. Ele se surpreendeu bastante ao nos ver de novo e naquelas circunstâncias, mas para disfarçar na frente dos demais oficiais, piscou-nos um olho sorratamente e disse com voz de trovão:

— Os senhores acham que para ser viajantes tudo o que têm de fazer é enfiar-se no primeiro barco que encontram? Não pensaram nas consequências que isso lhes vai trazer?

A verdade é que não tínhamos pensado em nada.

Chamou o contramestre e o encarregou de nos dar trabalho e alguma comida. Muito contentes, devoramos nossa ração; quando me intirei de que estava encarregado de limpar a famosa latrina, a comida ficou-me entalada na garganta, e quando descia protestando entre dentes, perseguido pelo olhar zombeteiro de Alberto, encarregado de descascar batatas, confesso que me senti tentado a esquecer tudo o que se houvesse escrito sobre regras de companheirismo e pedir troca de tarefa. É que não está direito! Ele junta sua boa porção à porcaria acumulada ali e eu a limpo.

que parecia estar muito grato da acolhida que lhe haviam dado em nossa terra e não parava de nos oferecer coisas. Foi nosso último dia de *filantes motorizados*, e o seguinte se anunciava como mais difícil: *ser filantes não motorizados*.

Clandestinos

Passamos pela alfândega sem nenhuma dificuldade e nos dirigimos valentemente a nosso destino. O barquinho eleito, o San Antonio, era o centro da febril atividade do porto. No entanto, devido a seu reduzido tamanho, não precisava atracar diretamente para que o alcançassem os guindastes, de modo que havia um espaço de vários metros entre o cais e ele. Não havia outro remédio senão esperar que o barco se aproximasse mais para então subirmos, e filosoficamente esperávamos, sentados sobre as bagagens, o momento propício. Às doze da noite houve troca de turno de operários e nesse momento aproximaram o barco, mas o capitão do cais, um sujeito com cara de poucos amigos, planejou-se junto à passarela a vigiar a entrada e saída do pessoal. O manobrista do guindaste, de quem nos havíamos tornado amigos naquele interim, nos aconselhou a que esperássemos outro momento porque aquele tipo era meio cachorro, e ali iniciamos uma longa espera que durou toda a noite, aquecendo-nos no guindaste, um antigo aparelho que funcionava a vapor. O sol saiu e nós ainda esperando com a bagagem no cais. Nossas esperanças de subir já se haviam dissipado quase por completo quando chegou o capitão e com ele a passarela nova que tinha estado em reparos, de modo que se es-

Depois de cumprir conscientemente nossas tarefas, chamou-nos novamente o capitão, desta vez para nos recomendar que não dissessemos nada sobre a entrevista anterior; que ele se encarregaria de que nada acontecesse ao chegarmos a Antofagasta, que era o destino do barco. Deu-nos para dormir o camarote de um oficial em licença de serviço e naquela noite nos convidou a jogar canastra e tomar uns goles. Depois de um sono reparador, levantamo-nos com a sensação de que é exato aquele refrão que diz "vassoura nova varre melhor", e trabalhamos com grande afino, dispostos a pagar com juros o valor da passagem. Entretanto, ao meio-dia nos pareceu que nos estavam apressando demais e à tarde já estávamos definitivamente convencidos de que somos um par de vagabundos da mais pura cepta concebi-vel. Pensávamos dormir bem e trabalhar um pouco no dia seguinte, além de lavar toda a nossa roupa suja, mas o capitão nos convidou novamente a jogar baralho e se acabaram nossos bons projetos.

O contramestre, bastante antipático, investiu aproximadamente uma hora para conseguir que nos levantássemos para trabalhar. Encarregou-me de limpar os pisos com querosene, tarefa na qual levei todo o dia sem terminá-la; o acomodado do Alberto, sempre na cozinha, comia mais e melhor, sem se preocupar demais em discriminar o que lhe caía no estômago.

À noite, depois de extenuantes partidas de canastra, contemplávamos o mar imenso, cheio de reflexos verde-brancos, os dois juntos, apoiados na borda, mas cada um muito distante, voando em seu próprio avião rumo às estratosféricas regiões do devaneio. Ali compreendemos que nossa vocação, nossa verdadeira vocação, era andar eternamente pelas estradas e mares do mundo. Sempre curiosos; observando tudo o que surge diante de nossa visão. Cheirando todos os

recantos, mas sempre tênues, sem cravar nossas raízes em terra alguma, sem ficar a averiguar o substrato de nada; a periferia nos basta. Enquanto todos os temas sentimentais que o mar inspira passam por nossa conversa, as luzes de Antofagasta começaram a brilhar na distância, rumo nordeste. Era o fim de nossa aventura como clandestinos ou, pelo menos, o fim daquela aventura, já que o barco voltava a Valparaíso.

8.2. Resumo sobre o gênero *Relatos de Viagem*

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFSC

TURMA: 1ºD

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

ESTAGIÁRIAS: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

O gênero *Relatos de Viagem*⁵

O gênero *relatos de viagem* é um gênero que circula em diferentes suportes, como revistas, livros, jornais e *blogs*. As finalidades dos relatos de viagem podem ser diversas: intenção de memorizar e documentar as experiências vivenciadas; relatar fatos e sentimentos ocorridos durante a viagem; trocar experiências com outros viajantes, etc. Tudo isso depende do propósito comunicativo do autor, no caso, o viajante.

- *Estrutura básica dos relatos de viagem*: um relato de viagem não tem uma estrutura tão bem definida, como a *notícia*, o *artigo*, a *resenha*, ou seja, o autor tem liberdade quanto ao estilo de escrita, deixando transparecer sua criatividade e autonomia. No entanto, alguns elementos básicos estão presentes em todos os relatos de viagem, como:
 - a) Datar o dia em que ocorreu a viagem e o lugar de destino;
 - b) Relatar/narrar/descrever fatos e emoções vividas durante a viagem;
 - c) Por ser um gênero que remete a uma experiência pessoal, usa-se o pronome na 1ª pessoa (singular ou plural) e, geralmente, o tempo verbal aparece no pretérito perfeito, já que os relatos podem ser escritos posteriormente à viagem;
 - d) Atualmente, por conta do avanço tecnológico, os relatos escritos geralmente são acompanhados de fotos e vídeos, o que leva o leitor a visualizar e experienciar o relato de diferentes maneiras.
- *Importância do Gênero*: as viagens ultramarinas repercutiram grandemente na Europa do século XV e XVI – a descoberta de novas terras enriqueceu pessoas e nações que financiavam essas viagens e, além disso, chegava até o continente europeu uma série de novas informações acerca da cultura e dos costumes dos habitantes do Novo Mundo. Tais informações eram registradas por meio dos relatos de viagem que os viajantes produziam ao longo de seus trajetos. Logo, os relatos de viagem têm importância histórica e cultural, seja pelos relatos antigos e/ou atuais.
- *Os relatos de viagem e a Literatura*: os relatos de viagem são importantes não apenas enquanto documentos informativos e/ou históricos, mas também enquanto textos literários – por ser um registro de cunho pessoal, produzir relatos de viagem significa narrar fatos, encontros, aventuras, angústias, alegrias, enfim; é um espaço no qual a subjetividade pode encontrar a arte e o autor viajante pode se tornar um poeta.

⁵ Fontes: CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C. **Português Linguagens: volume 1**. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

BRITO, Danilo L. **Análise de um relato de viagem à Luz das Teorias de Mikhail Bakhtin e Norman Fairclough**. Artigo disponível em: http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_danilo2.pdf. Acesso em 30 de Abril de 2014.

3.9.4. PLANO DE AULA 4

Plano de Aula 4 (15/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^{ta}. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 15/05/2014

Horário: 07h30 às 8h10 - 08h10 às 08h50

Estagiária Responsável: Natassia D'Agostin Alano

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a potencialização das práticas de uso da língua materna por parte dos alunos, em interações histórico-culturais a partir do gênero *relatos de viagem*, a fim de instigá-los à percepção das possibilidades oferecidas por esse gênero no projeto de dizer.

2.2. Objetivos Específicos

- Conhecer outros *relatos de viagem*;
- Implementar as práticas de escuta, fala, leitura e escrita.

3. Conhecimentos

- práticas de leitura *lato sensu* do vídeo da viagem *Abya Yala Sin Fronteras*;
- práticas de leitura de alguns relatos da viagem *Abya Yala Sin Fronteras*;
- práticas de compreensão leitora dos relatos lidos.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- Formar um semicírculo com as carteiras antes de os alunos entrarem na sala;

- Fazer chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Iniciar a aula apresentando a viagem *Abya Yala Sin Fronteras* aos alunos, explicando como surgiu a ideia do projeto; de quem partiu a iniciativa; quem apoiou o projeto; quem viajou; quais condições de transporte e hospedagem; roteiro, objetivos da viagem; etc. (5 min);
- Exibir o vídeo sobre a viagem *Abya Yala Sin Fronteras* (19 min);
- Abrir espaço para comentários, perguntas e/ou dúvidas dos alunos sobre o vídeo, já que a estagiária responsável pela aula fez parte dessa viagem (7 min);
- Pedir que os alunos formem sete grupos com três ou quatro integrantes, conforme o número de alunos presentes. É necessário que sejam sete grupos para a proposta a ser implementada a seguir (3 min);
- Distribuir relatos da viagem *Abya Yala Sin Fronteras* juntamente com a questão do exercício de compreensão leitora pela qual o grupo ficará posteriormente responsável de responder e socializar com a turma. Explicar para os alunos que eles devem ler os relatos atentando-se à questão proposta (3 min).

2ª Aula

- Leitura dos relatos da viagem *Abya Yala Sin Fronteras*: os alunos farão a leitura silenciosamente, observando a questão que lhes foi direcionada para em seguida apresentar uma resposta à turma (10 min);
- Após a leitura dos relatos, a estagiária responsável pela aula promoverá a socialização das respostas do exercício de compreensão leitora, sendo que cada grupo deve apresentar suas conclusões. Além da socialização oral, cada grupo deve entregar sua resposta por escrito, para que em outro momento possamos disponibilizar todas as respostas a todos os alunos (ver Plano 7) (15 min);
- Após a atividade, iniciar uma conversa sobre a “Pequena Viagem pelo *campus* da UFSC” a se realizar na próxima aula, abordando questões concernentes ao motivo da saída de campo, ao horário da saída e aos materiais de estudo necessários em campo (caderno, caneta, máquina fotográfica, etc.) (5 min);
- Entregar roteiro de observação com pontos a serem observados durante o passeio (1 min);
- Ler e comentar com os alunos o roteiro de observação, no intuito de já começar a despertar neles um novo olhar sobre o *campus* da UFSC, que é um espaço naturalizado no cotidiano deles. Informar também que na próxima aula o encontro será na sala de aula, pois teremos

mais informações sobre o roteiro da “Pequena viagem pelo *campus* da UFSC” com o condutor do passeio (9 min).

5. Recursos

- Vídeo *Abya Yala Sin Fronteras*;
- Cópias dos relatos da viagem *Abya Yala Sin Fronteras*;
- Cópias do exercício de compreensão leitora dos relatos *Abya Yala Sin Fronteras*;
- Cópias do roteiro de observação para o passeio;
- *Datashow*.

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho nas atividades de *escuta e compreensão leitora*;
- c) reconhecimento dos eixos de sentido sobre as atividades propostas em aula;
- d) identificação das *esferas da atividade humana* e dos *suportes* em que circulam os textos nos gêneros apresentados.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas: crônicas**. Raul Antelo, org. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

8. Anexos

8.1. Relatos da Viagem *Abya Yala Sin Fronteras*

RELATOS DE VIAGEM – *ABYA YALA SIN FRONTERAS*

LEDESMA/Jujuy – Argentina



30 de abril de 2013

Leo e eu acordamos hoje, em Ledesma, com o tempo bastante acinzentado. Um cenário que não víamos desde que saímos do Brasil. Por um momento, sentimos falta da paisagem desértica, crua, que estávamos vivendo aqui na Argentina. Mas a reflexão acerca “do que nos faz falta” durou pouco, pois precisávamos levantar as coisas, desarmar a barraca e seguir viagem. Não havia espaço para *os quereres*.

E seguimos com aquela velha história: guardar as coisas que estão dentro da barraca; enrolar os isolantes e os sacos de dormir; colocar a barraca para secar a fim de que ela não mofe; ajeitar tudo em cima da bicicleta; tomar um café e seguir viagem. Quando terminamos de deixar as coisas em ordem, o parque da prefeitura de Ledesma começou a ficar movimentado. Homens, mulheres e crianças ocupavam o parque e pareciam celebrar algo. Antes pensávamos que era comemoração de aniversário, no entanto, as pessoas não paravam de chegar. Era gente para tudo quanto é lado. A música já fazia parte do cenário e as vozes extasiadas das pessoas também. Em pouco tempo todas as mesas distribuídas por todo o

parque estavam ocupadas. Foi aí que percebemos que as comemorações não se efetivavam por ser um aniversário, a festa animada daquele povo era por conta do dia do trabalhador.

Estávamos prontos para seguir viagem e a fome - mesmo depois de um *rico desayuno*⁶ - começava a ressurgir. Na busca de não sermos inconvenientes, já que a hora do almoço se aproximava, perguntamos se poderíamos participar da festa de uns senhores que estavam sentados em uma mesa, próximos à saída do parque. Os senhores foram muito carismáticos e nos disseram que não precisávamos comprar nada, bastaria sentarmo-nos com eles. Insistimos em compartilhar alguma coisa e, então, sugeriram-nos comprar uma *gasosa*.

Pensávamos que iríamos almoçar e seguir viagem, todavia o tempo começou a ficar cada vez mais cinza e a chuva resolveu surgir em nossas vidas de cicloviantes. Não havia outra saída senão ficar mais uma noite em Ledesma. No entanto, não queríamos ficar novamente no acampamento porque lá não havia banheiros que pudéssemos usar e não era de nossa vontade ficar mais um dia sem banho.

Um senhor que participava da festa do trabalhador ofereceu-nos sua casa para pernoitarmos. Assim que conseguimos esse lugar para ficar, largamos mão de nos preocupar com o possível trajeto do dia e nos entregamos à festa junto aos senhores.

A tarde foi bastante prazerosa, estávamos satisfeitos com tanta comida e, felizes, bebíamos o tradicional vinho de caixinha. Não era nenhuma festa política, lembrando a verdadeira razão do 1º de maio. Aliás, talvez poucas pessoas que lá estavam soubessem da razão do feriado e recordassem dos trabalhadores de Chicago, porque aquele momento parecia estar isento de qualquer tipo de reflexão. Ser trabalhador nos canaviais de Ledesma, como era o caso de alguns trabalhadores presentes na festa, ainda parecia doloroso demais e o que restava, naquela tarde, era sorrir e festejar o tempo livre.

Pensávamos que tardaria até a Bolívia para experimentarmos a folha de coca, mas aqui mesmo na província de Jujuy, as pessoas carregam essa tradição. E, assim sendo, tivemos o prazer de experimentá-la!

Não há nada de muito distinto do que pensávamos, as pessoas catam as folhas mais verdes, tiram uns pequenos galhinhos que pode haver nelas e, num chumaco, colocam boca adentro, repousando em um dos cantos da boca. Para ficar melhor, utilizam um pouco de bicarbonato. As folhas ficam aí por minutos e mais minutos até cansarmos delas. Não há necessidade de mascá-las, somente repousá-las na boca. Não senti nada de muito diferente, apenas um pequeno adormecimento na língua que passou em segundos.

Mais tarde começou o truco entre os senhores. Fomos embora depois que as partidas pareciam estar terminando. Aqui na casa do senhor que não sabemos o nome, tomamos um banho quentinho e, com a chuva lá fora, restou a nós, tomarmos um cafezinho e assistirmos televisão, confortavelmente, em um sofá macio.

⁶ Um delicioso café da manhã

Este “senhor” que nos ofereceu sua casa com todas as mordomias, vive sozinho. Sua esposa veio a falecer há quatro meses e ele ainda parecia sentir muito a dor da perda. Com toda atenção e confiança, o “senhor” ainda compartilhou seu quarto conosco. Nós em uma cama de casal e ele, ao lado, em uma cama de solteiro. Dormimos assim mesmo: todos num mesmo quadrado, como se fôssemos de uma mesma família. No entanto, sem ele saber nossos nomes e nós sem sabermos o nome dele. Isso é o que podemos chamar de uma grande manifestação de gentileza!

Amanhã vamos seguir caminho *hasta* Salta. Temos pela frente 160 km. Nosso destino, a partir de agora, é este! Esperamos ansiosamente chegar lá para descansar de todo o sufoco que passamos com o roubo da nossa câmera fotográfica e aproveitar para comer e descansar em uma cidade que promete ter inúmeras coisas a nos oferecer.

SALTA/ Argentina.

02 de maio de 2013

Nossa ideia para o dia de hoje não era chegar a Salta, era fazermos apenas a metade do percurso. Certamente faríamos isso se não tivéssemos saído tão cedo. Partimos do local de trabalho de seu Sôria às 07h30 e o sol despertava com o avanço de nosso pedal.

O dia estava bastante agradável para seguirmos viagem, pelo menos até às 12h.

Após um descanso pós-almoço, continuamos rumo a Salta. Pensávamos que não seria muito difícil, visto que faltavam apenas 50 km para fazermos durante a tarde. Ledo engano, o caminho não era mais plano e, na medida em que as horas passavam, as estradas se inclinavam cada vez mais. Pensamos em pedir uma carona, mas o prazer do dia seria chegar em Salta com nossas próprias pernas. Por isso não foi demais nos entupirmos de vergamotas e bananas. Estávamos fracos e parecia que a fome e a sede surgiam a cada dez minutos.

Depois de 96 km rodados, às 17h, chegamos à cidade. Ao fundo, o cenário se desenhava com as cordilheiras e a entrada da cidade era um grande condomínio com casas enormes. Não *me gusta!*

Fomos parar num *hostel*, onde permanecemos quase uma semana. Primeira vez que ficamos hospedados desta forma, antes eram somente casas de pessoas e acampamentos. Tudo isso para descansarmos bem, atualizarmos o *blog* e arrumarmos nossas coisas para subirmos a cordilheira. Permitimo-nos aproveitar um pouco da boa comida e dormir bastante!

Embora a cidade seja extremamente turística e cara, confesso que gostei de Salta ou *la hermosa*, como a denominam aqui. É que, particularmente, com exceção de que não conhecemos quase ninguém, as cidades me animam. Elas não dormem e encontramos tudo o que precisamos, diferentemente do que estávamos vivendo até então, em meio à região desértica da província de Formosa.

Foi bastante difícil não termos como registrar o que nos ocorria nesta localidade. Foi um lugar fantástico, onde encontramos artistas, participamos de um lindo festival de músicas regionais,

presenciamos uma charmosa aula de tango em pleno centro *salteño*, além de outras manifestações culturais que poderiam ter sido registradas. Foi incrível! Enfim, restou-nos apenas a película dos olhos, a escrita e a caixa de memória para recordarmo-nos o que vivemos nesta grande cidade.

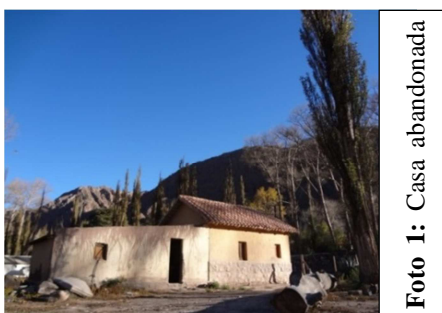
Agora é hora de seguirmos viagem, deixando de lado a planície e ir ao encontro do céu, nas cordilheiras.

ENGENHEIRO MAURY/ Argentina.

09 de maio de 2013

A paisagem já era outra. O que víamos apenas em fotos e vídeos começou a se fazer presente em nosso dia-a-dia e a pedalada tomou um gosto distinto do que havíamos até então presenciado. O êxtase ressurgiu em meus sentidos e já nem sabia que grão era no mundo. Olhei as grandes montanhas como se tudo fosse irreal demais para existir e, ao fundo, observei meia dúzia de pássaros sobrevoando as grandes altitudes. Por um momento, senti que havia uma troca de sentidos: eu ansiava ser um daqueles pássaros para poder sentir que o mundo era pequeno demais para tantas asas. E eles, em sua euforia, pareciam carregar a vontade de ser um de nós a fim de olhar o mundo como se fosse gigante demais para apenas um par de pernas. Os sentidos se invertem quando o olhar muda ou quando a busca é distinta.

Seguimos até Engenheiro Maury e algo me trazia a sensação de que estávamos longe demais. Ficamos alojados em uma casa abandonada que estava localizada quase em frente a uma delegacia. Não precisamos montar a barraca, serviu-nos apenas a lona no chão seco e os isolantes e nosso saco de dormir. A casa era enfeitada de moribundos, mas nenhum deles se intrometeu em nosso espaço. Fazia muito frio, mas ficamos surpresos de ainda conseguirmos encarar um banho gelado num banheiro próximo à delegacia.



EL PORVENIR/ Argentina

17 de maio de 2013

Havia um tempo em que estávamos refletindo por qual lugar seguir para chegar até o Chile. Não sabíamos se seguiríamos pelo Paso Sico ou Paso Jama. Inicialmente iríamos por Jama e depois resolvemos ir por Sico. Mas, neste dia pela manhã, resolvemos traçar lugares distintos

dos nossos colegas do pedal⁷, e pegamos a estrada rumo ao Passo Jama. Não sei se fizemos a escolha certa, mas por Jama há um belo trecho de asfalto, coisa que não há pelo Paso Sico.

Essa manhã foi bastante distinta das demais manhãs que havíamos presenciado na região. Acordamos cedo, o céu era coberto de nuvens e na cordilheira parecia estar nevando. Não demorou muito e depois das despedidas antes de Leo e eu seguirmos por outro caminho, a neve nos alcançou e tomou conta de nossas negras roupas, deixando-as com muitos pontos brancos.

Confesso que não senti nada diferente, nem surpresa, nem êxtase, nem nada. Pensava que iria me surpreender e gritar: *ó, estou vendo neve!* Mas não, segui no pedal na busca de chegarmos a Porvenir, a 40 km de Cauchari, antes do tempo ruim apertar.

A estrada era plana, em meio ao *salar*⁸. Ainda bem que não havia vento! Depois da província de Formosa, pela segunda vez escutamos o barulho do silêncio.

A pedalada rendeu e chegamos à Porvenir por volta das 14h30. Fomos recebidos por seu Acosta que já deu jeito de nos acomodar em um quartinho com beliche. Porvenir fica em meio ao *salar* onde vivem apenas alguns trabalhadores mineiros. A mina fica a céu aberto e há somente uma estrutura elaborada em *container*. A estrutura é construída em forma de “U” para conter um pouco do vento e lá trabalham em torno de quinze homens: alguns operam as máquinas, outros são técnicos em mineração, há o cozinheiro e os que colocam a mão na massa, tirando os minerais a cada pazada, em meio ao frio insuportável da localidade.

Chegamos e seu Acosta nos ofereceu café, comida, tudo o que se possa imaginar. Tomamos banho e ficamos bem acomodados. Tão boa foi a recepção que estendemos a estadia. Ficamos sexta, sábado e domingo. Claro que não ficamos somente por estarmos bem acomodados, mas porque a neve tomou conta do local, houve chuva e não houve outra escolha senão ficar por aqui.

Foram três dias de muitas risadas, entrosamento, comidas e conhecimento do local. Acredito que foi um dos melhores locais que ficamos até então. Só há homens, mas são muito respeitosos e bastante engraçados. Passamos minutos e mais minutos conversando e nos divertindo com as piadas desses senhores. Aproveitamos também para tomarmos banho. Fazia quatro dias que não sabíamos o que era água quente e o que era se banhar. Aliás, não sabíamos que em pleno deserto pudéssemos experimentar um banho, ainda mais: um banho quente!

Comemos tanto que me senti outra. Aqui sempre que se faz janta ou almoço, há o acompanhamento de sopa. Ou seja: nunca é um prato somente. Sempre há uma sopinha a mais. Não estávamos mais habituados com tanta comida...

⁷ Quando estávamos subindo a cordilheira, encontramos dois casais de ciclistas: um do Brasil e outro do sul da Argentina, e estávamos seguindo viagem coletivamente.

⁸ Deserto de Sal.

Os dias foram de engorda e descanso em relação aos dias em que havíamos vivido. Estávamos desgastados por conta do frio e das condições que estávamos enfrentando. Por isso, nada melhor que uma boa cama, um banho, conversas agradáveis e tempo para atualizar as experiências diárias.

Aqui aproveitamos também para registrar em vídeo a forma de vida desses senhores. Acreditamos que toda a forma de sobrevivência é uma forma de cultura popular. Por isso o registro!



Foto 2: Estrada rumo a Porvenir/Arg.



Foto 3: Mineiros de Porvenir.



Foto 4: Mineração de Porvenir.

PORTO DO ALEGRE, Margens do rio Cuiabá/ Mato Grosso - Brasil

09 de outubro de 2013

Como o habitual, reorganizamos nossas coisas na bicicleta e, depois disso, fomos tomar o café da manhã. Um café não muito reforçado, pois em seguida iríamos pegar o barco até o Porto do Alegre. Antes disso, enquanto eu ajustava algumas coisas e desmontava o mosquiteiro, Leo gravou um vídeo com Luci e Wandir, sobre como é a vida no Pantanal. Sem demorar muito, Wandir nos levou de barco até o Porto, onde o encostamos em um barranco, a fim de conseguirmos tirar as bicicletas e sairmos do barco. A despedida de Luci e Wandir foi um pouco sem emoção. Queria abraçá-los, dizer que eles foram pessoas incríveis, que mudaram nosso olhar sobre o Pantanal, mas, o jeito fechado do casal, parecia criar uma barreira entre a emoção e a razão. Agradecemos superficialmente, mas nunca iremos esquecer-nos dessas pessoas tão acolhedoras e simples que o rio Cuiabá nos trouxe.

Deixamos nossas bicicletas dentro de um galpão que um senhor sério (fazendeiro, sisudo, mas organizado) nos ofereceu. Pensávamos que a lancha viria cedo, antes do almoço. Ledo engano. Ficamos na sombra de uma goiabeira, esperando, mas nada. Nenhum barulho. Nenhum sinal de que ela apareceria. Enquanto isso, apareceram mais e mais pessoas. Foram chegando em bando e se acomodando em algum canto, embaixo de algum lugar mais fresco. Conhecemos seu Tadeu, senhor engraçado, mal-humorado, mas de bom coração. Ele andava devagar, empinando sua barriga gorda de cerveja e sorria de lado, com o bigode branco que tapava metade de sua boca. Chegou o fim de tarde e não havíamos comido nem um farelo de pão. Disseram-nos que a lancha só chegaria no outro dia. Tivemos, então, de tomar um banho.

O calor era forte, o banheiro era precário, sujo, sem água, cheiro forte, então o que nos restava era nos banhar no rio Cuiabá. Levamos todas as coisas: toalhas, roupas, sabonete e assim foi: com o pôr-do-sol refletido nas águas do rio nos banhamos, fazendo conchas de água com as mãos. O banho certamente foi muito refrescante. Mas não podíamos fazer movimentos bruscos nas águas porque os jacarés poderiam atacar. Quando já estávamos terminando de nos banharmos, vimos um jacaré, pouco a pouco se aproximando. Seus olhos estavam cada vez mais perto... Era hora de nos afastarmos do rio.

Permanecemos com um grupo de pessoas que estava esperando a lancha. Eram crianças, cozinheiras, peões, caseiros... Todos na ânsia de voltar à cidade: uns para nunca mais retornar as fazendas do pantanal; outros para rever pais, mães e filhos. Poucos viajavam para fazer compras. A maioria era pelo sentimento: *saudade*. Durante os diálogos eu não conseguia me aproximar muito das mulheres cozinheiras. Conversava com algumas, mas a conversa nunca se estendia por muito tempo. Elas gostavam mesmo de falar entre elas: discutir receitas, manias dos patrões, explanar como é sua rotina e de que forma preferiam trabalhar. Eu apenas ouvia. O Leo pescava junto aos homens. Enquanto eu não sabia de que lado permanecer, andava de um lado para o outro.

O jantar ficou pronto e foi feito por Tadeu (o homem do bigode branco). A comida era simples: arroz e carne de sol que estavam guardados dentro de um latão que ficava no mesmo galpão onde colocamos as bicicletas. Pelo fato de os alimentos já estarem guardados, deu a

entender que guardar alimentos é uma prática bastante comum no porto, enquanto se espera a lancha chegar.

Dormimos num outro galpão. Todas as pessoas montaram suas redes com mosquiteiros. Algumas pessoas que não haviam levado mosquiteiro enchiam-se de repelente pelo corpo todo. Leo e eu montamos o mosquiteiro da barraca. Não tínhamos rede.



Foto 5: Luci e Wandir nos levando até o Porto do Alvarca



Foto 6: Tadeu, preparando a janta, no Porto do Alegre.

8.2. Atividade de Compreensão Leitora dos Relatos de Viagem *Abya Yala Sin Fronteras*

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFSC

TURMA: 1ºD

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

ESTAGIÁRIAS: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Atividade de Compreensão Leitora dos Relatos de Viagem – *Abya Yala Sin Fronteras*

Integrantes do Grupo: _____

- 1) Ao escrever um relato de viagem, o autor, geralmente, insere em seu texto marcas linguísticas de *tempo* e *espaço*, a fim de que ele situe o texto e possa relatar ao interlocutor a experiência vivida. Podemos perceber essas características em todos os relatos da viagem *Abya Yala*. Neste sentido, escolha dois, dos cinco relatos, e aponte estas marcas linguísticas de tempo (tempo/forma verbal) e espaço (verbos utilizados que indicam movimento entre espaços diferentes) expostas ao longo dos textos.
- 2) A viagem *Abya Yala*, igualmente a de Frézier, não foi solitária. Com quem a autora viajava e como podemos perceber, no texto, que ela não estava sozinha?
- 3) Ao lermos o relato de Frézier, quando da sua chegada à Ilha de Santa Catarina, percebemos que o texto é bastante antigo por várias questões que vão desde manifestações linguísticas até o modo como Frézier viajava. No relato de viagem *Abya Yala* também percebemos a época em que o texto foi escrito. Como isso é possível?
- 4) Uma das características de um relato de viagem é a descrição cultural do lugar onde se viaja. Durante os relatos *Abya Yala*, a autora citou alguns costumes culturais do lugar em que estava. Escreva sobre estes costumes.
- 5) Existem vários modos de viajar: podemos viajar de avião, de um país a outro, podemos viajar de barco, de carro, de ônibus, etc. Neste sentido, escreva qual meio de locomoção os viajantes *Abya Yala* usaram e, a partir disso, responda: segundo os relatos lidos, a viagem toda foi da mesma maneira? O que difere a viagem *Abya Yala*, das viagens mais convencionais, como as de avião? Como era basicamente a rotina dos viajantes?
- 6) Quando falamos em viagens, pensamos quase que intuitivamente em momentos felizes. A partir dessa consideração, podemos afirmar, segundo os relatos, que a viagem *Abya Yala* foi perfeita do início ao fim? Comente sobre isso.
- 7) Há um momento, em um dos relatos lidos, que a autora escreve sobre como foi difícil não poder registrar o que ocorria na cidade de Salta. A que tipo de registro se refere à autora, já que o recurso aqui exposto como apoio de memória é a escrita?

8.3. Roteiro de Observação para “Pequena Viagem pelo *campus* da UFSC”

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFSC

TURMA: 1ºD

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

ESTAGIÁRIAS: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D’Agostin Alano

Roteiro de Observação para nossa “Pequena Viagem pelo *campus* da UFSC”

Após todo o contato que tivemos com os *relatos de viagem* de outras pessoas, chegou o momento de também nos permitirmos “viajar”. Não será exatamente uma viagem, mas um passeio pelo *campus* da UFSC, tentando observá-lo com um olhar diferente do habitual. Neste sentido, para que este passeio se torne uma “viagem”, convidamos vocês a *flanar*, seguindo as dicas de João do Rio (2008, p.31-32):

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter o espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs⁹ e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso [...] praticar o mais interessante dos esportes, a arte de flanar. [...] Flanar! Aí está o verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! [...] Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia e à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco [...] conversar com os cantores de modinha nas alfurjas¹⁰ da Saúde, depois de ter ouvido os *dilettanti* de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má [...] é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego¹¹ [...]. É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas.

Flanando, ou seja, observando as coisas mais simples do dia-a-dia, podemos lançar um novo olhar sobre a nossa rotina. Assim, para “viajarmos” pelo *campus* da UFSC, no dia 19 de maio, segunda-feira às 07h30, precisaremos nos atentar para algumas questões:

- a) Levar um caderno para fazer anotações;
- b) Anotar *quando, onde e como* foi a “Pequena viagem pelo *campus* da UFSC”;
- c) Quem participou do roteiro;
- d) Atentar às questões explanadas pelo professor Leonardo (GEO) durante o passeio;
- e) Estar atento (e anotar) às impressões deixadas pelos lugares por onde passarmos, descrevendo e narrando o início, o meio e o fim da “viagem”;
- f) Comentar sobre o clima, a vegetação e a arquitetura dos espaços visitados;
- g) Descrever o meio de locomoção utilizado;
- h) Observar as pessoas que encontrarmos pelo caminho;
- i) Registrar imprevistos, surpresas e/ou algum outro fato interessante vivido no passeio.

⁹ Maldosas, mal intencionadas.

¹⁰ Lugar mal frequentado.

¹¹ Escuro e medonho.

3.9.5. PLANO DE AULA 5

Plano de Aula 5 (19/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^a. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 19/05/2014

Horário: 07h30 às 8h15 - 08h15 às 09h00

Estagiárias Responsáveis: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a potencialização das práticas de uso da língua materna por parte dos alunos, em interações histórico-culturais a partir do roteiro de observação e do roteiro de viagem proposto; proporcionar a vivência de uma pequena viagem ao *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina; possibilitar a interdisciplinaridade, abordando questões históricas e geográficas sobre o local sob a orientação do professor Leonardo Valenza (Colégio Aplicação/GEO).

2.2. Objetivos Específicos

- Adquirir insumo para a produção de um relato de viagem;
- Refletir sobre os relatos de viagens estudados;
- Implementar as práticas de escuta e observação.

3. Conhecimentos

- Práticas de leitura do mapa do roteiro da pequena viagem;
- Práticas de observação e vivência.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- A recepção dos alunos antes do passeio será feita na sala de aula;
- Fazer chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Fala do professor de Geografia do Colégio de Aplicação, Leonardo Valenza, sobre sua monografia, a qual abordou o tema: “Dinâmica Sócio-Espacial da Urbanização de Florianópolis: a Influência da UFSC em Locais Adjacentes ao *Campus* da Trindade – A Comunidade da Serrinha como Base de Reflexão”. Esta fala será uma introdução para o passeio a se realizar a seguir (12 min);
- Entregar um mapa da UFSC para cada aluno que indicará o traçado do passeio (1 min);
- Convidar os alunos a iniciarmos a “Pequena Viagem pelo *campus* da UFSC”, tendo como condutor o professor Leonardo. O percurso se efetivará da seguinte maneira: saída do Colégio de Aplicação em direção ao prédio do Centro de Educação (CED) com pequena parada para fala do professor Leonardo (15 min);
- Seguir em frente na direção do Horto Botânico, onde também ocorrerá uma pequena parada para ouvirmos o professor Leonardo (15 min).

2ª Aula

- Seguir o roteiro em direção ao prédio da reitoria passando pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) (5 min);
- Parada em frente ao prédio da reitoria para fala do professor Leonardo (10 min);
- Seguir em direção ao prédio do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), onde teremos um momento de pausa no pátio em frente à Concha Acústica. Em todos os momentos do passeio os alunos devem estar atentos ao espaço, às pessoas encontradas e aos fatos ocorridos, mas neste momento em frente ao prédio do CCE os alunos terão um momento específico para parar e exercer o olhar sobre o espaço em que se encontram (10 min);
- Retomar o percurso em direção ao prédio da Biologia, seguindo pelos corredores do curso de Matemática, onde o professor fará mais alguns comentários sobre este prédio (10 min);
- Conclusão do percurso e retorno ao Colégio de Aplicação. Encaminhar os alunos até a sala de aula e avisar que eles devem trazer as anotações sobre o passeio para a atividade da próxima aula e (10 min).

5. Recursos

- Máquina fotográfica;
- Caderno para anotações;
- Roteiro de observação.

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) observação e colaboração durante o passeio.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLOSHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

8. Anexos

8.1. Mapa com traçado da “Pequena viagem pelo *campus* da UFSC”



3.9.6. PLANO DE AULA 6

Plano de Aula 6 (22/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^ª. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 22/05/2014

Horário: 07h30 às 8h10 - 08h10 às 08h50

Estagiárias Responsáveis: 1ª Aula – Berenice Ferreira da Silva; 2ª Aula – Natassia D'Agostin Alano

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a potencialização das práticas de uso da língua materna por parte dos alunos, em interações histórico-culturais, conduzindo à escrita do gênero *relatos de viagem*.

2.2. Objetivos Específicos

- Implementar as práticas de escuta sobre o passeio da aula anterior;
- Implementar as práticas de escrita de um relato de viagem.

3. Conhecimentos

- Prática de escrita do gênero *relatos de viagem*.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- Fazer chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Iniciar a aula, comentando acerca do passeio realizado na aula anterior (5 min);
- Indagá-los sobre suas impressões do passeio e as diferentes situações vividas, a fim de lembrarem: os aspectos naturais e humanos observados; a história desse espaço apresentada pelo professor Leonardo; fatos inusitados que ocorreram durante o passeio; se há algo a relatar em relação aos colegas e professores que participaram do roteiro; o que poderia ter sido mais explorado no roteiro; o que sentiram/pensaram durante o passeio; refletir sobre as perspectivas de viagens vividas no passeio: a viagem no tempo (histórica) e no espaço; etc. (10 min);
- Relembrar das diferentes formas de apoio de memória ressaltando a importância do gênero *relatos de viagem*. Neste momento, promover uma retomada rápida de todos os relatos lidos com os alunos para lembrarem exemplos do gênero em questão (Frézier, Che Guevara, *Abya Yala Sin Fronteras*) (10 min);
- Solicitar aos alunos que, a partir das anotações realizadas sobre a “Pequena Viagem pelo campus UFSC”, considerando as dicas do roteiro de observação e o resumo sobre o gênero *relatos de viagem*, iniciem a produção escrita de um relato da pequena viagem realizada. A proposta para esta produção textual será exposta na lousa: *Escreva um relato sobre a pequena viagem pelo campus da UFSC, ocorrida no nosso último encontro, considerando: os*

*conhecimentos adquiridos nas últimas aulas quanto ao gênero relatos de viagem, os pontos destacados no roteiro de observação e o resumo sobre o gênero relatos de viagem. Bom trabalho! (12 min)*¹².

2ª Aula

- (continuação) Produção escrita do relato de viagem (35 min)¹³;
- Avisar aos alunos que, em caso de faltas nesta e na próxima aula e/ou não cumprimento da atividade de produção escrita, estaremos à disposição no horário da Recuperação Escolar na quarta-feira às 14h (5 min).

5. Recursos

- Caderno, lápis, caneta.

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho na atividade de *escrita* do gênero *relatos de viagem*.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

¹² Os alunos que não participaram do passeio devem produzir um relato sobre outra viagem realizada por eles, ou reescrever o relato feito no primeiro dia de aula, adequando-o à proposta de escrita do relato final.

¹³ Levaremos alguns livros, textos literários, histórias em quadrinho e gibis para distribuir aos alunos que terminarem a atividade antes do tempo previsto, a fim de se manterem ocupados em leitura silenciosa.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLOSHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

3.9.7. PLANO DE AULA 7

Plano de Aula 7 (26/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^ª. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 26/05/2014

Horário: 07h30 às 8h15 - 08h15 às 09h00

Estagiária Responsável: Berenice Ferreira da Silva

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a potencialização das práticas de uso da língua materna por parte dos alunos, em interações histórico-culturais, por meio de análises textuais e linguísticas das produções escritas ao longo das aulas.

2.3. Objetivos Específicos

- Implementar as práticas de escuta, leitura, escrita e reflexão sobre a língua.

3. Conhecimentos

- Práticas de escuta e reflexão sobre a língua;
- Práticas de reflexão e reescrita do gênero *relatos de viagem*.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- Fazer chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Iniciar a aula devolvendo aos alunos as atividades de compreensão leitora sobre o relato de Frézier e os relatos do projeto *Abya Yala Sin Fronteras* juntamente com uma cópia do Quadro Comparativo (1 min);
- O Quadro Comparativo será reproduzido na lousa pela estagiária responsável que, de modo dinâmico e resumido, juntamente com os alunos, promoverá uma revisão das diferenças entre os relatos antigos e atuais, destacando no Quadro as informações sugeridas pelos alunos a partir das atividades de compreensão leitora feitas nas aulas anteriores. Os alunos devem acompanhar a atividade e copiar os apontamentos resumidos no Quadro Comparativo (7 min);
- Devolver aos alunos os relatos produzidos na primeira aula bem como a primeira versão do relato final, ambos devidamente lidos e contendo as considerações das professoras-estagiárias. Os alunos terão alguns minutos para ler as considerações feitas pelas estagiárias. O intuito é perceberem sua ‘evolução’ quanto ao gênero textual abordado durante as últimas aulas, comparando o primeiro texto com a última produção escrita (6 min);
- A partir dos resultados da primeira versão do relato final dos alunos será promovida uma discussão considerando dois enfoques: adequação ao gênero *relatos de viagem* e análise linguística. Para refletir sobre a adequação ao gênero, os alunos serão lembrados dos conhecimentos desenvolvidos ao longo das aulas quanto aos relatos de viagem: será retomado o resumo sobre o gênero relatos de viagem entregue a eles, bem como o roteiro de observação da pequena viagem. Serão abordadas as questões mais problemáticas considerando os resultados apresentados nos textos (10 min);
- Quanto à análise linguística, as estagiárias verificarão durante a leitura dos textos dos alunos, ao longo do estágio, quais as maiores dificuldades relacionadas à escrita concernentes à: norma padrão da língua portuguesa, pontuação, coerência e coesão. Serão abordadas as situações eleitas mais carentes de reflexão (18 min).

2ª Aula

- Solicitar aos alunos que reescrevam os seus *relatos de viagem* considerando os apontamentos feitos individualmente em cada texto e coletivamente na aula (40 min)¹⁴;

¹⁴ Levaremos alguns livros, textos literários, histórias em quadrinho e gibis para distribuir aos alunos que terminarem a atividade antes do tempo previsto, a fim de se manterem ocupados em leitura silenciosa.

- Solicitar aos alunos que tragam para a próxima aula alguns materiais ilustrativos (fotos/desenhos) para incluir na versão final do relato. Devem ser materiais impressos, que permitam o trabalho de colagem (5 min).

5. Recursos

- Lousa e caneta marcadora.

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho nas atividades de *escuta, reflexão e escrita*.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLOSHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

8. Anexos

8.1. Quadro Comparativo

COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFSC
TURMA: 1ºD

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

ESTAGIÁRIAS: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Quadro Comparativo referente aos relatos de viagem de Frézier e *Abya Yala*

Elementos a serem considerados	“Descrição da Ilha de Santa Catarina” – Relato de Frézier	Viagem à América do Sul – Relatos Abya Yala
Pessoas presentes na viagem (viajantes)		
Transporte(s) utilizado(s)		
Época em que ocorreu a viagem		
Planejamento da viagem		
Aspectos semelhantes descritos nos dois relatos		
Apoios de memória utilizados pelos viajantes		

3.9.8. PLANO DE AULA 8

Plano de Aula 8 (29/05)

1. Dados de Identificação

Escola: Colégio de Aplicação - UFSC

Professora Titular: Rafaella Machado

Professoras Estagiárias: Berenice Ferreira da Silva e Natassia D'Agostin Alano

Supervisora: Prof^{ta}. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: D

Turno: Matutino

Número de alunos: 24

Data: 29/05/2014

Horário: 07h30 às 8h10 - 08h10 às 08h50

Estagiárias Responsáveis: 1ª Aula – Natassia D’Agostin Alano; 2ª Aula – Berenice Ferreira da Silva e Natassia D’Agostin Alano

2. Objetivos

2.1. Objetivos Gerais

Promover a socialização dos relatos de viagem escritos pelos alunos.

2.2. Objetivos Específicos

- Implementar as práticas de escuta e leitura do gênero *relatos de viagem*;
- Instigar a criatividade na elaboração ilustrativa do gênero *relatos de viagem* e na criação do varal expositivo.

3. Conhecimentos

- Práticas socializadas de leitura dos relatos de viagens;
- Práticas de escuta sobre o gênero *relatos de viagem*.

4. Planejamento das Aulas

1ª Aula

- Fazer chamada (3 min) e registrar no Diário de Classe;
- Iniciar a aula devolvendo as versões finais das produções escritas do gênero *relatos de viagem* (1 min);
- Solicitar que os alunos façam as alterações necessárias na versão final do seu relato de viagem (caso ainda haja relatos com muitos problemas, pedir que o aluno em questão passe o texto a limpo) e, em seguida, sugerir que decorem os textos, cada um ao seu estilo, para posterior exposição. Os alunos poderão incluir imagens nos seus relatos bem como utilizar materiais decorativos a ser fornecido pelas estagiárias (20 min);
- Formar um semicírculo com as carteiras (2 min);
- Promover a leitura de alguns relatos da pequena viagem, sendo que as estagiárias iniciarão as leituras expondo os seus relatos, a fim de incentivar os alunos a também compartilharem com a turma as suas produções escritas (14 min).

2ª Aula

- Confeccionar coletivamente um varal expositivo com todos os relatos de viagem e afixar na parede externa da sala, no corredor (25 min);
- Reunir os alunos e fazer o encerramento do estágio de docência agradecendo a colaboração deles e das professoras, sendo que cada estagiária poderá externar seus comentários sobre a experiência vivida com a turma. Esclarecer aos alunos que as notas atribuídas a eles serão repassadas à professora da turma e, caso tenham dúvidas, estaremos à disposição para devidos esclarecimentos (15 min).

5. Recursos

- Cola, tesoura, tecidos, papéis coloridos, barbante, fita adesiva.

6. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho nas atividades de *escuta e leitura*;
- c) reconhecimento dos eixos de sentido sobre as atividades propostas em aula.

7. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

GERALDI, João Wanderley. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLOSHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

4. RELATOS DA PRÁTICA DOCENTE

Antes de relatar nossa atuação em sala de aula, vale enfatizar que nossa prática docente se deu em oito encontros com os alunos da turma 1ºD, do Colégio de Aplicação da UFSC, correspondendo às 16h/a de atividade docente (em sala) requisitadas para este estágio. Tais encontros ocorreram durante as duas aulas de 45 minutos de quatro segundas-feiras (07h30 às 09h00), e as duas aulas de 40 minutos de quatro quintas-feiras (07h30 às 08h50), entre os dias 05 e 19 de maio do corrente ano. As aulas foram divididas entre as estagiárias, ficando cada uma responsável por 8h/a ao longo da execução do projeto docência, denominado *Relatos de Viagem: onde viajar é o caminho e relatar é a lembrança*.

O planejamento foi construído em conjunto pela dupla de estagiárias, e ambas optaram por ministrar as aulas alternadamente, a fim de tornar efetivo o trabalho em conjunto. Tal decisão demonstrou que, além de ser viável ministrar as aulas do estágio alternadamente, foi muito mais interessante para as estagiárias irem se observando na prática docente: dar uma aula em um encontro e observar a aula da colega no outro, foi parte da metodologia que contribuiu grandemente para a autocrítica de cada estagiária, o que refletiu positivamente no resultado da nossa atuação e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.

Aliás, o nosso fazer docente não se resumiu somente ao ato de dar aulas: atuar como professoras, durante este período de estágio, foi uma oportunidade de vivenciar muitas experiências, as quais se deram a partir de atividades e percepções envolvendo desde o acompanhamento, minucioso, da rotina do colégio, como também o planejamento de todas as aulas e a reflexão em torno destas. Nestes momentos de percepções e questionamentos procuramos compreender o comportamento dos alunos durante a nossa atuação, observar e relatar o processo de execução das aulas planejadas e, sobretudo, colocar em prática grande parte dos conhecimentos e experiências acumulados ao longo da nossa formação acadêmica.

Quanto à definição do nosso plano de ação, diferentemente da experiência vivida no estágio com alunos do Ensino Fundamental, já tínhamos uma sugestão temática para a construção do nosso projeto de docência junto à turma 1ºD, a saber, o gênero *relatos de viagem*. Antes mesmo de começarmos nossas observações na turma, a professora regente já havia nos sugerido esta temática, acentuando que o assunto fazia parte do planejamento anual das turmas de primeiros anos e que gostaria que trabalhássemos com este tema.

A princípio nos sentimos bastante à vontade com a proposta, pensando em inúmeras possibilidades de trabalho, já que há uma infinidade de materiais que abordam o tema da

viagem. Entretanto, quando iniciamos o processo de elaboração dos planos de aula, o fato de haver tantos materiais disponíveis, tornou um tanto laboriosa a tarefa de selecionar textos para compor o nosso planejamento. Apesar dessa dificuldade de escolhas, procuramos nos manter numa linha de trabalho que promovesse o diálogo com os alunos em questões envolvendo a reflexão sobre a língua(gem), o tempo e a memória, a partir da viagem e dos relatos oriundos desta.

Portanto, o eixo do nosso projeto era fazer com que os alunos percebessem as infinitas possibilidades oferecidas pela linguagem, que estão a serviço do projeto de dizer de cada sujeito, partindo da temática da viagem. Nossas atividades foram elaboradas no anseio de despertar nos alunos a vontade de conhecer esse “mundo de possibilidades” tanto da linguagem quanto da viagem, porque na medida em que o conhecemos, registramos o mundo. E, no caso da nossa proposta, este registro estaria diretamente ligado à escrita enquanto um suporte de memória utilizado pelos viajantes. Trabalhar com o gênero *relatos de viagem* pressupõe uma aproximação com realidades distantes: além de ser um gênero que permite uma leitura de fruição, proporciona a quem o lê a possibilidade de viajar por outros lugares e culturas por meio da escrita. Considerando tudo isso, elaboramos nosso plano de ação e apresentamos a seguir os resultados deste projeto de docência desenvolvido com os alunos da turma 1ºD.

4.1. AULA 1

Em nosso primeiro dia de aula, chegamos mais cedo para podermos ajeitar as cadeiras da sala em um semicírculo e nos prepararmos para iniciar a execução do projeto. Assim que os alunos entraram e se acomodaram, demos início à aula. Berenice fez a chamada e realizou as devidas anotações no caderno de classe. Natassia, responsável pela aula, comentou primeiramente sobre algumas questões que diziam respeito ao planejamento do projeto, fazendo menção acerca da importância da participação dos alunos e de como estes seriam avaliados. Após esse primeiro momento, deu-se início à dinâmica da “caixa preta”. Ainda que a estagiária, por vezes, precisasse chamar a atenção de alguns alunos durante a aula, percebemos que os alunos se mostraram atentos e se envolveram na proposta, interagindo com a estagiária e os colegas. No segundo momento da aula, quando houve a proposta da escrita no cartaz *Em quê confio minhas lembranças*, a professora-estagiária, inicialmente, teve que insistir para que os alunos escrevessem; no entanto, aos poucos, todos os alunos foram se levantando e escrevendo no cartaz.

Na proposta final, que consistia em escrever um relato “intuitivo” sobre uma viagem marcante que os alunos realizaram em algum momento de suas vidas, todos se empenharam e escreveram textos bem estruturados, ultrapassando nossas expectativas para este primeiro momento (Anexo 2.1). Outro fato que nos impressionou positivamente foi que, durante a aula, nenhum aluno mexeu no celular; apenas no final da atividade escrita, quando restavam poucos minutos para o fim da aula, conforme iam terminando a produção textual alguns alunos pegaram o celular, mas sem atrapalhar os colegas.

Consideramos que a aula foi um sucesso, levando em conta a nossa ansiedade do primeiro dia e a expectativa em relação ao comportamento dos alunos diante das atividades propostas. De modo geral, o Plano de Aula 1 foi cumprido, com exceção da exibição da música *Vida de Viajante*, pois o aparelho de som da sala de aula não estava funcionando. Diante disso, ficou decidido que as próximas aulas se realizariam num dos mini auditórios da escola, já que nas aulas posteriores faríamos uso de outro material audiovisual.

4.2. AULA 2

Neste dia chegamos igualmente mais cedo no mini auditório azul, a fim de organizarmos as carteiras em duplas. Esperávamos o coordenador para obtermos a chave do armário do computador e preparar o vídeo a ser exibido no início da aula. No entanto, o coordenador se atrasou para chegar à escola, e tivemos que mudar a ordem das atividades planejadas. Iniciamos a aula, com alguns minutos de atraso: Natassia fez a chamada. Em seguida, Berenice, responsável pela aula, iniciou a leitura do texto de Frézier em voz alta, enquanto os alunos a acompanhavam por meio das cópias distribuídas. Os alunos não deram total atenção durante a leitura: alguns conversavam, alguns mexiam no celular e outros, simplesmente, debruçaram-se sobre as carteiras. Visto que era uma leitura mais densa, a estagiária manteve um ritmo acelerado de leitura, a fim de que esse tempo de dispersão da turma não se prolongasse.

Quando faltava apenas o último parágrafo, um aluno pediu para ler, e concluiu a leitura do texto. A seguir, a estagiária propôs algumas questões orais. Neste momento os alunos participaram, mas alguns deles não sabiam o que dizer, pois aparentemente não haviam ficado atentos ao texto. Na sequência, foi entregue aos alunos as questões de compreensão leitora sobre o texto de Frézier, e com o auxílio da estagiária, os alunos realizaram a atividade em dupla. Durante a facção dos exercícios percebemos que duas questões poderiam ter sido

formuladas de forma diferente, pois a maioria dos alunos demonstrou dificuldade em compreendê-las.

O tempo disponibilizado para a facção da atividade foi excedido, mas todos os alunos responderam a atividade de modo satisfatório, com exceção de duas duplas. Numa dessas duplas, ao invés de responder em parceria com o colega, apenas um dos alunos respondeu, enquanto o outro parecia dormir. Já a outra dupla, por mais que a estagiária tenha chamado a atenção por várias vezes, as alunas ficaram conversando, sendo que acabaram entregando apenas quatro questões respondidas (Anexos 2.2).

Em seguida, distribuímos uma cópia do texto “encantos da ilha”, para que os alunos fossem realizando a leitura silenciosa enquanto os colegas terminavam a atividade. Depois que todos entregaram as respostas, Berenice mostrou o livro de fotografias de onde foi retirado o texto “encantos da ilha”, e exibiu algumas fotos contidas nele. Alguns alunos que terminaram a atividade com mais antecedência, folhearam ambos os livros trabalhados em aula. Posteriormente, a estagiária exibiu o vídeo que estava programado para o início da aula. Isso foi possível porque quando o coordenador chegou a nossa orientadora nos trouxe a chave do armário do computador, permitindo-nos realizar a atividade no final da aula. Ao final da exibição do vídeo, a estagiária interpelou os alunos sobre o que acharam e se eles tinham o mesmo costume de guardar objetos: alguns alunos contaram suas experiências em relação a guardar objetos e também em relação à escrita em diários, escrita de poesias, etc. A aula terminou durante essa conversa, em que os alunos comentavam sobre os apoios de memória que eles costumam utilizar para guardar suas lembranças.

4.3. AULA 3

Natassia faz a chamada e realizou as devidas anotações no caderno de classe. Neste encontro, o primeiro período da aula estava sob a responsabilidade da estagiária Berenice, que iniciou a aula exibindo alguns vídeos de diferentes viagens/viajantes, seguidos de comentários sobre os projetos. A cada vídeo a estagiária fazia um comentário explicando um pouco sobre os objetivos das viagens apresentadas, como foram financiadas e, principalmente, a relação próxima desses relatos audiovisuais com a escrita. Essa atividade estava prevista para ocorrer durante a primeira aula, mas a estagiária não conseguiu cumprir seu tempo, passando a palavra à colega quinze minutos antes do tempo previsto. Na sequência, Natassia iniciou a segunda aula exibindo o *trailer* do filme *Diários de Motocicleta*, promovendo, a seguir, uma reflexão sobre a viagem física e espiritual, algo que não estava previsto no planejamento, mas

que foi improvisado pela estagiária em vista da sobra de tempo deixada pela estagiária Berenice.

Apesar de os alunos parecerem prestar a atenção, a maneira como a estagiária conduziu sua aula distanciou-se, em partes, do planejamento previsto, já que após a distribuição dos relatos da viagem de Che Guevara, os quais os alunos deveriam ler silenciosamente, ela já distribuiu o resumo sobre o gênero relatos de viagem, antes de comentar os relatos lidos. Durante a leitura dos relatos, alguns alunos aparentaram não dar muita atenção ao texto lido. Embora a maioria tenha realizado a leitura, três alunos não o fizeram, sendo que dois deles permaneceram deitados sobre as carteiras. Em seguida, Natassia promoveu a leitura do resumo sobre o gênero relatos de viagem, convidando alguns alunos a ler alguns trechos do resumo em voz alta para a turma. A partir das duas leituras, a estagiária ressaltou as características do gênero apontadas no resumo, relacionando-as aos relatos de Che Guevara, mas como o tempo da aula já estava se esgotando, não foi possível realizar uma reflexão satisfatória sobre os relatos, nem fazer o fechamento da aula, que era retomar a reflexão inicial sobre a viagem física e espiritual, conforme proposta pela estagiária.

De toda forma, percebemos que alguns alunos se interessaram pelo relato lido: certos alunos que não costumam se manifestar oralmente em sala comentaram sobre alguns causos interessantes lidos nos relatos. Aliás, depois que esses alunos teceram tais comentários, um aluno que não havia se interessado inicialmente pelo texto disse baixinho à sua colega: “ah, eu não sabia que era legal”; e retomou a leitura do texto, silenciosamente. Talvez esta tenha sido a aula que mais se distanciou do que estava previsto no planejamento, mas, ainda assim, consideramos que os objetivos principais foram alcançados.

4.4. AULA 4

Antes de iniciar a aula colocamos as cadeiras em semicírculo. Berenice fez a chamada e realizou as devidas anotações no caderno de classe. Natassia, responsável pela aula, encaminhou a exibição de um vídeo de uma viagem que ela havia realizado. Durante a exibição do vídeo sobre a viagem *Abya Yala Sin Fronteras* quatro alunos ficaram fazendo tarefa de outra disciplina. Entretanto, a maioria da turma assistiu ao audiovisual com muita atenção, e como se tratava de uma viagem da qual a estagiária fez parte, ao final do vídeo, os alunos bateram palmas para ela. O planejamento desta aula previa diversas atividades, portanto, ficamos atentas ao horário a fim de realizar tudo o que estava planejado.

Natassia conduziu as atividades conforme planejado e tudo ocorreu dentro do que foi previsto: os alunos fizeram algumas perguntas sobre a viagem, às quais a estagiária respondeu brevemente, foram distribuídos os relatos da viagem para leitura coletiva e em voz alta com a participação dos alunos (os alunos que estavam fazendo tarefa de outra disciplina foram repreendidos e convidados a participarem da aula ou saírem da sala para terminarem a tarefa na coordenação; diante desse pedido, das estagiárias e da professora orientadora do estágio, eles fecharam os cadernos e participaram das atividades). Em seguida, a estagiária separou os alunos em sete pequenos grupos, a fim de responderem a questão de compreensão leitora proposta que, após alguns minutos, foi socializada com toda a turma (Anexo 2.3).

Encerrada as atividades sobre a viagem *Abya Yala Sin Fronteras*, Natassia entregou o *Roteiro de Observação para a pequena viagem pelo campus da UFSC*. Depois de realizar a leitura do roteiro para os alunos, a estagiária explicou sobre a saída que faríamos na próxima aula, ressaltando que se atentassem às orientações constantes no roteiro. Consideramos que o Plano de Aula 4 foi cumprido satisfatoriamente, conforme previsto, ainda que não tenha sido possível travar um diálogo mais intenso com os alunos sobre a viagem *Abya Yala Sin Fronteras*. Porém, caso eles tivessem interesse, foi disponibilizado posteriormente (através da página do *Facebook*), o *blog* da viagem para que eles obtivessem mais informações.

4.5. AULA 5

Para este dia estava prevista a saída de campo, proposta aos alunos como uma “pequena viagem” ao *campus* da UFSC. Foi acertado que todos deveriam vir à sala de aula antes de iniciarmos o passeio. Primeiramente, Berenice fez a chamada e realizou as devidas anotações no caderno de classe. Na sequência, o professor de Geografia, Leonardo Valenza, do Colégio de Aplicação, convidado a ser o condutor da saída, fez uma fala introdutória sobre a constituição histórica e geográfica da Universidade. Após essa fala, de aproximadamente vinte minutos, distribuimos um mapa da UFSC para os alunos, contendo o traçado do trajeto que percorreríamos, e iniciamos a “viagem”. Para esta saída contamos também (como em todas as outras aulas) com a participação da nossa professora orientadora e da professora da turma, as quais nos auxiliaram todo o tempo a fim de os alunos não se dispersarem.

Durante o percurso, alguns alunos andavam mais lentamente que os outros, por isso, nós ficamos constantemente atentas ao horário. Nossa primeira parada foi na botânica, que faz parte do Centro de Ciências Biológicas (CCB). Leonardo comentou sobre as questões históricas da construção da UFSC, enquanto isso, alguns alunos gravavam a fala do professor

no celular, outros faziam anotações, alguns apenas ouviam e poucos conversavam. Diversas vezes os alunos ficavam dispersos, talvez pela própria proposta da aula, mas íamos chamando-os a concentrar-se nos aspectos do lugar e na fala do professor.

A segunda parada foi nas proximidades do Centro de Ciências da Educação (CED) e do Centro de Filosofias e Ciências Humanas (CFH). Nesse momento, apesar do barulho de automóveis, alguns alunos ficaram bastante atentos às informações que o professor Leonardo nos passou, como: o fato de o Colégio de Aplicação já ter funcionado naquele espaço e a arquitetura do prédio do CFH, que foi construído em formato de prisão, na época da ditadura, a fim de se conter possíveis manifestações estudantis. A nossa terceira e última parada foi na concha acústica, em frente ao prédio do Centro de Comunicação e Expressão (CCE). Neste local os alunos se sentaram na concha e puderam ouvir mais claramente algumas informações que o professor Leonardo apresentou. Em geral, a turma estava atenta, com exceção de alguns alunos que conversavam baixinho entre si.

Após essa fala final do professor, os alunos ganharam das professoras estagiárias um saquinho de pipoca, e foram liberados durante cinco minutos para observar o local e registrá-lo com fotos (os alunos foram incentivados a fotografar durante todo o percurso). Em seguida, prosseguimos contornando o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM) até o Colégio de Aplicação. Os alunos estavam mais a vontade e agitados, mas se portaram bem durante todo o trajeto até o retorno ao colégio. Não houve qualquer tipo de problema, pelo contrário, a saída foi bastante proveitosa e, a partir disso, podemos afirmar que cumprimos nosso objetivo. Concluimos a aula encaminhando os alunos até a sala de aula e agradecendo ao professor Leonardo pela participação e disposição em fazer a saída de campo conosco. Nossas expectativas em torno da “pequena viagem” foram alcançadas, pois todos demonstraram interesse pelo trajeto e pela fala do professor Leonardo. O desafio posterior seria relatar esta “viagem” (Anexo 2.4).

4.6. AULA 6

Conforme as aulas anteriores, Natassia iniciou fazendo a chamada e as devidas anotações do caderno de classe. Em seguida, Berenice, estagiária responsável pelo primeiro momento do encontro, iniciou um diálogo com os alunos retomando a saída de campo realizada na aula anterior. A estagiária acentuou algumas situações importantes que aconteceram na “pequena viagem” e também relembrou a questão dos apoios de memória, como o caderno de anotações e as gravações feitas pelos alunos. Essa conversa pretendia uma

orientação sobre a produção escrita que os alunos fariam a seguir, e a estagiária lembrou-os ainda do roteiro de observação e do resumo sobre o gênero *relatos de viagem*, entregues nas aulas anteriores, aos quais os alunos deveriam recorrer durante a produção do seu relato sobre a “pequena viagem”.

O segundo momento da aula seguiu de forma tranquila, sendo que todos os alunos começaram a produzir seus relatos. Enquanto os alunos escreviam, as estagiárias andavam pela sala conversando com os alunos e respondendo aos seus questionamentos e dúvidas. Alguns alunos que não participaram do passeio escreveram sobre outras viagens que haviam realizado em outros momentos. Uma aluna que, segundo ela, nunca saiu da cidade, relatou um evento que havia marcado sua vida. A aula ocorreu conforme planejado, e todos os alunos entregaram suas produções escritas (Anexo 2.5). Conforme iam terminando o relato, os alunos escolhiam um dos diversos livros que levamos para lerem silenciosamente até o final da aula.

4.7. AULA 7

Inicialmente, Natassia fez a chamada e realizou as devidas anotações no caderno de classe. A seguir, Berenice iniciou a aula comentando sobre os relatos escritos pelos alunos, promovendo uma breve revisão. Primeiramente, a estagiária responsável pela aula fez uma revisão do gênero *relatos de viagem* através do quadro comparativo. Os alunos participaram da atividade sugerindo as repostas em voz alta. Esta atividade contribuiu para apontar os problemas encontrados nos textos dos alunos quanto à adequação ao gênero. Em seguida, a estagiária trabalhou algumas questões de ordem gramatical que foram percebidas durante as leituras das produções textuais dos alunos durante o estágio, tais como: o uso de *mais* e *mas*; recursos de coesão e coerência (anafóricos); pontuação, com enfoque no uso da vírgula.

Durante a explicação, alguns alunos pareciam interagir e, muitas vezes, não acreditar que alguns deslizes ortográficos ainda aconteciam na turma, como o caso da distinção entre *mais* e *mas*. A primeira aula, mesmo que tenha ocorrido como planejado, prolongou-se um pouco: a estagiária se estendeu principalmente na explicação sobre o uso de vírgulas, o que tomou mais tempo que o previsto para as atividades de revisão. Portanto, os alunos tiveram apenas trinta minutos da segunda aula para realizar a reescrita dos relatos, o que prejudicou um pouco a correção posterior do texto, visto que a maioria dos alunos não conseguiu concluir a reescrita (Anexo 2.6).

4.8. AULA 8

Neste dia, depois que Berenice realizou a chamada e as devidas anotações no caderno de classe, a estagiária Natassia, responsável pela primeira aula, devolveu os textos (segunda versão) para que os alunos passassem a limpo a fim de expormos, posteriormente, no varal expositivo. Ela fez um breve comentário geral sobre os textos, dizendo que os alunos que não haviam finalizado o texto deveriam finalizar para podermos avaliar melhor a nota da segunda versão. Era aproximadamente metade da turma que precisava finalizar, sendo que seis alunos estavam mais ‘atrasados’ no relato. Como esse processo de reescrita demorou mais do que o previsto, decidimos, durante a aula, junto com a nossa orientadora, que os alunos poderiam ficar os dois períodos reescrevendo os textos, e depois da aula nós poderíamos montar o varal expositivo sozinhas. Decidido isso, permanecemos orientando os alunos na produção textual.

Conforme os alunos iam terminando o texto, iniciavam o processo de caracterização do relato: alguns fizeram desenhos, outros decoraram com *gliter*, outros fizeram uma ‘capa’ para o texto. Próximo do término da aula, a estagiária solicitou que os alunos que tinham terminado trocassem seus relatos, para que cada um lesse o texto do colega (esse era o processo previsto caso houvesse tempo hábil: socializar todas as produções dos alunos); porém, não houve tempo hábil para que os alunos compartilhassem seus relatos em sala.

Nos minutos finais da nossa última aula, aproveitamos para agradecer aos alunos pela disposição deles durante todo o período do estágio. Cada uma das estagiárias comentou brevemente suas impressões dessa experiência, e os alunos retribuíram-nos com uma salva de palmas. Agradecemos também à professora regente e à professora orientadora, e como já era dado o término da aula, recolhemos os relatos que estavam prontos e saímos da sala.

Quatro alunos ainda não haviam concluído a reescrita. Três deles vieram alguns minutos depois nos entregar no corredor, onde estávamos montando o varal. Uma aluna disse que terminaria mais tarde, e se comprometeu a afixar o seu relato no varal junto aos demais. Ficamos, então, depois da aula, montando o varal expositivo com os relatos dos alunos e as fotos da “Pequena viagem pelo *campus* da UFSC”. Mais tarde, durante o recreio, quando o varal já estava pronto, os alunos vieram conferir a exposição, bem como alguns alunos de outras turmas. Todos olharam as fotos e alguns leram os textos dos colegas (Anexo 2.7).

5. PERCEPÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA

Comentar sobre a aprendizagem dos alunos é algo um tanto difícil quando não se leva em conta o depoimento pessoal dos próprios alunos e, ainda, quando o acompanhamento destes alunos se dá num tempo tão resumido quanto o deste estágio de docência. Por outro lado, pela convivência que tivemos em sala com a turma 1ºD e o envolvimento deles nas atividades propostas, podemos tecer, aqui, alguns comentários sobre o retorno obtido a partir das nossas aulas. Porém, partimos do pressuposto que não é somente pelas avaliações que podemos afirmar como se deu ou não a aprendizagem dos alunos, visto que o conhecimento pode ser apropriado de diversas maneiras. De toda forma, as atividades escritas que os alunos produziram durante o nosso estágio fazem parte deste “balanço” sobre a apropriação dos conhecimentos trabalhados.

Podemos afirmar que o processo de ensino e aprendizagem em língua materna proposto nas atividades elaboradas por nós durante as aulas, bem como a proposta de trabalhar com gêneros discursivos de maneira dialógica, concebendo a língua como prática social e interagindo com os alunos, foi efetivado durante a nossa prática docente. Neste sentido, propondo o uso da linguagem em diferentes situações de comunicação e interação, nas modalidades de fala e escuta, leitura e escrita, buscamos a inserção social de nossos alunos, bem como agenciamos nosso planejamento de modo a promover tais práticas.

Objetivamente, algo que nos chamou a atenção quanto aos conhecimentos desenvolvidos durante a nossa atuação docente, foi em relação ao primeiro texto produzido pelos alunos, no primeiro dia de aula: comparado à primeira versão do relato final (produção escrita sobre a “pequena viagem” pelo campus da UFSC), a primeira produção escrita dos alunos apresentava com mais precisão as características do gênero *relatos de viagem*, trabalhados posteriormente durante as aulas. Nossa impressão é que, tal ocorrência, não se deu por alguma falha na implementação do conhecimento sobre o gênero em questão, mas no “tipo” de saída de campo que nos foi possível realizar: sabemos que os alunos do CA estão acostumados a fazer saídas de campo, nas quais fazem anotações diversas para posteriormente apresentarem aos professores. Porém, a proposta da escrita final era de um relato de viagem, mas não ficou evidente na primeira versão dos textos dos alunos as características deste gênero, visto que focaram sua escrita apenas nas informações históricas que nos foram dadas pelo professor Leonardo durante o trajeto.

Posteriormente, tivemos a oportunidade, na aula de revisão, de tratar dessa questão que, a nosso ver, ficou bem esclarecida na reflexão promovida através do quadro comparativo. Os resultados disso apareceram, então, no processo de reescrita do texto, em que

os alunos se atentaram para os elementos textuais que deveriam aparecer na versão final a fim de torná-la, de fato, um relato de viagem. Vale salientar que os alunos do CA já estão habituados ao processo de reescrita. Diante disso, percebemos duas situações: há alunos que realmente entenderam o processo de reescrita como uma revisão e amadurecimento do primeiro texto, enquanto outros fizeram apenas pequenas alterações que foram sugeridas por nós, sem se preocuparem com o todo do texto.

Outra questão que consideramos relevante foi a participação dos alunos durante o andamento das aulas, pois o envolvimento da turma nas atividades é fundamental para o processo de aprendizagem. Aliás, durante a construção do projeto, tínhamos receio de como seria a reação dos alunos em relação às nossas propostas, visto que durante o estágio de observação nos preocupava o silêncio que pairava na sala, além do uso constante do telefone celular. Porém, para nossa surpresa, todos se envolveram e participaram de todas as nossas aulas. Além disso, raras vezes um aluno ou outro utilizaram o telefone celular em sala, e quando o fizeram, não foi durante toda a aula como frequentemente vimos durante o estágio de observação. Cremos que isso se deve às propostas das aulas que constantemente envolviam os alunos em atividades orais, de leitura e/ou escrita, por vezes individual, outras vezes em dupla ou em grupo, ou, ainda, coletivamente.

Vale ressaltar, também, a nossa experiência em relação aos dois alunos especiais da turma: o aluno diagnosticado com dislexia, infelizmente, faltou em quatro aulas, o que possivelmente dificultou o processo de apropriação dos conhecimentos que foram desenvolvidos. Além disso, ele não parecia muito interessado em realizar as atividades propostas, apesar da nossa insistência e auxílio nas aulas em que esteve presente. Já o aluno diagnosticado com Asperger, surpreendeu-nos com sua desenvoltura na leitura e na escrita. Ele apenas não participou da saída com a turma, dizendo que “lugar de aprender é na sala de aula”; mas não sabemos até onde esse pensamento provém dele próprio ou se vem dos familiares. No mais, foi um aluno interessado e participante em todas as aulas.

De modo geral, concluímos que os alunos se apropriaram das características do gênero *relatos de viagem* e praticaram a leitura e a escrita, a fala e a escuta, que são fundamentais no processo de apropriação da língua(gem). Além disso, os alunos conheceram diversas maneiras de se fazer uma viagem e registrá-la, e isso os fez reagir, visto que não estavam acostumados a ver e a experienciar a viagem da maneira como lhes foi apresentada. Por fim, como é parte do sistema avaliativo da escola, atribuímos duas notas para cada aluno, sendo uma de participação envolvendo a feitura das atividades propostas em sala (leitura, oralidade e

escrita), e a segunda nota referente ao relato de viagem, produzido após a realização da “pequena viagem” pelo *campus* da UFSC. Consideramos que nosso projeto foi executado com sucesso, e os conhecimentos desenvolvidos alcançaram os alunos da turma 1ºD.

6. ATIVIDADES EXTRACLASSE

6.1. RELATOS DE REUNIÕES ASSITIDAS

6.1.1. REUNIÃO DE DISCIPLINA – LÍNGUA PORTUGUESA

A primeira reunião que participamos no CA foi da disciplina de Língua Portuguesa, que ocorre semanalmente nas segundas-feiras por volta das 9h. No dia 07 de abril, por volta das 9h15 entramos com a professora da turma na sala dos professores da disciplina e fomos convidadas a compartilhar o café e lanche dos professores. A pauta da reunião se resumiu basicamente a um único assunto: redistribuição do espaço físico das salas dos professores. A discussão era que os professores de Química estão exigindo uma sala, e a Comissão de Espaço Físico propôs aos professores de Português cederem uma das suas salas, já que os mesmos estão distribuídos em duas salas do terceiro andar do bloco C. Foi muito importante participarmos dessa reunião, no sentido de nos depararmos com algumas situações do CA e da disciplina de Língua Portuguesa que comprovaram que os professores também lidam com dificuldades e desafios. O debate trouxe à tona questões de territorialidade, interdisciplinaridade, e valorização de determinadas disciplinas em detrimento de outras. Vale dizer que fomos muito bem recebidas, sendo as únicas estagiárias na reunião.

Antes da reunião, conversávamos um pouco com a professora da nossa turma sobre alguns alunos, e outra professora que estava na sala, ouvindo nossa conversa, perguntou sobre um dos alunos em questão, e disse que ficava feliz de saber que ele estava no primeiro ano do Ensino Médio, pois achava que ele não chegaria tão longe. Este aluno tem dezoito anos, e segundo esta professora, ele é filho de um funcionário da *Comcap* que foi alfabetizado ao mesmo tempo em que o filho. Segundo a professora, o pai deste aluno tem uma história muito interessante por ser natural de Florianópolis e ter acompanhado no decorrer dos anos o crescimento do Colégio de Aplicação, sendo também um colaborador da instituição por meio da Associação de Pais e Professores (APP). O aluno sempre teve problemas de convivência com os colegas, sendo agressivo, sofrendo reprovações; mas atualmente parece ser calmo em sala de aula. Chegando os demais professores, deu-se início à reunião, na qual estiveram

presentes sete professores, e por conta da discussão com a comissão de espaço físico, esteve presente uma professora de Artes, representando a comissão, e o diretor do colégio. Encerrada a reunião às 11h30, fomos embora.

6.1.2. REUNIÃO DE SÉRIE – PRIMEIROS ANOS DO ENSINO MÉDIO

A reunião de série, ocorrida no dia onze de abril, teve início às 14h, na sala de reuniões. Estavam presentes quase todos os professores, sendo que a professora da turma 1ºD não pode estar presente, mas tendo ela falado anteriormente com o coordenador, conseguiu a aprovação para que nós participássemos. Foi entregue aos professores (e a nós) uma cópia do caródromo¹⁵ de cada turma e deu-se início aos encaminhamentos conforme a pauta definida pelo coordenador. Os temas discutidos foram: saídas e viagens de estudos, reunião de pais e outros assuntos concernentes aos professores. As saídas foram acertadas para as datas quatro e seis de Junho, e os roteiros definidos foram: Parque da Luz e Ponta do Coral (Roteiro 1), e Santa-Afro-Catarina (Roteiro 2). As organizadoras responsáveis por estas saídas, da qual participarão as quatro turmas de primeiro ano, são as professoras de História e Geografia.

A proposta de viagem ainda está sendo formulada, sendo que a intenção é levar os alunos à Bienal do Livro, em São Paulo. A data ainda será definida, entre setembro e dezembro, e a professora responsável pela promoção da viagem é a professora de Artes. No intuito de abranger todas as disciplinas, sugeriu-se estender a viagem para outros espaços além da Bienal, como visitas à Pinacoteca, ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), ao bairro da Liberdade, etc. No mais, o coordenador chamou a atenção da importância de todas as disciplinas se engajarem e planejarem aulas, dentro de suas áreas respectivas, a partir dessas saídas.

Sobre a reunião de pais, ficou acertada para o dia 23 de abril, sendo que os objetivos são: apresentar os professores de cada disciplina, coordenadores, etc.; divulgar o cronograma de viagens/saídas de estudo. Será realizada uma única reunião com os pais de todos os alunos do Ensino Médio, ou seja, não será por série.

O coordenador tratou ainda de outros assuntos relacionados aos professores, como o problema de alguns docentes que estão chegando atrasados e/ou liberando os alunos antes do horário de término da aula. Porém, o assunto mais enfatizado foi o Diário de Classe: o

¹⁵ Uma lista de cada turma com o nome dos alunos e respectivas fotos 3x4 de cada um, para que os professores os identifiquem.

coordenador chamou a atenção para as contradições encontradas no diário, principalmente em relação à faltas de alunos (ou não). Para evitar esses problemas, ele pede que se dê mais atenção na hora da chamada, e criticou os professores que usam a expressão ‘idem’ no diário ao invés de registrarem as ocorrências de faltas. O coordenador lembra que este documento deve ser tratado com seriedade, já que é crucial na relação entre a escola e os pais dos alunos. Cumprida a pauta, o coordenador encerra a reunião.

6.1.3. CONSELHO DE CLASSE DOS PROFESSORES

Quando chegamos ao mini auditório azul, onde estava ocorrendo o conselho de classe dos professores da turma 1ºD, os professores estavam terminando as discussões sobre outra turma do primeiro ano do EM. Como o horário já estava avançado, alguns professores sugeriram adiar o conselho referente à turma 1ºD, visto que não dedicariam o mesmo tempo de reunião a esta turma, comparado ao tempo dedicado às demais. Porém, a maioria optou por “agilizar” a reunião e fazer os encaminhamentos da turma 1ºD. O coordenador do EM, que presidia a reunião, com a chamada da turma em mãos, citava o nome de cada aluno, ao passo que os professores faziam os devidos comentários referentes às notas e ao comportamento.

O comentário geral dos professores sobre a turma era que a turma 1ºD é muito apática, que não participa das aulas, não faz perguntas. Muitos alunos estão com notas baixas, e os professores reclamam do comportamento de descaso da maioria deles em relação à entrega de trabalhos. Na disciplina de Língua Portuguesa, a maioria dos alunos teve a média trimestral abaixo de seis, sendo que a professora justificou tais notas pela falta de entrega de trabalhos. Apenas três ou quatro alunos foram elogiados quanto ao seu comportamento e notas, quanto aos demais, as reclamações dos professores foram unânimes nesses quesitos: desinteresse, não entrega de trabalhos, faltas e/ou atrasos, apatia, não participação nas aulas.

Quando citados os nomes dos dois alunos especiais, foi comentado sobre a falta de professores auxiliares para estes alunos. A professora de Biologia ressaltou que é fundamental o aluno diagnosticado com Asperger ter um acompanhante, visto que, de todos os casos da educação especial, é o único em que se comprova a inclusão, de fato, do aluno. Isso porque, mesmo com suas particularidades comportamentais, o aluno tem se apropriado dos conhecimentos desenvolvidos em sala. Portanto, ficou acertado que a coordenação solicitaria com urgência uma acompanhante para este aluno, a fim de auxiliá-lo em tarefas de orientação e organização das atividades, bem como uma mediação entre o aluno e os pais.

Quanto ao aluno disléxico, um dos professores ressaltou que o aluno entrou este ano na escola, e que provavelmente teve problemas durante o processo de alfabetização, mas é unânime a percepção dos professores quanto ao seu diagnóstico de dislexia. Além disso, todos concordaram que este aluno tem sérios problemas comportamentais, sendo que tem grande número de faltas, além de entrar diversas vezes atrasado na aula; mentiu para alguns professores quanto ao fato de estar ou não trabalhando; exige tratamento diferenciado nas atividades, mas ao mesmo tempo não gosta de ter suas dificuldades expostas; enfim, foi solicitado que alguém acompanhe também este aluno a fim de proporcionar um apoio a mais no seu processo de aprendizagem.

Por fim, saímos da reunião muito impressionadas, principalmente em relação ao que foi comentado sobre o comportamento da turma 1ºD, pois durante o período em que ministramos as aulas na turma, eles sempre participaram das atividades propostas. De fato, alguns alunos faltaram às nossas aulas e deixaram de realizar algumas atividades, mas no geral, não percebemos apatia e desinteresse generalizado como apontado neste conselho de classe. Talvez isso se deva ao acontecimento do estágio, que é uma “novidade” para os alunos no percurso do ano letivo. De todo modo, ficou acertado que no conselho de classe com a turma se tratariam dessas questões, e o coordenador se comprometeu a chamar alguns alunos em particular, assim como alguns pais, a fim de sugerir algumas mudanças de atitudes.

6.1.4. CONSELHO DE CLASSE COM OS ALUNOS DA TURMA 1ºD

Este conselho de classe foi um acontecimento muito interessante no nosso estágio de docência, já que foi um momento inédito ocorrido na escola, pois nunca havia sido feito um conselho de classe com toda a turma. Normalmente, há um grupo seleta de alunos que representa a turma diante dos professores e da coordenação. Ao entrar na sala, junto aos professores de todas as disciplinas, o coordenador fez questão de ressaltar este “momento histórico” que os alunos estavam vivendo, e comentou a importância de aproveitarem esta oportunidade para discutirem os problemas da turma, expondo suas necessidades, reivindicações, elogios, etc.

No início, os alunos estavam retraídos diante da presença de todos os professores e do coordenador, mas aos poucos, com muita insistência do coordenador e dos professores, alguns foram se manifestando. Os assuntos tratados giraram em torno da convivência com os colegas, sendo que eles mesmos se criticaram e apontaram os malefícios gerados pelas “panelinhas” existentes entre a turma; algumas reclamações concernentes às atitudes de

alguns professores quanto à solicitação de trabalhos; reclamações sobre o acúmulo de provas e trabalhos nos mesmos períodos; reclamações sobre a aula de educação física, que ocorre no contra turno e, diante das ausências não comunicadas do professor, os alunos perdem tempo e dinheiro com lanche ao ficarem no colégio aguardando o horário da aula.

Diante das colocações dos alunos, a conversa entre a turma e os professores ocorreu de forma dialógica, sendo que o coordenador se comprometeu em verificar os problemas apontados com alguns professores e, em contrapartida, solicitou que a turma se compromettesse em mudar de postura quanto ao seu comportamento em sala, visto que a queixa dos professores é que a turma não participa das aulas e é apática. Chamou a atenção da turma, também, quanto à feitura das atividades, já que a maioria das notas da turma foi abaixo da média por não entrega de alguns trabalhos.

Consideramos muito positiva a iniciativa da escola em propor este conselho de classe com toda a turma, e como já havíamos encerrado nossa atuação em sala, não acompanhamos as aulas posteriores a este conselho, portanto, não pudemos observar se houve mudança na postura dos alunos em sala, mas cremos que os reflexos dessa iniciativa provocará um amadurecimento gradativo da turma.

6.2. PROJETO DE DOCÊNCIA EXTRACLASSE

6.2.1. INTRODUÇÃO

Este projeto extraclasse propõe a realização de oficinas, com as turmas de Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC, envolvendo a disciplina de Língua Portuguesa. Do ponto de vista didático, as propostas aqui apresentadas pretendem contribuir para o desenvolvimento do aprendizado dos alunos através de ações educacionais lúdicas e descontraídas. O planejamento das oficinas levará em conta vários aspectos das relações cotidianas e interpessoais dos indivíduos, bem como as relações e concepções desses indivíduos com o ambiente escolar.

A palavra *oficina*, de origem latina, remete à ideia de aproximar experiência e pensamento, esforço e interesse, trabalho e aprendizado. A oficina é um jeito de aprender e ensinar baseado no princípio do aprender fazendo, valorizando os saberes dos sujeitos envolvidos. Tendo por base tais perspectivas, dispõe-se a seguir o planejamento das

atividades a serem realizadas no *Dia da Língua Portuguesa*¹⁶, nome atribuído a esta programação de oficinas a se realizar nos dias vinte e cinco e vinte e seis de junho, no Colégio de Aplicação da UFSC.

Portanto, além de atender as exigências do estágio obrigatório, pretende-se, por meio destas oficinas, envolver os alunos em atividades relativas à linguagem em suas diferentes práticas discursivas, ou seja, atividades que exercitem a forma oral e/ou escrita (formal) do uso da língua. Tais atividades preconizarão ainda o trabalho em grupo, promovendo assim o sentido do aprender fazendo coletivamente, que é intrínseco à ideia já exposta da oficina. Assim sendo, as oficinas promovidas serão: 1) “Contos de fadas: as histórias (de horror) infantis”, ministrada pelas estagiárias Eduarda da Silva e Marina Siqueira Drey; 2) “Poemese!”, oferecida pelas discentes Berenice Ferreira da Silva e Natassia D’Agostin Alano; 3) “Oficina de poesia macabra”, proposta pelos acadêmicos Letícia Salazar Moretto e Nilton José de Melo; e 4) “Oficina de fanzine”, organizada pelas graduandas Ana Paula Fornari Veiras de Jesus e Thayza Heidê Caldeira Lima.

6.2.2. AÇÃO

Promover um Dia da Língua Portuguesa através de oficinas para os alunos dos primeiros e dos segundos anos do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação da UFSC, com o intuito de trabalhar assuntos comumente abordados pela disciplina de Língua Portuguesa, mas com métodos diversificados e não-tradicionais.

6.2.3. JUSTIFICATIVA¹⁷

Somos sujeitos capazes de apreender o que é extramental a nós mesmos, isto é, sujeitos cognoscentes. Nascemos com o córtex cerebral que grava nossas experiências e as transforma em memória, e esta é ativada a toda e qualquer nova experiência, isto é, esse aparato orgânico nos habilita tanto a reconhecer o conhecido quanto a assimilar novos dados. Esse processo de

¹⁶ Esta temática foi desenvolvida no projeto extraclasse pelos estagiários de Língua Portuguesa, sob a orientação da professora Dra. Isabel da Silva Monguilhott, em 2013/2. As acadêmicas Eduarda da Silva e Marina Siqueira Drey, que fizeram parte do projeto, disponibilizaram-no a fim de reelaborarmos a proposta adequando-a ao projeto atual.

¹⁷ Esta justificativa, escrita pelas acadêmicas Eduarda da Silva e Marina Siqueira Drey, é uma reprodução do projeto extraclasse, de mesmo nome, desenvolvido em 2013/2.

conhecimento /reconhecimento, por sua vez, se dá a partir de uma linguagem, linguagem esta que permite a interação com o outro na sociedade na qual nos inserimos. É interessante, antes de tudo, observar que é através da semiose a partir do signo que conseguimos apreender o mundo. Assim, de acordo com os PCNs:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. (BRASIL, 1998, p.19)

Dessa forma, este projeto, enquanto ensaio de democratização do saber, procura oferecer aos alunos o acesso a distintos conhecimentos acerca da língua, com o intuito de ampliar seu repertório, ou seja, iniciar o que acreditamos ser conhecimento partilhado acerca das temáticas propostas e promover um aprofundamento nas oficinas oferecidas - transformando-as num espaço onde esses alunos possam ampliar e transcender seus cotidianos “primeiros” -; utilizando o tempo restrito em que os alunos participarão dessas atividades para exercitar com eles o conhecido e desafiá-los a algo novo.

6.2.4. REFERENCIAL TEÓRICO

Contos de fadas: as histórias (de horror) infantis

Quando um indivíduo se encontra em uma situação considerada perigosa, seu organismo entra em estado de alerta, fisiologicamente, isto significa que uma reação será desencadeada por seu hipotálamo ativando mecanismos que estimulam modificações endócrinas. Em decorrência disso, há liberação de alguns hormônios como a adrenalina, que provoca a aceleração dos batimentos cardíacos. Esse fenômeno químico tem a função de deixar o indivíduo pronto para enfrentar essa situação de suposto perigo. Por outro lado, “como toda emoção, o medo pode provocar efeitos contrastados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alteradas em uma mesma pessoa” (DELUMEAU, 1989, p. 23), assim, as mesmas funções fisiológicas podem causar uma atitude contrária, isto é, de paralisação, quando, apesar de estar racionalmente ciente do “perigo” eminente, o indivíduo é incapaz de agir.

Esse caráter incontestavelmente humano do sentimento do medo é o que torna legítima a sua manifestação em forma literária, através das histórias de horror. Tais textos, geram de forma similar as reações que uma situação de perigo provoca: os calafrios, a apreensão e a

ansiedade. Historicamente, o medo na literatura se consolidou no Romantismo, quando esse mo(vi)mento histórico-literário resgatou da literatura gótica os temas macabros, elevando-os novamente à material estético valorizado.

No que se refere à teoria da fruição do texto mais antiga que temos, é essa capacidade de emular uma situação verossímil que nos prende ao texto literário e faz com que despertem em nós os sentimentos de temor e pena, gerando a catarse. Assim, segundo Aristóteles, o patético - aquilo que desperta compaixão, piedade e tristeza - “consiste numa ação que produz destruição ou sofrimento, como mortes em cena, dores cruciantes, ferimentos e ocorrências desse gênero” (1997, p. 31). Dessa forma, o patético seria, dentro da literatura gótica, sinônimo de horror.

O horror está presente na cultura como temática desde as primeiras narrativas orais da humanidade isso poderia ser explicado, conforme Lovecraft (1987), porque o medo é “a emoção mais forte e mais antiga do homem” (p. 1), sendo que a modalidade “mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido” (p. 1). É a partir do medo do desconhecido que o homem cria o sobrenatural, isto é, ao tentar explicar o que não alcançava através da racionalidade - e, assim, encontrar algum conforto -, o homem medieval acabava disseminando narrativas criadas pelo pensamento mítico.

Em vista disso, nos propomos a escavar a história do conto de fadas, partindo de um discurso que, atualmente, perdeu o caráter de violência extrema se afastando de sua gênese - a recorrência do horror como tema -, para reconstruir a catarse provocada pelo texto “original”, desconstruindo, ao mesmo tempo, seu caráter moralizante e didático.

Poeme-se!

Ao analisar o trabalho com a literatura na escola, Todorov (2009) chama a atenção para o espaço do texto literário geralmente relegado a um lugar menos importante que o da crítica e/ou da historicidade literária: “todos esses objetos de conhecimento são construções abstratas, conceitos forjados pela análise literária, a fim de abordar as obras; nenhuma diz respeito ao que falam as obras em si, seu sentido, o mundo que elas evocam” (p.28). A história e as análises literárias têm sua importância, mas esses *meios* de acesso à literatura não devem substituir o contato com a obra em si. Diante disso, o autor sugere que o acesso ao texto literário seja direto, e tal posicionamento é também compartilhado por Barthes (1988):

Seria preciso tratar o texto não como um objeto sagrado (objeto da filologia), mas essencialmente como um espaço de linguagem, como a passagem de uma espécie de infinidade de digressões possível, e então fazer irradiar, a partir de certo número de textos, certo número de códigos de saber que neles estão investidos. (p.59).

A literatura é, portanto, um espaço da arte em que a linguagem atua em toda sua potencialidade, e é na poesia que isso se mostra de maneira ainda mais intensa. Talvez seja esse o motivo que faz muitos alunos terem receio ou aversão à leitura de poesias, já que no espaço do dizer poético não há regras em relação ao sentido e à interpretação. Sobre essa condição inapreensível da poesia, diz Fonseca (1998-1999): “a lírica faz falar o que se cala, dá voz ao que não tem lugar no reino da linguagem secularizada, instrumental” (p.28). Ler poesia é abrir espaço para o sensorial: “sozinho o homem moderno dificilmente descobrirá o prazer da leitura de um poema... Por esta razão pode-se afirmar: é necessária uma ação externa que encaminhe para a educação da sensibilidade”, conforme afirma Helena Tornquist (1994, p.28).

A proposta de leitura e escuta de poemas de escritores brasileiros do século XX, nesta oficina, parte da intenção de estimular a sensibilidade do aluno, pois nas palavras de Tornquist, “é no diálogo com o texto que ele vai sentir a emoção contida no poema, numa situação em que prazer, criatividade e reflexão andam juntos” (p.42). A proposta da oficina visa ainda promover a formação de leitores ativos na experiência literária, ou seja, permitir que eles mesmos criem sentidos a partir dos poemas lidos. Já dizia Barthes (1987) que o leitor não é apenas um receptor passivo do que lê, mas ele age sobre o que lê, ele *escreve a leitura* quando faz relações com outros textos possíveis. O movimento – metafórico e ao mesmo tempo literal – de *levantar a cabeça* é um gesto que, segundo o autor, enlaça o que está sendo lido com as demais memórias do leitor. E é este movimento que se pretende promover entre os alunos participantes da oficina: entregar-se à liberdade da criação de sentidos a partir da leitura e escuta dos poemas.

Considerando que não há arte sem linguagem, e que a poesia é o espaço em que o poeta brinca com a potência desta, a proposta de *poemar-se*, nesta oficina, é deixar-se brincar pela poesia; é deixar-se envolver pelo ritmo, pela rima, pela musicalidade, pela imagem, pela forma, pelo som; enfim, *poeme-se!* é um convite e ao mesmo tempo uma convocação para a experiência poética.

Oficina de poesia macabra

“A poesia sensibiliza qualquer ser humano.
É a fala da alma, do sentimento.
E precisa ser cultivada.”
Afonso Romano de Sant’Ana

Trabalhar com poesia em sala de aula não é uma atividade das mais frequentes nas escolas em geral, e, quando ocorre, é através de uma atividade puramente analítica, em que se estudam poemas de grandes autores a que se atribui um único sentido, a interpretação canônica trazida pelo livro didático.

No nosso trabalho, procuraremos fugir a esse tipo de trabalho, seguindo as ideias preconizadas por Roland Barthes (2004), segundo o qual a concepção clássica de soberania do autor sobre a obra, ainda hoje adotada em manuais de literatura, substitui-se pelo distanciamento do autor, em que ele “nasce ao mesmo tempo que o seu texto” (p.3). Segundo esse pensamento, *decifrar* o texto (isto é, buscar-lhe o sentido único e verdadeiro), é inútil: “Dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita.” (p.4). Barthes ainda prega que se faça a soberania do leitor, este capaz de identificar os sentidos presentes em um texto e afirma que, para que isso ocorra, é necessária a morte do autor, ou seja, que se finde a concepção de que existe um sentido único a ser encontrado no texto. Seguindo essa linha de pensamento, abrimos ao aluno, tradicionalmente considerado apenas leitor, recebendo poemas do livro didático com a interpretação já pronta, não só a possibilidade de ser autor de poemas, como de reinterpretar o que lhe é proposto, conforme Elias José (2003, p. 101), “ser poeta é um dom que exige talento especial. Brincar de poesia é uma possibilidade aberta a todos”. Não pretendemos criar poetas, e sim abrir o mundo da poesia para os alunos, de forma que eles a enxerguem mais suave e não “um conteúdo cansativo que deve ser decorado”.

Por isso, nossa ideia é de trabalhar a poesia de uma forma menos escolarizada, mais livre, dando ao aluno a oportunidade de trilhar o seu próprio caminho sem as amarras técnicas de análise e interpretação de um poema, comumente encontradas dentro dos livros didáticos e de propostas preconcebidas com fins específicos e predeterminados. A ideia é trabalhar a poesia de uma forma lúdica e leve dando ao aluno liberdade na atividade. Entendemos que a melhor forma de fazer isso é deixar que o aluno produza o seu próprio poema dando a ele a oportunidade de brincar e de jogar com as palavras, como algo prazeroso e divertido fazendo com que o aluno exercite a sua veia poética.

Segundo Piaget (1976), o jogo é uma atividade preparatória, útil ao desenvolvimento físico do organismo. Da mesma forma que os jogos dos animais constituem o exercício de instintos básicos e necessários, como os de combater ou caçar, também o indivíduo que joga desenvolve suas percepções, sua inteligência, sua curiosidade em estar experimentando, além de seus valores sociais. É pelo fato de o jogo ser um meio tão valioso e eficiente na

aprendizagem, que em todo lugar em que se consegue transformar leitura, cálculo, ortografia em brincadeira, observa-se que os alunos se apaixonam por essas ocupações tidas comumente como maçantes.

É com esse pensamento que pretendemos trabalhar a poesia em sala de aula, de forma leve e descontraída, tornando o assunto que normalmente os alunos têm dificuldade de assimilar em algo mais atraente, fazendo com que se crie no aluno um gosto e um interesse em buscar mais informações a respeito. Se conseguirmos passar ao aluno que poesia pode ser algo muito divertido e que os jogos de palavras dentro de um poema podem ser mais atraentes do que em análises com significações específicas, então teremos a certeza de ter criado no aluno uma centelha de curiosidade e sensibilidade poética. Cabe ao professor estimular e elaborar novas formas de se ver e fazer as atividades escolares em geral como forma de complemento aos assuntos dados em sala de aula, estimulando um novo olhar sobre aquilo que eles já estavam vendo de forma tradicional em sala. Pois certos assuntos são de difícil assimilação e pelo lúdico esses assuntos mais difíceis de entender ficam mais leves e o aluno consegue assimilar melhor o conteúdo dado pelo professor.

Esta oficina tem como objetivo despertar nos alunos o interesse pelo gênero poesia. Mostrando que de forma lúdica e em uma atividade coletiva se pode criar coisas interessantes, neste caso poemas, pois acreditamos que é mais produtivo e estimulante que os alunos produzam os seus próprios poemas. Para isso, iremos declamar alguns poemas com temática macabra e decoraremos a sala de aula para dar um clima mais apropriado aos alunos pensarem em versos macabros para compor o poema e para que o aluno tenha exemplos de poesias com esse tipo de temática e em seguida os alunos produzirão como num jogo coletivo de palavras aonde cada um fará um verso desse poema construindo de forma lúdica um poema coletivo.

Oficina de fanzines

O trabalho com fanzines, nesta oficina, justifica-se pela seguinte afirmação:

Através da união entre palavras e imagens, possibilitada pelos fanzines, é possível ao professor estabelecer um diálogo entre as linguagens visual e falada, levando o aluno a compreender, através de um veículo familiar a ele, a relação com as diferentes formas de comunicação. Uma estratégia possível de aplicação desse instrumento como recurso pedagógico seria a produção de fanzines em sala de aula. Práticas como estas, ainda concordando com Ioneide Nascimento, possibilitam ao educando conhecer a diversidade de opiniões entre seus próprios colegas. Permite, também, que os estudantes assumam seu papel de sujeitos nesse processo e se envolvam com mais entusiasmo em um projeto que cada dia se torna mais autônomo (CASTELO BRANCO; BRITO; SOARES, 2011, p.9).

Sendo o fanzine uma produção escrita, a sua diagramação se assemelha a um jornal ou uma revista, além de ser também um meio de publicidade. Mas, diferente do jornal e da revista, o fanzine não segue regras e nem tem finalidade lucrativa:

O termo fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto focado. Assim, são fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinho do editor e dos leitores, reprodução de HQ's antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante (GUIMARÃES, 2005, p.11).

Ele se aproxima da Literatura de Cordel, pois ambos são produzidos artesanalmente e são manifestações culturais dos grupos envolvidos em suas criações. Ambos contam e recontam histórias e versões de contos, romances e de situações cotidianas individuais ou coletivas. Como dispositivo pedagógico, permite ao professor uma maior recolha de dados de pesquisas sobre um determinado tema. Além da checagem de inúmeras opiniões distintas sobre o mesmo tema, pois o fanzine leva o aluno a uma reflexão e experimentação de várias linguagens e a ousados conceitos.

Dessa maneira, pode-se perceber que a utilização na escola de um instrumento de comunicação juvenil, tido como “marginal”, pode, para além de certos preconceitos existentes em seu entorno, tornar o jovem mais afeito às atividades escolares, trazendo para o campo de discussão, suas ideias, opiniões e pensares, por vezes negligenciados no trabalho docente.

Fazer uso do fanzine como um dispositivo pedagógico nos coloca frente a um desafio, pois é comumente usado fora do contexto escolar. No entanto, acreditamos que a natureza dos fanzines, por ser um veículo de reflexão, poderá e será um bom instrumento pedagógico na checagem da compreensão e fortalecimento do entendimento das narrativas abordadas em aula.

6.2.5. OBJETIVOS

Objetivo geral

Proporcionar aos alunos, em um curto período de tempo, o contato com recortes específicos de conhecimentos tradicionalmente abordados pela disciplina de Língua Portuguesa através de uma metodologia que se pretende não usual.

Objetivos específicos

- Fazer com que os alunos se envolvam nas atividades propostas;

- tornar mais atraentes os conteúdos de Língua Portuguesa a partir das abordagens propostas;
- propor oficinas cuja abordagem metodológica incite a participação dos alunos;
- estreitar o relacionamento entre os alunos e os professores estagiários;
- mostrar que o ensino não ocorre apenas no formato tradicional da escola;
- promover a interação entre os alunos no trabalho em equipe.

6.2.6. DESDOBRAMENTOS DA AÇÃO

Atividade	Coordenação	Local
1. Recepção aos alunos	Orientadora e Monitora	Salas de aula
2. Contos de fadas: as histórias (de horror) infantis	Eduarda e Marina	Mini Auditório Amarelo
3. Poeme-se!	Berenice e Natassia	Laboratório de Linguagem
4. Oficina de poesia macabra	Leticia e Nilton	Sala de Espanhol
5. Oficina de fanzine	Ana e Thayza	Sala de Inglês
6. Encerramento	Grupo dos estagiários	Salas das respectivas oficinas

6.2.7. METODOLOGIA

O Dia da Língua Portuguesa será um dia em que os alunos dos primeiros e segundos anos do Ensino Médio (EM), do Colégio de Aplicação da UFSC, serão dispensados das aulas regulares de Língua Portuguesa para participarem das oficinas propostas neste projeto extraclasse, a serem realizadas pelos estagiários de Língua Portuguesa da UFSC. Essas oficinas serão oferecidas em quatro salas do colégio, sendo que cada uma terá dois estagiários responsáveis.

Os dias selecionados para a realização dessas atividades são os dias 25 e 26 de junho de 2014, quarta e quinta-feira, respectivamente. O cronograma das atividades compõe-se da seguinte maneira: os alunos serão recepcionados em sala, como de costume, e o professor da disciplina de Língua Portuguesa orientará os alunos quanto às salas em que estarão sendo oferecidas as oficinas. A turma será dividida em quatro grupos, sendo que cada um se dirigirá a uma das salas para participar da respectiva oficina. Cada atividade terá a duração de 20min e, após a finalização da primeira, cada grupo de alunos se dirigirá à seguinte, até passar por todas as oficinas oferecidas no projeto.

Na quarta-feira, dia 25, o ciclo de atividades referente ao Dia da Língua Portuguesa atenderá as três turmas de segundos anos do EM. Conforme exposto acima, todos os alunos das três turmas terão tempo hábil, durante os seus 90min de aula da disciplina, para participar das quatro oficinas oferecidas. O mesmo cronograma será executado na quinta-feira, dia 26, porém, as turmas participantes serão os três primeiros anos do EM, sob responsabilidade da professora da disciplina de Língua Portuguesa.

6.2.8. AVALIAÇÃO

A atividade será considerada satisfatória se, ao final dela, os alunos que tiverem tido contato com os espaços disponibilizados sentirem-se estimulados a participar ativamente do que foi proposto, por meio da participação e da interação com os colegas.

6.2.9. ANEXOS

6.2.9.1. PLANO DE AÇÃO – OFICINA CONTOS DE FADAS: AS HISTÓRIAS (DE HORROR) INFANTIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Professores regentes das turmas: George França e Rafaella Machado
Estagiárias responsáveis: **Eduarda da Silva e Marina Siqueira Drey**
Data: 25/06/2014 e 26/06/2014
Tempo de aula: 4 tempos de 20 minutos
Horário: 7h30 às 12h20
Séries: 1º e 2º anos do Ensino Médio

PLANO DE ATUAÇÃO

1. Tema

Contos de fadas: as histórias (de horror) infantis

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Questionar a representação dos contos infantis com a finalidade de apresentar uma leitura da história “original”, como desdobramento dos contos orais da Era Medieval.

2.2. Objetivos específicos

- Lembrar a famosa versão infantil do enredo de “Chapeuzinho vermelho”;
- Discutir as variações dessa história;
- Propor uma leitura do que seria a gênese desse conto: a literatura oral medieval;
- Identificar nessa gênese a recorrência do horror\terror como tema nesse tipo específico de literatura.

3. Conhecimentos abordados

Conto.

4. Metodologia

- Recepcionar os alunos;
- Encenar a famosa versão infantil (anexo x) do enredo de “Chapeuzinho vermelho”;
- Problematizar, através de questionamentos, as variações dessa história¹⁸;
- Expor, através de slides, considerações acerca da gênese desse conto;
- Discutir o papel do conto de horror naquele contexto;
- Citar outros contos¹⁹ em que o mesmo fenômeno pode ser observado com a finalidade de estimular a pesquisa e a leitura posterior.

5. Avaliação

A atividade será considerada satisfatória se os alunos demonstrarem interesse ao longo da oficina.

¹⁸ Neste momento os alunos serão indagados a respeito da clássica versão infantil de Chapeuzinho Vermelho - na qual a protagonista leva uma cesta de doces para a avó, que é devorada pelo lobo, pois este engana Chapeuzinho e chega primeiro à casa da velhinha. No entanto, um caçador chega à cena e salva as duas das garras do malvado animal, que acaba em um rio com a barriga cheia de pedras. Questões como “você aprenderam esta história de outra maneira?”; “você conhecem outra versão da história da Chapeuzinho? Quais?” serão suscitadas. Acredita-se que pequenas variações serão propostas pelo grupo de estudantes, mas, essencialmente, o enredo será preservado; à vista disso, proporemos uma versão pouco explorada no mundo infantil, oriunda da tradição medieval oral, cujo enredo carrega a atmosfera do horror e os atos inserem-se em uma perspectiva de terror, uma vez que, por exemplo, a menina, sem saber, bebe o sangue da avó e come sua carne.

¹⁹ Cinderela, Branca de Neve e João e Maria.

6. Recursos

- Caracterização para a encenação do conto;
- Decoração do ambiente;
- Slides.

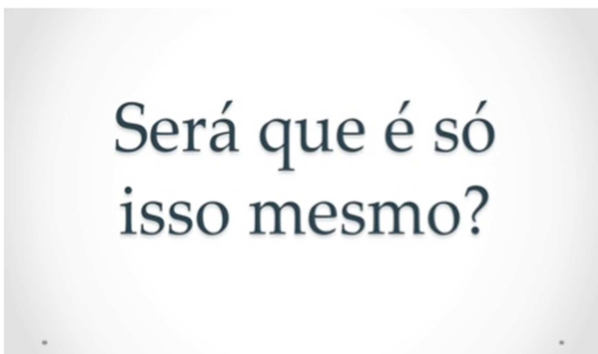
7. Referências

GRIMM, Jacob e Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. in: *Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (p. 50-62)

PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. in: *Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (p. 336-338)

8. Anexos

8.1 Apresentação de PowerPoint



Lâmina 01



Lâmina 02



Lâmina 03



Lâmina 04



Lâmina 05

8.2 Versões dos contos utilizadas

Chapeuzinho vermelho (Jacob e Wilhelm Grimm)

Era uma vez uma menininha encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam. E, entre todos, quem mais a amava era sua avó, que estava sempre lhe dando presentes. Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, a mãe da menina lhe disse: “Chapeuzinho Vermelho, aqui estão alguns bolinhos e uma garrafa de vinho. Leve-os para sua avó. Ela está doente, sentindo-se fraquinha, e estas coisas vão revigorá-la. Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para frente como uma boa menina e não se desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrá nada para a avó. E quando entrar, não se esqueça de dizer bom-dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa.”

“Farei tudo que está dizendo”, Chapeuzinho Vermelho prometeu à mãe.

Sua avó morava lá no meio da mata, a mais ou menos uma hora de caminhada da aldeia. Mal pisara na floresta, Chapeuzinho Vermelho topou com o lobo. Como não tinha a menor ideia do animal malvado que ele era, não teve um pingão de medo.

“Bom dia, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo. “Bom dia, senhor Lobo”, ela respondeu.

“Aonde está indo tão cedo de manhã, Chapeuzinho Vermelho?”

“À casa da vovó.”

“O que é isso debaixo do seu avental?”

“Uns bolinhos e uma garrafa de vinho. Assamos on-tem e a vovó, que está doente e fraquinha, precisa de alguma coisa para animá-la”, ela respondeu.

“Onde fica a casa da sua vovó, Chapeuzinho?”

“Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta”, disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.” O lobo caminhou ao lado de Chapeuzinho Vermelho por algum tempo. Depois disse: “Chapeuzinho, notou que há lindas flores por toda parte? Por que não para e olha um pouco para elas? Acho que nem ouviu como os passarinhos estão cantando lindamente. Está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque.”

Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores boni-tas por todos os cantos e pensou: “Se eu levar um buquê fresquinho, a vovó ficará radiante. Ainda é cedo, tenho tem-po de sobra para chegar lá, com certeza.”

Chapeuzinho Vermelho deixou a trilha e correu para dentro do bosque à procura de flores. Mal colhia uma aqui, avistava outra ainda mais bonita acolá, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando cada vez mais na mata.

O lobo correu direto para a casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho. Trouxe uns bolinhos e vinho. Abra a porta.”

“É só levantar o ferrolho”, gritou a avó. “Estou fraca demais para sair da cama.”

O lobo levantou o ferrolho e a porta se escancarou. Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. Depois, vestiu as roupas dela, enfiou sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou as cortinas.

Enquanto isso Chapeuzinho Vermelho corria de um lado para outro à cata de flores. Quando tinha tantas nos braços que não podia carregar mais, lembrou-se de repente de sua avó e voltou para a trilha que levava à casa dela. Ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e, ao entrar na casa, teve uma sensação tão estranha que pensou: “Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.”

Chapeuzinho Vermelho gritou um olá, mas não houve resposta. Foi então até a cama e abriu as cortinas. Lá estava sua avó, deitada, com a touca puxada para cima do rosto. Parecia muito esquisita.

“Ó avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para melhor te escutar!”

“Ó avó, que olhos grandes você tem!”

“É para melhor te enxergar!”

“Ó avó, que mãos grandes você tem!”

“E para melhor te agarrar!”

“O avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!”

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador que por acaso ia passando junto à casa pensou: “Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema.” Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.

“Finalmente te encontrei, seu velhaco”, disse. “Faz muito tempo que ando à sua procura.”

Sacou sua espingarda e já estava fazendo pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido.

Depois de algumas tesouradas, avistou um gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo.”

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também conseguiu sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levara, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.”

Chapeuzinho Vermelho (Charles Perrault)

Era uma vez uma pequena aldeã, a menina mais bonita que poderia haver. Sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda. Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, que assara uns bolinhos, lhe disse: “Vá visitar sua avó para ver como ela está passando, pois me disseram que está doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga.”

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar por um bosque, encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia. A pobre menina, que não sabia que era perigoso parar e dar ouvidos a um lobo, respondeu:

“Vou visitar minha avó e levar para ela um bolinho com um potinho de manteiga que minha mãe está mandando.”

“Sua avó mora muito longe?” perguntou o lobo.

“Ah! Mora sim”, respondeu Chapeuzinho Vermelho. “Mora depois da-quele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia.”

“Ótimo!” disse o lobo. “Vou visitá-la também. Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro.”

O lobo pôs-se a correr o mais que podia pelo caminho mais curto, e a menina seguiu pelo caminho mais longo, entretendo-se em catar castanhas, correr atrás das borboletas e fazer buquês com as flores que encontrava. O lobo não demorou muito para chegar à casa da avó. Bateu: Toc, toc, toc.

“Quem está aí?”

“É sua neta, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo, disfarçando a voz. “Es-tou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.” A boa avó, que estava de cama por andar adoentada, gritou: “Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá.”

O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu. Jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi se deitar na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho, que pouco tempo depois bateu à porta. Toc, toc, toc.

“Quem está aí?”

Ouvindo a voz grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro teve medo, mas, pensando que a avó estava gripada, respondeu:

“É sua neta, Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.”

O lobo gritou de volta, adoçando um pouco a voz: “Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá.”

Chapeuzinho Vermelho puxou a lingueta e a porta se abriu. O lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo das cobertas:

“Ponha o bolo e o potinho de manteiga em cima da arca, e venha se deitar comigo.”

“Minha avó, que olhos grandes você tem!”

“É para enxergar você melhor, minha filha.”

“Minha avó, que dentes grandes você tem!”

“E para comer você.”

E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

Moral

Vemos aqui que as meninas,

E sobretudo as mocinhas lindas, elegantes e finas,

Não devem a qualquer um escutar.

E se o fazem, não é surpresa que do lobo virem o jantar.

Falo “do” lobo, pois nem todos eles são de fato equiparáveis.

Alguns são até muito amáveis, serenos, sem fel nem irritação.

Esses doces lobos, com toda educação, acompanham as jovens senhoritas pelos becos afora e além do portão.

Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos, são, entre todos, os mais perigosos.

6.2.9.2. PLANO DE AÇÃO – OFICINA POEME-SE!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

Departamento de Metodologia de Ensino

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professores regentes das turmas: George França e Rafaella Machado

Estagiárias responsáveis: **Berenice Ferreira da Silva e Natassia D’Agostin Alano**

Data: 25/06/2014 e 26/06/2014

Tempo da oficina: 4 tempos de 20 minutos

Horário: 07h30 às 12h20
Séries: 1º e 2º anos do Ensino Médio

PLANO DE ATUAÇÃO

1. Tema

Poeme-se!

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Promover a potencialização das práticas de uso da língua por parte dos alunos, em interações histórico-culturais, conduzindo-os ao gênero literário *poesia*, a fim de instigá-los sobre os diferentes estilos do gênero, bem como da sua utilização em diversas esferas da atividade humana.

2.2. Objetivos específicos

- Implementar as práticas de escuta de poesias de escritores brasileiros;
- Implementar a prática de leitura *lato sensu* de poemas concretos e do poema *Vaca negra sobre fundo rosa*, de Carlito Azevedo.

3. Conhecimentos abordados

Poesia.

4. Metodologia

- Recepcionar os alunos e vendá-los para que a proposta da temática, *Poeme-se!*, seja introduzida desde o primeiro contato com os alunos com a leitura de um poema de Ana Cristina Cesar; as vendas serão utilizadas apenas para este poema (2min);
- Após tirar as vendas dos alunos, uma das estagiárias acenderá um fósforo, e a outra realizará a leitura do poema *Ao Fósforo*, de José Paulo Paes (1min);
- Apresentar o vídeo do poema de Carlito Azevedo, *Vaca negra sobre fundo rosa* (1min);
- Prática de escuta dos poemas *Ciúmes*, de Ana Cristina César; *A serenata*, de Adélia Prado; *Seis do Seis de Sessenta e Seis*, de Erton Moraes; *Soberania*, de Manoel de Barros (6min); os quais serão lidos intercaladamente pelas estagiárias;

- Prática de leitura *lato sensu* do vídeo que apresenta cinco poemas concretos, a saber: *Cinco*, de José Lino Grunewald; *Velocidade*, de Ronald Azeredo; *Cidade*, de Augusto de Campos; *Pêndulo*, de E.M. de Melo e Castro; e *Orgasmo*, de Décio Pignatari (6min);
- Leitura do poema *Educação pela Pedra*, de João Cabral de Melo Neto (1min);
- Distribuição de poemas aos alunos e leitura coletiva desses poemas, os quais estarão dispostos em pequenos papezinhos afixados a um palito de fósforo. Abriremos a caixa de fósforos e cada aluno retirará um desses palitos contendo um pequeno poema; os poemas serão curtos, do tipo haikai, todos do escritor Paulo Leminski (3min).

5. Avaliação

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos será avaliado a partir dos seguintes critérios:

- a) participação nas atividades propostas;
- b) desempenho nas atividades de *escuta e leitura*;
- c) reconhecimento dos eixos de sentido sobre as atividades propostas.

6. Recursos

- *Datashow*;
- Livros de Poesia;
- TNT para confecção das vendas;
- Decoração da sala onde ocorrerá a oficina.

7. Referências

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: terceira infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

CESAR, Ana Cristina. **Ana Cristina Cesar: poética**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Cinco Poemas Concretos. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=yC3e7rmSYM4>> (Acesso em: 03 de junho de 2014).

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**: Paulo Leminski. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Ex-estranho.** (Org.) RUIZ, Alice S.; LEMINSKI, Áurea. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

MORAES, Erton. **Literatura marginal: talentos da escrita periférica.** FERRÉZ (organizador). Rio de Janeiro: Agir, 2005.

NETO, João Cabral de Melo. **A educação pela pedra e depois.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PAES, José Paulo. **Prosas seguidas de odes mínimas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida.** São Paulo: Siciliano, 1991.

“**Sobre portas**” e outros poemas. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=CKslbjc4HSA>> (Acesso em: 03 de junho de 2014).

8. Anexos

(Ana Cristina Cesar)

Tu queres sono: despe-te dos ruídos, e
dos restos do dia, tira da tua boca
o punhal e o trânsito, sombras de
teus gritos, e roupas, choros, cordas e

também as faces que assomam sobre a
tua sonora forma de dar, e os outros corpos
que se deitam e se pisam, e as moscas
que sobrevoam o cadáver do teu pai, e a dor (não ouças)

que se prepara para carpir tua vigília, e os cantos que
esqueceram teus braços e tantos movimentos
que perdem teus silêncios, e os ventos altos

que não dormem, que te olham da janela
e em tua porta penetram como loucos
pois nada te abandonas e nem tu ao sono.

AO FÓSFORO (José Paulo Paes)

Primeiro a cabeça
o corpo depois

se inflamam e acendem

o forno

do pão

a luz
na escuridão

a pira
da paixão

a bomba
da revolução.

Sim, mas vamos à coisa concreta:

you fala de fósforos
ou de poetas?

VACA NEGRA SOBRE FUNDO ROSA (Carlito Azevedo)

Até os cinco anos de idade jamais havia visto um trem de carga;
e até os oito jamais um meteorologista.

A garota com sombrinha chinesa
foi um dia a minha garota com sombrinha chinesa, e a este
que brinca na areia da praia chamamos nosso filho, pois
é o que é, como a bola azul em suas mãos é a bola azul
em suas mãos e o verão é outra bola azul em suas mãos.
As coisas são o que são e sei que antes de precisar
outra vez barbear-me já terão voltado para o frio
de seu novo país. E talvez em meus sonhos
voltem a fazer falta as três dimensões
desse mundo espesso, sublunar, como
uma vaca negra sobre fundo rosa.

CIÚMES (Ana Cristina Cesar)

Tenho ciúmes deste cigarro que você fuma
Tão distraidamente.

A SERENATA (Adélia Prado)

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mãos incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa.
Eu que rejeito e expubro
o que não for natural como sangue e veias
descubro que estou chorando todo dia,
os cabelos entristecidos,
a pele assaltada de indecisão.

Quando ele vier, porque é certo que vem,
de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
— só a mulher entre as coisas envelhece.
De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei, se não for santa?

SEIS DO SEIS DE SESSENTA E SEIS (Erton Moraes)

Esse livro eu não leio
Esse livro eu nunca li
Este dicionário eu não conheço
O meu eu já escrevi
Escrevi nas pedras
Com casca de coco
Em parceria com os loucos
Editado pelos vagabundos
Lido pelos maconheiros
E os que caminham na contramão
Meu livro é travesseiro
Das prostitutas
Nas horas de solidão
O que eu falo
Só é entendido por quem pensa
Porque quem pensa que pensa
É pior do que cabeça que não pensa
Meu livro eu escrevi junto com a Bíblia
Há muito tempo atrás
Eu nem morava nesse corpo
Eu estava na beira do cais
E vim de um mundo distante
Juntei as estrelas
E fiz um brilhante
Falei pra Jesus que seu amor me invade
Descobri que ele era um extraterrestre
Talvez de Marte
Ele não gostou muito
Entramos em debate
Me respondeu que ele veio das Escrituras
Além do que podemos enxergar
Eu também vejo além da ponte
Onde ela estiver
E acho que um dos meus antepassados
Deve ter sido Tomé
Olhe minha face dura
Procure nas escrituras
Saída que eu estou Nelas
É só procurar no Apocalipse
Ou nas páginas amarelas

SOBERANIA (Manoel de Barros)

Naquele dia, no meio do jantar, eu contei que tentara pegar na bunda do vento — mas o rabo do vento escorregava muito e eu não consegui pegar. Eu teria sete anos. A mãe fez um sorriso carinhoso para mim e não disse nada. Meus irmãos deram gaitadas me gozando. O pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio da imaginação. Mas que esses vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim. E logo li alguns tomos havidos na biblioteca do Colégio. E dei de estudar pra frente. Aprendi a teoria das idéias e da razão pura. Especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber. Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo — o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi.

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA (João Cabral de Melo Neto)

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;
A de poética, sua carnadura concreta;
A de economia, seu adensar-se compacta:
Lições da pedra (de fora para dentro,
Cartilha muda), para quem soletrá-la.
Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma.

HAIKAIS (Paulo Leminski)

*
acordei e me olhei no espelho
ainda a tempo de ver
meu sonho virar pesadelo

*
viver é superdifícil
o mais fundo
está sempre na superfície

*
jardim da minha amiga
todo mundo feliz
até a formiga

*
Domingo
Canto dos passarinhos
Doce que dá para pôr no café

*
Já não chove
Pessoas molham passos
As ruas pesadas

*
O tempo
Entre o sopro
E o apagar da vela

*
Este dia
Este perverso dia
Que veio depois de ontem

*
poema na página
mordida de criança
na fruta madura

*
Soprando esse bambu
Só tiro
O que lhe deu o vento

*
Entro e saio

Dentro
É só ensaio

*
A noite
Me pinga uma estrela no olho
E passa

*
Confira

Tudo que respira
Conspira

*
Ameixas
Ame-as
Ou deixe-as

*
duas folhas na sandália

o outono
também quer andar

*
hoje à noite
até as estrelas
cheiram a flor de laranjeira

*
a palmeira estremece
palmas para ela
Que ela merece

*
relógio parado
o ouvido ouve
o tic tac passado

*
a estrela cadente
me caiu ainda quente
na palma da mão

*
Bateu na patente
Batata
Tem gente

*
Aqui é alto

Anos não ouço
O c(h)oro dos sapos

<p>* Verde a árvore caída Vira amarelo A última vez na vida</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Por um fio O fio foi-se O fio da foice</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>casa com cachorro brabo meu anjo da guarda</p>	<p>abana o rabo</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Luxo saber</p> <p>Além destas telhas Um céu de estrelas</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>depois de muito meditar resolvi editar tudo o que o coração me ditar</p>
---	--

6.2.9.3. PLANO DE AÇÃO – OFICINA DE POESIA MACABRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC
 Professora Orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
 Professores regentes das turmas: George França e Rafaella Machado
 Estagiários responsáveis: **Letícia Salazar Moretto e Nilton José de Melo**
 Data: 25/06/2014 e 26/06/2014
 Tempo da oficina: 4 tempos de 20 minutos.
 Horário: 07h30min às 12h20min
 Séries: 1º e 2º anos do Ensino Médio

PLANO DE ATUAÇÃO

1. Tema

Oficina de poesia macabra

2. Objetivos

Familiarizar o aluno com a linguagem poética, para que ele sinta prazer em ler, ouvir e criar poemas.

3. Conhecimentos abordados

Poemas com temática obscura, métrica, rima e forma.

4. Metodologia

- Recepção aos alunos;
- Os estagiários declamarão poemas, com temática macabra (ANEXO) (5min).
- Cada aluno escolherá três palavras com temática macabra relacionadas aos poemas lidos pelos estagiários, escreverá em um papel e em seguida, colocará dentro de um envelope preto. Os envelopes serão trocados entre os alunos de forma que cada um pegue um envelope diferente daquele que foi produzido por si. Os alunos abrirão o envelope e com uma das palavras encontradas dentro dele terão que criar um verso de um poema. Depois de feito este verso, o poema em construção irá circular entre os alunos para que cada um faça um verso deste poema. Serão em média cinco alunos por oficina e cada aluno produzirá um verso do poema e passará o poema adiante para que o próximo aluno produza o verso seguinte e assim por diante até que o soneto esteja completo com os seus 14 versos. Caberá ao último aluno dessa sequência dar o título ao poema. Ao final da atividade todos terão escrito em média três versos de um mesmo poema e um deles fará o título para que todos participem de forma igualitária da construção desse poema com temática macabra. (10min);
- Ao final da tarefa um dos estagiários lerá o poema em voz alta e, posteriormente, o colocará no “cemitério do poema macabro”, cartaz em forma de um cemitério onde serão colados os poemas produzidos pelos alunos. Os poemas serão escritos em um papel em formato de lápide e serão colados no “cemitério do poema macabro” que será exposto na porta da sala em que a oficina irá ocorrer. (5min).

5. Avaliação

Participação na atividade proposta.

6. Recursos

- Quadro e caneta

7. Referências

ANJOS, Augusto dos. **Budismo moderno**. In: _____. Eu. Rio de Janeiro, 1912.

AZEVEDO, Álvares de. **Noite na taverna**. 13 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha, 1997.

8. Anexos

Budismo Moderno

(Augusto dos Anjos)

Tome, Dr., essa tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contacto de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

Versos Íntimos

(Augusto dos Anjos)

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!
Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.
Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.
Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

SE EU MORRESSE AMANHÃ

(Álvares de Azevedo)

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que amanhã!

Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o doloroso afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Psicologia de um vencido

(Augusto dos Anjos)

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra

6.2.9.4. PLANO DE AÇÃO – OFICINA DE FANZINE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Professores regentes das turmas: George França e Rafaella Machado

Estagiárias responsáveis: **Ana Veiras e Thayza Lima**

Data: 25/06/2014 e 26/06/2014

Tempo da oficina: 4 tempos de 20 minutos

Horário: 07h30 às 12h20

Séries: 1º e 2º anos do Ensino Médio

PLANO DE ATUAÇÃO

1. Tema

Oficina de fanzine

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Promover e potencializar as práticas de uso da língua por parte dos alunos, incentivando a reflexão, a criatividade e a produção em equipe. Apresentar o fanzine como forma de socialização e divulgação de atividades escolares.

2.2. Objetivos específicos

- Apresentar aos alunos o que é um fanzine;
- Apresentar um roteiro de produção de fanzine;
- Proporcionar o contato com fanzines já pré produzidos por alunos;
- Proporcionar o contato com fanzines de estabelecimentos comerciais (folders);
- Apresentar o uso do fanzine como forma de socialização de atividades escolares;
- Apresentar o uso do fanzine também como forma de divulgação publicitária;
- Incentivar a reflexão e a criatividade dos alunos;
- Desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade;
- Proporcionar a interação em uma produção em equipe.

3. Conhecimentos abordados

Leitura, escrita e oralidade.

4. Metodologia

1. Organizar o espaço físico antes do início da oficina (5 min).

- Organizar as carteiras em forma de um grande semicírculo, deixando o centro da sala de aula livre. O objetivo é usar as mesas como apoio para expor os modelos de fanzines;

- Posicionar no centro 8 carteiras criando uma área de trabalho em forma de “ilha”, de modo que os participantes da oficina possam circular livremente, com acesso fácil aos fanzines dispostos como modelos. Disponibilizar materiais aos alunos como: revistas e jornais para recorte, além de folhas A4, canetinhas coloridas, lápis de cor e giz de cera para desenho.

2. Apresentar aos alunos o que é um fanzine (2 min).

- Entregar para cada participante um roteiro de como fazer um fanzine (Anexo I);

- Trabalhar o roteiro, de forma muito breve, dando ênfase ao *layout* e como dobrar e numerar as páginas;

- Apresentar o uso do fanzine como forma de socialização de atividades escolares (Anexo II);

- Apresentar o uso do fanzine também como forma de divulgação publicitária (Anexo II);

- Permitir que os alunos manuseiem e se familiarizem com os fanzines dispostos nas mesas de apoio;

- Permitir que tenham contato com fanzines ainda no formato de folha A4 e com fanzines já cortados e grampeados.

3. Permitir que os participantes da oficina trabalhem e produzam juntos um único fanzine a gosto do grupo, e caso necessário, as professoras estagiárias apresentarão sugestões (18 min).

4. Acompanhar os alunos durante a criação do fanzine e sanar dúvidas de como confeccionar.

OBS.: As duas professoras estagiárias trabalharão juntas e de forma alternada. Como essa oficina será realizada sob forma de circuito, ela será aplicada 08 vezes, com grupos de alunos distintos.

5. Avaliação

Os alunos serão avaliados pelo envolvimento com o grupo e pela atividade proposta durante a oficina de produção de fanzine.

6. Recursos

- Fotocópias: cópias do roteiro “Criando seu Fanzine” (Anexo I)
- Outros Materiais: Modelos de fanzines, revistas e jornais, Folhas A4, cola branca, tesoura sem ponta, grampeador, canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera.

7. Referências

CASTELO BRANCO, E. A.; BRITO, F. L. C. B.; SOARES, F. S. **Fanzine: Literatura marginal na sala de aula.** n.18, p.9. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2011. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/artigos/fanzine-literatura-marginal-na-sala-de-aula>> (Acesso em: 11 Jun. 2014).

Fanzine. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>> (Acesso em: 06/05/2014).
GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine.** João Pessoa: Marca da Fantasia, 2005.

8. Anexos


Anexo I	
---------	--

1º – O que é um Fanzine?

“Fanzine é uma abreviação de *fanatic magazine*, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra *magazine* (revista) com a sílaba inicial de *fanatic*. Fanzine é portanto, uma revista editada por um *fan* (fã, em português). Trata-se de uma publicação despreziosa [...]. Engloba todo o tipo de temas [...]” (WIKIPEDIA)

2º – Do que eu preciso?

Uma folha A4, uma tesoura, uma borracha, lápis e caneta.

	<h3>3º – Por onde eu começo?</h3> <ul style="list-style-type: none">● O primeiro passo é não entrar em pânico;● O segundo passo é planejar o que você quer apresentar no Fanzine;● O terceiro passo é separar os atos da história, definir bem o início, meio e fim da trama.
---	---

4º – Como eu monto um Fanzine?

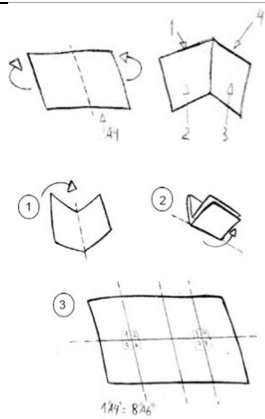
- **Primeiro passo** → deixe a 1ª página para fazer a capa;
- **Segundo passo** → use a 2ª e a 3ª página para mostrar o lugar onde vai se passar a história;
- **Terceiro passo** → reserve as duas últimas páginas para o desfecho da trama;
- **Quarto passo** → use as demais páginas para contar a história.

5º – Como eu calculo as páginas?



Não é uma tarefa muito fácil, porque é praticamente um quebra-cabeça, entre a sua necessidade de espaço e as páginas que restam. Mas a ideia é criar um “mapa” aproximado do seu futuro Fanzine. Não se apresse em fazer isso correndo, essa etapa de pré-produção é importantíssima para seu Fanzine dar certo.

6º – Como dobrar e numerar as páginas?



As páginas são sempre múltiplos de 4. Por isso não é possível fazer um Fanzine com 6 páginas, por exemplo. Uma dica é dobrar a folha A4 2 vezes ao meio e obter 8 pequenas páginas. Nelas colocar a marcação das páginas, que já foram determinadas no “mapa”. Agora basta desenhar a história, literalmente, nessas pequenas páginas. Faça primeiro um rascunho, não saia desenhando “pra valer”. Não perca o seu tempo e nem as imagens que você já selecionou para fazer as colagens. Tenha certeza que a história se encaixa no “mapa”.

Agora é hora de botar a mão na massa, e colocar suas ideias no papel, é bastante trabalho mas não desanime!

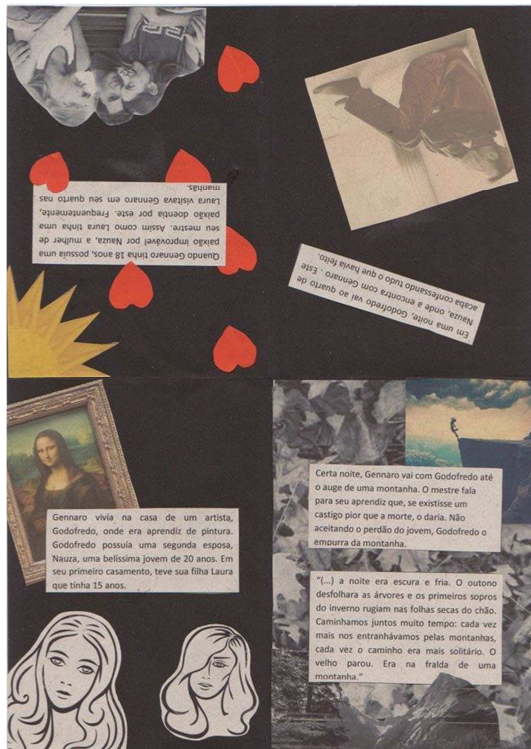
Anexo II:

Modelos de Fanzine

Fanzine do Conto Gennaro – de Álvares de Azevedo



Frente da folha A4



Verso da folha A4

Fanzine publicitário



Frente da folha A4



Verso da folha A4

6.3. RELATOS DA OFICINA POEME-SE!

A última etapa da nossa atuação docente no Colégio de Aplicação (CA), a saber, o projeto de docência extraclasse, ocorreu em parceria com as demais duplas de estagiários de Língua Portuguesa. O planejamento das oficinas referente ao Dia da Língua Portuguesa, nome atribuído ao projeto – inspirado no projeto de docência extraclasse realizado em 2013/2 –, foi realizado por cada dupla, sendo que cada uma teve liberdade de elaborar uma oficina sobre qualquer tema relacionado à disciplina. Infelizmente, a construção do projeto em si não se deu de maneira coletiva, visto que a falta de comunicação entre o grupo culminou na participação efetiva de apenas duas duplas na elaboração do projeto. Porém, tal situação foi tratada pela professora orientadora e, por fim, todo o grupo se organizou para promover esta etapa final da nossa atuação na escola.

As oficinas se realizaram nos dias 25 e 26 de junho do corrente ano, sendo que seu cronograma de atuação deu-se conforme exposto no quadro abaixo:

DATA	TURMA	HORÁRIO/GRUPOS
25/06	2° B	07h40 às 08h00 – Grupo 1; 08h00 às 08h20 – Grupo 2
		08h20 às 08h40 – Grupo 3; 08h40 às 09h00 – Grupo 4
	2°A	09h10 às 09h30 – Grupo 1; 09h30 às 09h50 – Grupo 2
		09h50 às 10h10 – Intervalo
		10h10 às 10h30 – Grupo 3; 10h30 às 10h50 – Grupo 4
	2°C	11h00 às 11h20 – Grupo 1; 11h20 às 11h40 – Grupo 2
11h40 às 12h00 – Grupo 3; 12h00 às 12h20 – Grupo 4		
26/06	1°D	07h40 às 07h57 – Grupo 1; 07h57 às 08h14 – Grupo 2
		08h14 às 08h31 – Grupo 3; 08h31 às 08h48 – Grupo 4
	1°C	09h00 às 09h17 – Grupo 1; 09h17 às 09h34 – Grupo 2
		09h34 às 09h51 – Grupo 3; 09h51 às 10h08 – Grupo 4
		10h10 às 10h30 – Intervalo
	1°A	10h40 às 10h57 – Grupo 1; 10h57 às 11h14 – Grupo 2
11h14 às 11h31 – Grupo 3; 11h31 às 11h48 – Grupo 4		

6.3.1. RELATOS DA OFICINA POEME-SE! – DIA 25/06

No dia 25 de junho, quarta-feira, primeiro dia de realização das oficinas referente ao Dia da Língua Portuguesa, estávamos bem ansiosas para saber qual seria a reação dos alunos diante da proposta “Poeme-se!”. Ao chegarmos à escola, aproximadamente meia hora antes do início das oficinas, com a intenção de organizar as salas, ficamos na sala da coordenação

esperando que nos entregassem as chaves das salas reservadas. Tal espera aumentou ainda mais a nossa ansiedade, pois o coordenador pediu que esperássemos até que ele abrisse todas as salas de aula para então nos entregar as chaves dos respectivos espaços onde ocorreriam as oficinas. Quando recebemos as chaves faltava apenas dez minutos para bater o sinal, e tivemos que preparar as salas rapidamente.

Nossa oficina ocorreu no laboratório de linguagem, cujo ambiente favorecia a proposta envolvendo a leitura de poemas. Utilizamos basicamente o que já havia na sala: centralizamos o tapete para que os alunos se sentassem sobre ele e dispomos algumas almofadas. Numa banquetta, jogamos panos coloridos encontrados na sala e, sobre ela, colocamos uma luminária, que serviria como única iluminação durante a oficina, já que as luzes se manteriam apagadas. Em outra banquetta, colocamos o computador portátil, a fim de exibirmos os vídeos, já que o equipamento de som e o computador desta sala não estavam funcionando (ficamos sabendo disso no dia anterior, mas preferimos nos manter nesta sala, visto que ela proporcionava um ambiente mais propício à oficina). Fechamos as cortinas, colocamos uma cadeira próxima ao tapete a fim de mudarmos de lugar enquanto líamos as poesias, dispomos os livros de poesia sobre o tapete, e aguardamos a chegada do primeiro grupo de alunos.

Ao entrar a primeira turma, executamos o planejamento, sendo que concluímos em 15min. Para este dia, a duração prevista era de 20min. Porém, esperamos mais de 10min pela vinda do próximo grupo, visto que a oficina em que estavam demorou mais que o previsto. Tal atraso acarretou no tempo de duração das duas apresentações que se seguiram, sendo que reduzimos um pouco o tempo para que os horários se encaixassem e todos os alunos da turma pudessem assistir a todas as oficinas.

Não cabe, entretanto, comentar como foi cada apresentação, visto que realizamos doze vezes a oficina com diferentes grupos de alunos. No geral, a recepção das turmas de segundo ano foi muito positiva. Notamos um amadurecimento nos alunos que participaram da oficina, sendo que alguns reagiram de forma muito positiva fazendo comentários ao final da apresentação e/ou perguntas sobre alguns poemas apresentados. Alguns alunos demonstravam certo desconforto, mas já contávamos com isso, considerando que a poesia é uma escrita literária pouco difundida na escola.

Em geral, todas as apresentações ocorreram conforme planejado, e foram acompanhadas pela professora orientadora ou pelo professor da turma ou, ainda, pela monitoria da disciplina de estágio. De nossa parte, consideramos satisfatórias todas as apresentações realizadas neste dia e, a cada repetição, íamos melhorando detalhes que podiam

ser melhorados. A ansiedade foi dando espaço à satisfação diante das reações positivas dos alunos, e a expectativa, agora, era o reencontro com a turma 1ºD no primeiro horário do dia seguinte (Anexo 2.8).

6.3.2. RELATOS DA OFICINA POEME-SE! – DIA 26/06

Neste dia, o último do ciclo de oficinas referente ao Dia da Língua Portuguesa, promovido por nós juntamente com nossos colegas estagiários, o susto foi maior quando chegamos à escola: a chave do laboratório de linguagem não estava na coordenação. Para nosso alívio, uma funcionária de serviços gerais tinha uma cópia da chave e abriu a sala para nós. Organizamos a decoração conforme no dia anterior, e preparamo-nos para mais um ciclo de doze apresentações; desta vez, com os alunos do primeiro ano do EM.

A primeira turma a participar da oficina neste dia eram os alunos do 1ºD, na qual realizamos nosso estágio de docência. Estávamos ansiosas para revê-los, e principalmente para observar sua reação durante a oficina. Apenas um grupo de alunos reagiu de maneira mais desconcentrada, rindo a maior parte do tempo diante dos poemas apresentados. Porém, no geral, a maioria entrou no clima e “poemou-se” conosco.

Notamos que, em geral, os alunos dos primeiros anos agiram mais imaturamente diante da nossa oficina. Cremos que isso se deu pelo fato de a poesia não fazer parte da rotina destes alunos. Porém, todos colaboraram durante a nossa apresentação e participaram lendo os poemas de Leminski no final da oficina. Neste dia, também fomos acompanhadas pela professora orientadora ou pela professora da turma ou, ainda, pela monitora da disciplina. Cada apresentação ocorreu conforme planejado, sendo que os poemas estavam quase memorizados, tornando nossa apresentação ainda mais performática. Consideramos que a realização dessa oficina, nos dois dias, se deu de maneira satisfatória, pois cumprimos nosso objetivo de “poemar” os alunos enquanto nós mesmas nos “poemávamos”.

6.4. PERCEPÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS – PROJETO DE DOCÊNCIA EXTRACLASSE

O plano de ação elaborado para o projeto extraclasses, ao lidar com poemas, previa implementar as práticas de *escuta* de poesia, afim de que os alunos observassem o potencial da linguagem e o potencial estético que se encontra neste gênero. O processo de

aprendizagem, nesse caso, deu-se de uma maneira mais “experimental”, já que não houve qualquer tipo de avaliação ou intervenção que fizesse com que algum aluno pudesse se sentir excluído.

Por mais que, possivelmente, não tenhamos agradado a todos com a nossa proposta, das diversas turmas que participaram da nossa oficina, pudemos perceber que a maioria dos alunos agiu de maneira receptiva e madura. Muitos alunos, no início da oficina, ao observarem os livros expostos no chão, mencionavam com entusiasmo o autor do livro, e alguns comentavam que já haviam lido. Além disso, ao final da oficina, alguns alunos perguntaram sobre a autoria de alguns poemas, demonstrando que tinham interesse nessa leitura. Por fim, podemos considerar que todas essas manifestações de interesse são resultados de um possível processo de aprendizagem, o que nos deixou muito satisfeitas.

7. ENSAIOS CRÍTICOS

7.1. INTERDISCIPLINARIDADE: DA TEORIA À PRÁTICA

Berenice Ferreira da Silva

A convivência no espaço do Colégio de Aplicação (CA), durante este estágio de docência, proporcionou-nos encontros com pessoas e situações que geraram reflexões múltiplas a respeito da tarefa do educador. Num desses momentos, em que presenciamos uma reunião entre professores da disciplina de Língua Portuguesa, surgiu o interesse de refletir sobre o tema proposto neste ensaio, partindo da seguinte questão: até onde a tão propagada interdisciplinaridade é praticada na escola?

Primeiramente, vale dizer que a interdisciplinaridade não parte de uma concepção una: só para citar um exemplo, ao ler os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM/2000 e PCN+/2002) é possível perceber que a proposta de trabalho interdisciplinar ali empregada não é a mesma que foi observada na Escola da Ponte, por Rubem Alves (2003), em *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Isso porque, os pressupostos teóricos que regem os PCN são extremos opostos de algumas propostas pedagógicas que partem de teorias que se distanciam das relações de poder, dos conhecimentos compartimentados, enfim; que propõem uma educação libertária²⁰. Ainda que

²⁰ A exemplo, vide a obra de Sílvia Gallo e Paulo Freire.

a proposta deste ensaio não seja discutir concepções, visto que, de modo geral, o princípio comum da interdisciplinaridade é a interação entre conhecimentos de diferentes áreas, independentemente das práticas defendidas, é importante salientar que os pressupostos teóricos influenciam diretamente na prática²¹.

Este apontamento mostra que a realidade do ensino e aprendizagem praticados atualmente na escola regular, no quesito interdisciplinaridade, a exemplo do CA, por mais que se discuta, seja nas formações docentes e/ou nos documentos oficiais, na prática, ainda está muito distante essa troca entre saberes de áreas diferentes. Aliás, o que foi observado no CA é que há pouco diálogo até mesmo no interior das áreas que envolvem o estudo de línguas, como percebemos na reunião de disciplina, em que alguns professores demonstraram descontentamento pelo espaço físico dado às disciplinas de línguas estrangeiras em detrimento do espaço físico dado à disciplina de Português. Obviamente, aí entram em campo outros fatores que justificam tal argumento, mas é no mínimo um indício de afastamento entre as disciplinas e os professores.

Entretanto, foi por meio da fala de um dos professores durante a reunião de disciplina que surgiu a questão: por um lado discute-se fervorosamente, na teoria, a interdisciplinaridade, mas “cá estamos disputando território”. Diante disso, foi levantado o questionamento: será que estamos (os professores de cada área) preparados para derrubar as paredes das nossas salas e convivermos todos num mesmo espaço? Obviamente, tal questionamento era de cunho retórico, mas ainda assim provocou reações que constatam que não: os professores ainda não estão preparados para conviver num mesmo espaço de trabalho, pois há muito que dialogar ainda antes que isso se materialize. Será? Há escolas onde isso ocorre já há algum tempo, como referenciado no início deste ensaio.

Na tarefa da interdisciplinaridade, a postura do professor, prevista nos PCNEM (2000), deve ser: “o professor deixa de ser uma ilha ao interagir com os colegas, em busca de um projeto coletivo. Não há novidade na proposta. A novidade fica por conta da sua efetiva atualização na escola. Isso demanda conhecimento, participação, disponibilidade, interesse profissional e compreensão do papel social da escola” (p.65); e, ainda, que essa não deve ser uma iniciativa apenas dos professores, mas a própria escola deve proporcionar suporte para que isso ocorra: “além, lógico, do apoio dos sistemas educacionais na revisão da jornada, na

²¹ Ao longo da graduação, tive a oportunidade de conhecer algumas propostas educativas alternativas, como a escola indígena da aldeia guarani M'Biguaçu, e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis. Nas duas propostas a interdisciplinaridade é implementada de forma que os alunos têm contato com os conhecimentos não por disciplinas isoladas, nem pela divisão de séries/anos escolares: as atividades acontecem envolvendo os alunos com todas as áreas/professores ao mesmo tempo.

atribuição de aulas e ampliação das horas de trabalho conjunto, com coordenação de pessoas que possam auxiliar o professor na elaboração de seus projetos coletivos” (p.65).

À nossa maneira, tivemos a oportunidade de promover um evento interdisciplinar entre as disciplinas Língua Portuguesa e Geografia, durante a nossa atuação docente, por meio da “pequena viagem” pelo *campus* da UFSC. Para tanto, nos reunimos com o professor de Geografia, conversamos sobre o nosso projeto de docência e qual era a nossa intenção com esta saída. A partir dessa compreensão, o professor elaborou uma estratégia envolvendo seus conhecimentos sobre o espaço geográfico e histórico-social da Universidade, proporcionando, assim, aos alunos e a nós, uma experiência riquíssima. Porém, isso está longe de ser a interdisciplinaridade em sua essência, pois os projetos interdisciplinares não podem parar apenas nessas tarefas mais momentâneas e ‘prazerosas’, pelo contrário, é aí que deve começar o trabalho: o ato de voltar para a sala de aula depois de uma saída de campo não encerra a atividade interdisciplinar, pois é aí que deve se desdobrar um planejamento coletivo.

Aliás, se há algo que é comprovadamente a mais pura fragmentação do conhecimento são as avaliações praticadas na escola: raramente se vê um trabalho avaliativo envolvendo mais de uma disciplina. O dia a dia dos alunos é dar conta de diversas avaliações de diversas disciplinas, quando poderiam, em havendo iniciativa da escola e dos professores, fazer um trabalho envolvendo os vários conhecimentos desenvolvidos ao longo de certos períodos ou, ainda, a partir de projetos planejados coletivamente. Lembrando que esta é uma iniciativa que não depende apenas do professor, mas da própria escola: no caso do CA, por exemplo, o único momento em que vimos os professores de várias disciplinas reunidos foi no Conselho de Classe, em que não cabe esse tipo de discussão, e na reunião de turmas, em que igualmente se tratam outras questões. À escola cabe o papel de implementar este tipo de diálogo entre as áreas do conhecimento representadas por seus professores, criando, como já visto na orientação do PCNEM, uma equipe de trabalho para isso.

Enquanto perdurar essa prática da compartimentação dos saberes, continua-se incorrendo numa tradição escolar que não prioriza o aluno. Sobre isso, afirma o PCN+: “ela [a escola] impõe ao conjunto dos alunos uma atitude de passividade, tanto em função dos métodos adotados quanto da configuração física dos espaços e das condições de aprendizado” (p.9). É claro que, no geral, as escolas e os educadores têm se mostrado mais abertos a mudanças neste sentido, quanto mais o CA, onde o diálogo com a Universidade facilita ainda mais esses processos. Diz o PCN+:

As reformas educacionais iniciaram-se há pouco mais de meia década e pode ser que custe mais uma década para promover as transformações pretendidas, em escala

nacional. Mas já se percebem experiências importantes em muitas escolas brasileiras que desenvolvem novos projetos pedagógicos e novas práticas educacionais, nas quais leituras, investigações, discussões e projetos realizados por alunos superam ou complementam a didática da transmissão e a pedagogia do discurso. Essas novas práticas, usualmente, são resultado de um trabalho de toda a comunidade, em cooperação com a direção escolar, em apoio à transição entre o velho e o novo modelo de escola (p.11).

Mas retomemos o entendimento teórico no qual se embasa esta afirmação, pois no PCN+ está posto que toda disciplina lida internamente com a interdisciplinaridade, por exemplo: ao implementar os conhecimentos sobre o gênero *relatos de viagem* em nosso estágio de docência, recorreremos a outros conhecimentos de cunho geográfico, histórico, social e cultural, a fim de situar o aluno dentro deste contexto. Para o PCN+, portanto, isso é a interdisciplinaridade interna que ocorre em cada disciplina. A partir desse entendimento, o documento se posiciona: “é preciso reconhecer o caráter disciplinar do conhecimento” (p.15), pois os conhecimentos e competências estão fragmentados nessa estrutura disciplinar. Porém, isso remete a outro questionamento: se é natural que os conhecimentos de diferentes áreas circulem dentro de uma mesma disciplina, por que é tão difícil implementar trabalhos interdisciplinares?

O documento diz ainda: “como as disciplinas usualmente não são organizadas por competências, mas como tópicos disciplinares, seria útil esboçar uma estruturação do ensino capaz de contemplar, a um só tempo, uma coisa e outra” (p.16). A questão é:

Só em parte a integração de metas formativas exige projetos interdisciplinares, nos quais diferentes disciplinas tratam ao mesmo tempo de temas afins, durante períodos determinados e concentrados. Mais importante do que isso é o estabelecimento de **metas comuns** envolvendo cada uma das disciplinas de todas as áreas, a serviço do desenvolvimento humano dos alunos e também dos professores (PCN+, p.17).

Faça-se aqui um parêntesis: no CA, diferentemente das escolas públicas da rede municipal e estadual, existem diversos projetos sendo desenvolvidos com os alunos, os quais pressupõem interdisciplinaridade, mas geralmente eles acontecem em paralelo às aulas, ou seja, no dia a dia em sala de aula, objetivamente, não se percebe essa inter-relação entre saberes e professores; não há “metas comuns” envolvendo o aprendizado do aluno em sala de aula. Diante disso, resta a esperança de que, na impossibilidade de fazer maiores mudanças na estrutura escolar, considerando alternativas pedagógicas outras, que se faça o possível para cumprir pelo menos o que está posto nos documentos oficiais, pois já há neles um intuito de promover a tão “idealizada” interdisciplinaridade.

Para concluir essa reflexão sobre os desencontros entre a teoria e a prática na interdisciplinaridade, vale dizer que, já é discurso comum para o aluno de licenciatura ouvir

que só vamos ter noção real da prática docente quando assumirmos a função. Talvez isso seja característico de qualquer formação acadêmica (o vácuo entre a teoria e a prática), mas penso que é possível inverter essa relação e observar práticas educativas que estão circulando nas escolas atualmente, pois pode ser uma maneira de diminuir essa distância. É a partir da observação e análise da prática que é possível repensar e melhorar as estratégias de ensino, a fim de atrair e alcançar efetivamente todos os envolvidos neste processo. Para que nossas discussões se ampliem para além do discurso teórico é preciso verificar cuidadosamente o que está sendo praticado nas escolas. Talvez, assim, se possa aperfeiçoar a teoria e, por sua vez, a teoria conseqüentemente aperfeiçoará a prática.

7.2. QUESTIONAMENTOS E PERCEPÇÕES: UM OLHAR PROBLEMATIZADOR SOBRE AS SITU(AÇÕES) NO FAZER-DOCENTE

Natassia D'Agostin Alano

“A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política”. (Paulo Freire, 2006 [1996]).

Ao se falar em educação muitas coisas nos vêm em mente. Talvez até a ideia de discutir sobre o sistema educacional brasileiro, ultrapassando os muros acadêmicos, já se tenha encaminhado para um olhar mais superficial, visto que todas as pessoas fazem questão de deixar sua opinião em relação ao assunto. Ao ligarmos a televisão, fala-se acerca disso; em redes sociais todos fazem questão de deixar sua “contribuição” sobre o tema; nos corredores da Universidade; nos pontos de ônibus; nas filas de bancos. A discussão está se tornando generalizada. Em alguns casos, já virou mote para iniciar uma conversa com qualquer “estranho” e, desse modo, num coro quase que uniforme, em mantras configurados de uma maneira uníssona, profere-se: “o Brasil precisa de saúde e educação”.

Não estou, aqui, querendo *abafar* vozes ou mesmo negá-las; nem tampouco trazer, como discussão central, versões e opiniões sobre *o que* precisamos, *se* precisamos e *para quê* precisamos de educação de qualidade. Estou apenas querendo suscitar alguns questionamentos sobre o assunto. Pois, se por um lado, falar e militar sobre Educação parece contribuir para possíveis melhorias no sistema público, também é certo afirmar que, apesar de haver inúmeras questões a serem problematizadas, não podemos gaseificar as discussões, de modo que venha a se tornar um assunto banal, ou, num tom mais realista, que esse olhar

negativo de sucateamento da educação seja, enfim, alvo da possível *privatização do ensino público*.

Em relação ao processo de privatização, embora muitos creem que seja algo positivo para nossa sociedade ou, em contrapartida, distante demais da nossa realidade, sabemos que o processo é lento, mas que não está tão longe de ser implementado, visto que, pouco a pouco, em todas as instâncias educacionais, a privatização já “bate a porta”. Embora na educação superior seja ainda mais nítido, com a criação das inúmeras universidades particulares e a criação de bolsas, como, por exemplo, o *Prouni*; em algumas escolas básicas de São Paulo esse processo também já está sendo iniciado. E, segundo Freitas (2012), para que haja a privatização, o argumento fulcral dos empresários defensores dessa estratégia é o de que “os pobres, assim como os ricos, também têm o direito de escolher qual escola estudar”.

No entanto, essa afirmação é facilmente invalidada, ao passo que devemos lutar por uma escola pública e aberta a todos, sem exceção. Deste modo, os investimentos não deveriam ser transferidos a escolas privadas, mas investidos efetivamente nas escolas públicas. Freitas (2012, 396) ao citar Ravitch (2010), pontua:

As escolas são um patrimônio nacional público que, se for apropriado pela iniciativa privada, põe em risco a própria noção de democracia. Somente um espaço público pode lidar com a formação da juventude de forma a atender aos interesses nacionais dentro da necessária pluralidade de opiniões existentes no âmbito da sociedade. Os objetivos da educação são amplos e devem, sobretudo, permitir o desenvolvimento multilateral de nossa juventude.

Nesse sentido, o processo de privatização não é sinônimo de um maior benefício ao povo e, portanto, sinônimo de uma melhoria na educação. Basta analisar os dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes)²², em que os Estados Unidos, que têm o ensino privatizado, está há anos em posições medianas; enquanto a Finlândia, por exemplo, com a educação pública e gratuita, está sempre nas primeiras posições do *ranking*.

Em consonância a isso, vale salientar que, trazer essas considerações é uma maneira de nos atentarmos para o fato de que olhar sempre negativamente a educação pública, sem levar em conta o possível processo de privatização, é, por vezes, dar *um tiro no próprio pé*. Por esse motivo, devemos sim questionar e problematizar o sistema educacional brasileiro, mas levando em conta todas essas questões e, sobretudo, lutar para construir uma educação pública, gratuita e, de fato, de qualidade.

22

http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relatorio_nacional_PISA_2012_resultados_brasileiros.pdf.

Dado o que fora exposto e levando em conta as problematizações feitas até então, podemos, enfim, pontuar algumas questões a serem explanadas nesse ensaio. Cabe informar que não vou, aqui, ater-me a um assunto específico, mas comentar sobre questões relacionadas à experiência do fazer-docente no Colégio de Aplicação (CA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Como sabemos, o Colégio de Aplicação é uma instituição construída dentro da Universidade, sendo referência no estado de Santa Catarina. Apesar de ser um colégio federal, podemos ansiar que, num futuro mais próximo, as escolas municipais e estaduais, levando em consideração os aspectos sociais e culturais de cada localidade, “sigam” os moldes do Colégio de Aplicação, já que, sem sermos ingênuos, podemos dizer que o CA é muito bem estruturado²³ e conta com uma série de importantes projetos de pesquisa, extensão e projetos culturais. Além disso, há uma gama de professores preparados, sendo eles, bem remunerados e com uma carga horária relativamente adequada.

Entretanto, se, por um lado, é um Colégio que contempla as expectativas de muitos graduandos que vivem a experiência do fazer-docente e que o comparam com outros colégios municipais e estaduais; por outro, carrega, ainda, algumas questões que deixam, por vezes, a desejar. Nesse sentido, elencamos *duas* questões, relacionadas às vivências no CA, que queremos problematizar. A primeira delas é em relação ao comportamento dos alunos. Em nossa experiência em sala de aula, no Colégio de Aplicação, tivemos contato com uma turma do 1º ano do Ensino Médio e assim como exposto em nosso projeto, trabalhamos com o gênero *relatos de viagem*. Em um momento de nossa atuação, convidamos os alunos a escreverem um *relato* da saída de campo ao *campus* da UFSC. Para conduzir a saída, foi chamado um professor de geografia do Colégio. No dia em que fizemos esse roteiro, o professor comentou acerca de questões relacionadas à implementação da Universidade e enfatizou as razões pela qual ela foi construída naquele local. O professor criticou a decisão impensada de implementação, por ser uma tomada contra o plano piloto da época que dizia claramente que a construção da UFSC (naquele local) ia à contramão do crescimento urbano. Segundo Valenza (2010, p.162), a construção da Universidade na região da Trindade,

desencadeou um processo de ocupação urbana exacerbada no seu entorno, onde loteamentos foram aprovados, novas ruas foram abertas e a configuração daquele espaço foi totalmente alterada. Pode-se dizer que, aquilo que foi pensado para época, em efetivar a universidade como uma propulsora à ocupação de novas áreas,

²³ Não vamos nos ater a descrever sobre a estrutura do Colégio de Aplicação da UFSC e seus projetos de pesquisa, pois já o fizemos acima, na introdução, bem como no Relatório de Observação (primeiro trabalho da disciplina de Estágio Obrigatório II).

fortalecendo o ramo imobiliário, hoje se demonstra concretamente, porém, em condições comprometedoras. Alega-se a isso, as condições da ocupação e uso do solo naquela região que, atualmente, enfrenta graves problemas de mobilidade urbana, especulação imobiliária e valorização fundiária para além do normal e, a consequente decadência da qualidade de vida em alguns pontos do entorno, desencadeando a saída de moradores para outras localidades da ilha.

Todas essas considerações acerca da construção da UFSC na Trindade foram feitas pelo professor no dia da saída de campo. Entretanto, ao solicitarmos aos alunos que escrevessem seus *relatos de viagem*, poucos (ou nenhum) deixaram suas opiniões sobre o tema, centrando-se somente em questões mais pontuais da *rota* delineada para a saída. Está certo que o objetivo do relato não era relatar o que o professor havia dito, mas sim a experiência da “viagem”. No entanto, o C.A – por estar inserido num contexto acadêmico - é conhecido por muitos como um colégio que forma alunos questionadores, neste sentido, sentimos falta de uma análise mais crítica sobre o que foi dito e discutido, como uma maneira de manifestar-se sobre um assunto que faz parte da vida desses estudantes. Nós, como docentes, precisamos ser capazes de atuar, tal qual propõe Kleiman (2006), como um agente mobilizador dos conhecimentos necessários ao envolvimento de alunos e de recursos em favor da participação ativa e responsiva desses sujeitos em práticas sociais que envolvam a linguagem. No entanto, esse aparente não posicionamento, fez com que sentíssemos uma carência de uma formação que instigue o aluno a escrever com sua própria voz, repensando a sociedade e refletindo sobre sua ação no mundo como sujeito.

A segunda e última questão que queremos, aqui, pontuar é concernente ao ingresso dos alunos ao Colégio. Como conhecimento de todos os envolvidos com o C.A., antigamente, os alunos que frequentavam o Colégio de Aplicação eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina. No entanto, a partir da Resolução nº 013/CEPE/92, ficou estabelecido que o ingresso de alunos no Colégio ocorreria via sorteio aberto à comunidade (COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 2012). Entretanto, por mais que haja sorteio e uma democratização do acesso ao ensino, ainda podemos perceber que há muito que se discutir em relação a isso.

Ao longo da nossa atuação no estágio, bem como ao aplicarmos questionários a serem respondidos pelos alunos, percebemos que havia - na turma em que atuamos - poucos alunos moradores do entorno da UFSC. Num universo de 25 alunos, apenas *dois* são dos bairros mais próximos à universidade. Sendo que dentre esses dois alunos, um é considerado de família de classe média, já que seus pais são escolarizados, com curso superior completo. Além disso, pudemos depreender que diante de tantos alunos, poucos são considerados de classes sociais

menos privilegiadas. E os que são dessas classes menos favorecidas, demonstram não se entrosarem com toda a turma, permanecendo, aula após aula, sem o envolvimento com outros colegas. Essas informações não permitem encontrarmos explicações para essas percepções que tivemos ao estagiar no C.A., mas, por outro lado, propõe indagações e problematizações acerca do ingresso ao Colégio. Quer dizer: por quais motivos encontramos apenas *dois* alunos dos bairros mais próximos, sendo que há tantas comunidades no entorno da Universidade? Outra questão: se nesses bairros podemos encontrar umas das comunidades mais carentes de Florianópolis, por que poucos alunos do C.A. são advindos dessas tais comunidades?

Está certo que o sorteio parece ser consideravelmente divulgado, não é à toa que muitos servidores do C.A. sobem os morros, a fim de divulgar o modo de ingresso do Colégio, bem como para que a democratização seja evidentemente efetiva. No entanto, ainda assim, parece ínfima a quantidade de alunos advindos dessas classes menos favorecidas. Uma possível razão para não se efetivar o ingresso dessas pessoas ao C.A. é o fato de que elas talvez não se sintam parte desse mundo universitário, dessa cultura das classes dominantes como um valor em termos sociais, como *capital cultural* (BOURDIEU; PASSERON, 1970). Segundo Mossmann (2014, p. 71):

A discussão volta-se para a compreensão de pertencimento e de compartilhamento, o que suscita uma reflexão acerca de dois movimentos que parecem distintos: *circulação* e *inserção*. Embora estejam relacionados, aparentemente não basta *circular* pela esfera, é preciso conhecer determinadas convenções, compartilhar valores, entender como as relações se dão nesse contexto, empreender usos sociais específicos da língua, problematizando-os, quando necessário, posicionando-se diante de situações recorrentes nessa mesma esfera. O não compartilhamento dessas diretrizes parece evidenciar, em muitos casos, uma relação de participação artificialmente constituída. Em outras palavras, apesar de reconhecer-se como 'estrangeiro' (IVANIC, 1998) [...]. Incorporar tais atitudes, assumir valores sem compreender exatamente suas implicações ideológicas resultam em uma espécie de pseudoparticipação, processo no qual os sujeitos, ainda que conflituosamente, experienciam um processo de negação de sua constituição identitária, almejando o pertencimento ao novo grupo social, o que passa pelo reconhecimento dos outros membros do grupo.

Embora haja a circulação desses sujeitos no entorno universitário, são poucos os que se inserem nessa esfera. Muitos dos que têm a oportunidade, não têm interesse em ingressar no Colégio de Aplicação, talvez pelo fato de não se sentirem representados, não se sentirem *parte* do ambiente e às vezes por terem que negar sua própria identidade e assumir valores que não são os seus.

Suscitar essas questões que envolveram esse ensaio não quer dizer que teremos respostas concretas para o que abrange essas situações. Mas, sobretudo, instiga-nos a pensar além da sala de aula, já que ser professor não é apenas lidar com os alunos dentro de um

quadrado. É problematizar as relações humanas e o que envolve a comunidade e o construto social. Sabemos que esses questionamentos vão muito além do que a nossa formação em Letras-Português poderia nos oferecer. No entanto, todas as indagações sobre o que diz respeito aos alunos que temos, a escola que trabalhamos e a comunidade que faz parte do entorno da instituição merece uma atenção especial, com um olhar sensível e antropológico, capaz de encontrar perguntas e mudá-las sempre que for possível, ou seja, devemos, como futuras docentes, deixar acesa a capacidade de sempre nos questionar, sempre refletir acerca de questões que envolvam a nossa atuação e, quando necessário, retornar as perguntas fundamentais que, segundo Ferre (2001, p.206), “deveriam acompanhar-nos sempre como sinal de uma capacidade, essa sim, comum a todos os seres humanos: a capacidade que mantém viva a pergunta precisamente porque, sabendo que não há resposta, obriga-nos a continuar perguntando”.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II foi mais uma oportunidade que tivemos de observar, conhecer e vivenciar o cotidiano da escola. Mais do que isso, este estágio encerra, por assim dizer, a nossa formação no curso de Letras Português, sendo que agora deixamos de ser estagiárias para sermos professoras. Isso não significa, obviamente, que para por aqui o aprendizado, afinal, depois de tantos conhecimentos acessados, sabemos que o bom professor é aquele que nunca cessa de pesquisar e aprender.

Nesta etapa final da nossa formação, o Colégio de Aplicação da UFSC nos proporcionou uma experiência docente que só nos impulsiona a prosseguir nesta jornada. Neste espaço, tivemos a real dimensão do processo de ensino e aprendizagem considerando os sujeitos envolvidos, e como esses sujeitos colaboraram, cada um em seu papel, na implementação do planejamento das atividades propostas em nosso projeto de docência.

Vale destacar que, durante esse processo de formação no curso de licenciatura, tivemos a oportunidade de conviver com professores que concebem o ensino de maneiras diferentes, e em nossa prática tivemos que fazer escolhas neste sentido, ou seja, nos posicionar conceitualmente em relação ao fazer docente e implementar tais posicionamentos em nossa atuação. Como já dito em vários momentos neste relatório, somos sujeitos inacabados, o que pressupõe que devemos sempre estar prontas para a “aventura de mudar”, como dito em nossa epígrafe.

Chegamos, portanto, ao final deste estágio, com a certeza de que estamos preparadas para os desafios que nos aguardam em sala de aula, e que a nossa formação estará sempre em permanente processo de lapidação, a fim de contribuirmos na efetivação de uma educação justa e de qualidade, considerando as particularidades dos sujeitos envolvidos neste processo. Tal como propomos aos alunos da turma 1ºD, que a viagem de educar seja o nosso caminho, e que as lembranças disso sejam os relatos dos aprendizados.

9. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARGEL, Martha & NETO, Humberto Moura (Organizadores). **O vampiro antes de Drácula**. São Paulo: Aleph, 2008

ARISTÓTELES. Arte poética. In: ARISTÓTELES; HORÁRIO; LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares da Educação Nacional – Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.

CASTELO BRANCO, E. A.; BRITO, F. L. C. B.; SOARES, F. S. **Fanzine: Literatura marginal na sala de aula**. n.18, p.9. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2011. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/artigos/fanzine-literatura-marginal-na-sala-de-aula>> (Acesso em: 11 Jun. 2014).

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; MOSSMANN, Suziane da Silva; IRIGOITE, Josa Coelho da Silva. Estudos em cultura escrita e escolarização: uma proposição de simpósio entre ideários teóricos de base histórico-cultural na busca de caminhos metodológicos para pesquisas em Linguística Aplicada. **Fórum Linguístico**, v.10, n.5, 2013.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ELIAS, Maria Vanda (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

Fanzine. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>> (Acesso em: 06/05/2014).

FERRE, Núria Pérez de Lara. **Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta**. In: Jorge Larrosa e Carlos Skliar (orgs) *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 195-214.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006 [1996].

FREITAS, Luiz Carlos de. **Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação**. *Educ. Soc.* [online]. 2012, vol.33, n.119, pp. 379-404. ISSN 0101-7330.

FONSECA, Jair Tadeu da. **A situação da poesia e a crítica: dois momentos, duas visões**. Revista Aletria, UFMG, 1998-1999.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre, RS: L & PM Editores, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Ancoragens**. São Carlos\SP: Pedro e João, 2010.

_____. **O Texto na Sala de Aula.** São Paulo: Editora Ática, 3ª Edição, 2000.

_____. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 4ª Edição, 1997.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine.** João Pessoa: Marca da Fantasia, 2005.

HALTÉ, Jean-François. O espaço didático e a transposição. In: **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, p. 117-139, jul./dez. 2008 [1998].

JOSÉ, Elias. **A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas.** São Paulo: Paulus, 2003.

KLEIMAN, Ângela. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORREIA, Manuel Luiz Gonçalves; KOCH, Frnaçoise (orgs.). **Ensino de língua: representação e letramento.** Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de Língua Materna.** Santa Cruz do Sul: Signo, 2007.

_____. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In _____. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LOVECRAFT, Harold Phillip. **O horror sobrenatural na literatura.** Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MOSSMANN, Suziane. **O ato de dizer entre Babel e Pentecostes: um estudo sobre os usos sociais da escrita na esfera acadêmica.** 305 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PIAGET, Jean. **Comportamento motriz da evolução.** Porto, Portugal: Rés, 1977.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma Palavra Outra.** São Carlos: Ed. Pedro & João, 2010.

_____. **Encontros de Palavras: o outro no discurso.** São Carlos: Ed. Pedro & João, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TORNQUIST, Helena. **Poesia para que(m)? Descaminhos da recepção do poema**. Cadernos 21, ago.- dez. 1994, p.27-44.

VIGOTSKI. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1978].

VOLÓSHINOV, Valentín Nikoláievich. **El marxismo y La filosofía del lenguaje**. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2009.

10. ANEXOS

ANEXOS 1 – DOCUMENTOS DO ESTÁGIO

ANEXO 1.1. BERENICE FERREIRA DA SILVA



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone: +55 (48) 3721-9446 - Fax: +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 533571

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof^a. **Denise Pereira Leme**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.869.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Berenice Ferreira Da Silva**, CPF 047.378.919-16, telefone 4899431577, e-mail berreblu@yahoo.com.br, regularmente matriculado(a) sob número 9274003 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002 . | Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias) , a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação , de 17/03/2014 a 25/07/2014 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Rafaella Machado . | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração . |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32). | Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo: conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| | Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 533571

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1o ano - Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 24 de março de 2014.

Berenice F. da Silva

Berenice Ferreira Da Silva - Estagiário

Denise Pereira Leme

Denise Pereira Leme - Diretora do DIP - PROGRAD - UFSC

Jose Ernesto De Vargas

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Rafaella Machado

Rafaella Machado - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 533571 - Gerado pelo SIARE em 24/03/2014 às 08:34:07 hs.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO
DE AULAS DE PORTUGUÊS -
ENSINO MÉDIO**

Escola: Colégio de Aplicações
Turma: 1 D
Professor(a): Rafaela Machado
Estagiário(a): Berenice Ferreira da Silva
Período de observação total: 14 horas/aula

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	27.03.14	7h30 às 8h10	Filme "A Odisseia"	Rafaela m.
Aula 2	27.03.14	8h10 às 8h50	Filme "A Odisseia"	Rafaela m.
Aula 3	31.03.14	7h30 às 8h15	Filme/Atividade	Rafaela m.
Aula 4	31.03.14	8h15 às 9h	(cont.) Atividade sobre filme	Rafaela m.
Aula 5	03.04.14	7h30 às 8h10	(cont.) Atividade sobre filme	Rafaela m.
Aula 6	03.04.14	8h10 às 8h50	(cont.) Atividade sobre filme	Rafaela m.
Aula 7	07.04.14	7h30 às 8h15	Correção Atividade	Rafaela m.
Aula 8	07.04.14	8h15 às 9h	Introdução "Os Lusíadas"	Rafaela m.
Aula 9	10.04.14	7h30 às 8h10	Atividade/Jogo "Os Lusíadas"	Rafaela m.
Aula 10	10.04.14	8h10 às 8h50	Ativid./Jogo "Os Lusíadas"	Rafaela m.

Rafaela Machado
Assinatura do(a) professor(a) da turma

ANEXO 1.2. NATASSIA D'AGOSTIN ALANO



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD

Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 532681

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof^a. Denise Pereira Leme, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Jose Ernesto De Vargas, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Natassia Dagostin Alano CPF 074.222.999-83, telefone 4896779940, e-mail tassidagostin@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 8292030 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|--|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN 700. | Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação - UFSC, de 17/03/2014 a 25/07/2014, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Rafaela Machado. | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32). | Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| | Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 532681

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes decorrentes e aplicação do conhecimentos; elaboração do relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 24 de março de 2014.

Natassia Dagostin Alano
Natassia Dagostin Alano - Estagiário


Denise Pereira Leme - Diretora do DIP - PROGRAD - UFSC


Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC


Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott


Rafaela Machado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO
DE AULAS DE PORTUGUÊS -
ENSINO MÉDIO**

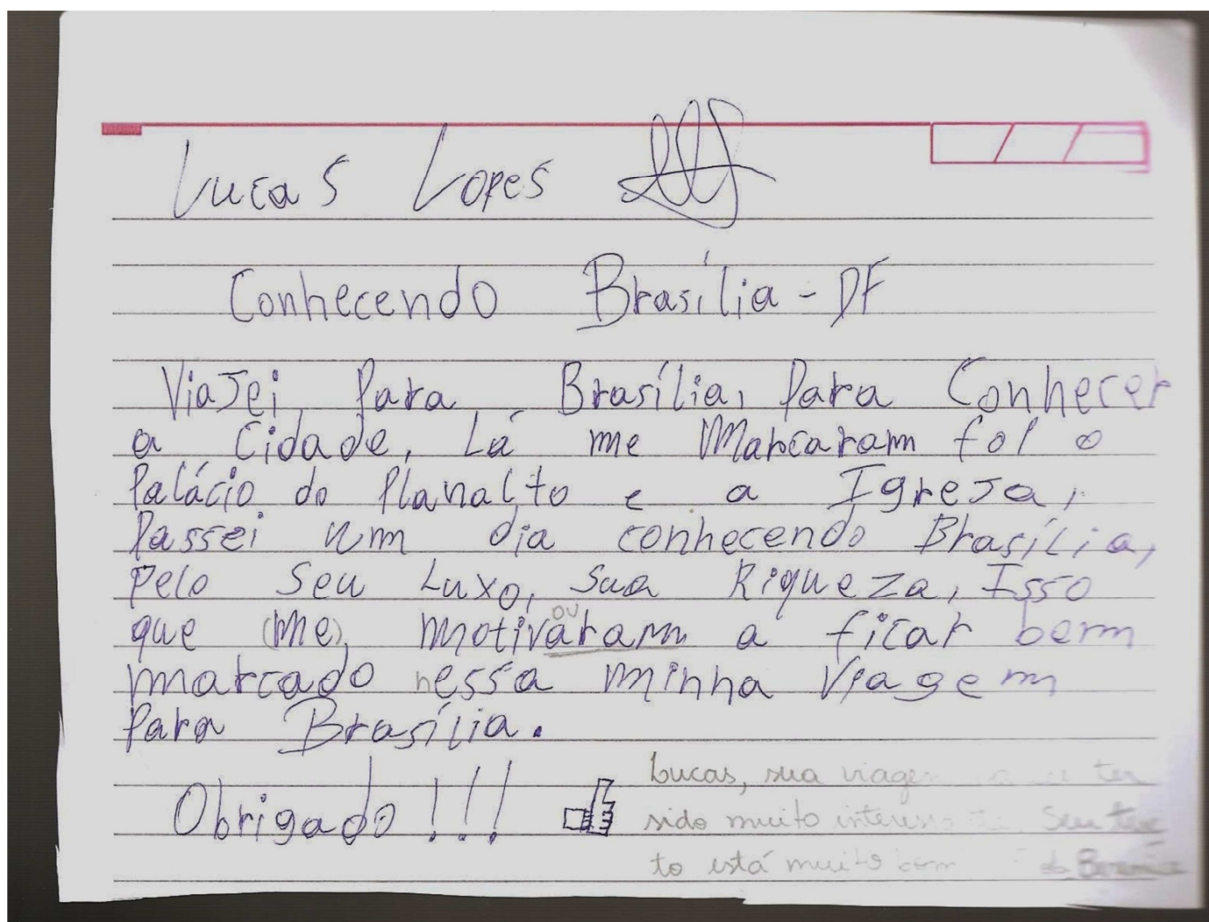
Escola: Colégio Aplicação - Universidade Federal de Santa Catarina.
Turma: 1ano-D
Professor(a): Rafella Machado
Estagiário(a): Patricia Dauphin Alano.
Período de observação total: 14h/a

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	27-03-14	07h30 à 08h10	filme "Odisseia"	Rafella m.
Aula 2	27-03-14	08h10 à 08h50	filme "Odisseia"	Rafella m.
Aula 3	31-03-14	07h30 à 08h15	filme "Odisseia"	Rafella m.
Aula 4	31-03-14	08h15 à 08h30	atividades de compreensão leitora do filme	Rafella m.
Aula 5	03-04-14	07h30 à 08h10	atividades de compreensão leitora do filme.	Rafella m.
Aula 6	03-04-14	08h10 à 08h50	atividades de compreensão leitora do filme.	Rafella m.
Aula 7	07-04-14	07h30 à 08h15	correção das atividades da aula anterior.	Rafella m.
Aula 8	07-04-14	08h15 à 09h00	introdução "Os Lusíadas"	Rafella m.
Aula 9	10-04-14	07h30 à 08h10	atividades/ jogos "Os Lusíadas"	Rafella m.
Aula 10	10-04-14	08h10 à 08h50	atividades/ jogos "Os Lusíadas"	Rafella m.

Rafella Machado
Assinatura do(a) professor(a) da turma

ANEXOS 2 – PROJETOS DE DOCÊNCIA

ANEXO 2.1. PRIMEIRA PRODUÇÃO TEXTUAL





CA - UFSC

10D

Julia Gonzaga

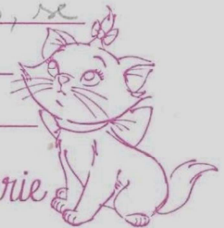
Verão

Nunca viajei pra fora de Florianópolis, mas todo verão eu parto em alguma praia mais distante. E a vez que mais me marcou foi quando fui para praia do Pantano do Sul em um final de semana com a minha amiga e a família dela.

Foi marcante porque além ^{da} de verão, era carnaval, então ~~ainda~~ era carnaval e encontrávamos vários amigos e no outro dia passávamos o dia na praia. As danças de banana-bait, de lanche, demos uma volta por uma ilha que tem por lá. Era uma paisagem bem bonita então isso me marcou.

Julia,

Florianópolis é tão linda que qualquer outro lugar tem que ter muitas qualidades para superar, não é? Mas vai chegar a sua hora de explorar novos lugares, se assim você desejar. O importante é que você está aproveitando os encantos da ilha! Seu texto está excelente! Profa. Benrice.



Marie

/ /

Colégio de Aplicação - UFSC

Aluno: José Antônio Monteiro

Disciplina: Português

Turma: 1º D

Visitando a "Cidade Maravilhosa"

Minha viagem aconteceu em julho de ano de 2013, no meio do ano. O destino foi a Rio de Janeiro. Saí da Ilha de Florianópolis com uns amigos e alguns familiares. O motivo da viagem foi a Jornada Mundial da Juventude, que desta vez, a "sede" dessa ~~evento~~ ^{evento} foi a Cidade Maravilhosa.

Ficamos hospedados em Botafogo, um hotel bem perto de Copacabana. Passamos cerca de dias lá, e, por enquanto, esses foram os melhores dias da minha vida.

O Rio de Janeiro estava lotado! Além dos cariocas, milhões de outras pessoas estavam presentes em apenas um local. Homens, mulheres, jovens, crianças, idosos, religiões, culturas diferentes... tudo.

Alguns dias foram voltados para o lado religioso, mas isso não significa que não aproveitamos bem a cidade. Visitamos a Cristo Redentor, a Pão de Açúcar, a Arca da Lapa e entre outros pontos turísticos marcantes para as que os visitam.

Essa viagem significou muito para mim. Eu e meu grupo tivemos que juntar uma quantia muito alta de dinheiro, e conseguimos isso realizando eventos através da igreja. Percebi que a união realmente faz a fôrça, e isso é um dos motivos que tornou essa viagem tão marcante e especial.



Colégio de Aplicação - UFSC

Língua Portuguesa - Prof. Rafaela

Milany Kenrick - 1º D

Título

Essa manhã, eu eu estava de mau humor - mais ou menos. Por isso, acabar com para viajar não é uma das minhas coisas favoritas a se fazer. Mas eu ficava pensando: "áhhhh, pelo menos você vai viajar com as tuas amigas!", depois de ficar meia-hora me convencendo, levantei e no dia estava lindo, porém muito frio. Depois de fazer coisas normais como: banho, trocar a roupa e café-da-manhã e uma hora de atraso, as minhas duas amigas chegaram, vamos à Pomerode com os pais de uma delas. A viagem foi mais divertida, porque eu de carro e nós três no banco de trás, era uma viagem por espaço. Mas as horas foram matadas por boa música. Quando finalmente chegamos naquela minúscula cidade, já era hora de almoçar, e Dani perguntou onde era o McDonald's, tipo: "oi, amiga? Acorda para a realidade!"

Almoçamos em um pequeno restaurante e fomos para o Zoológico, e nos apaixonamos / filmamos / fotografamos, os bichinhos e concordamos que eram lindos, mas fora das gaiolas eram mais. E na volta para casa foi mais corrida, estávamos mais acordadas.

1) Seria interessante que você escrevesse as letras sobre quem é Dani (pessoa que não tua amiga) e sobre o porque de dizer "oi, amiga? Acorda para a realidade!"

2) Ah, gostaria de saber um pouco mais sobre o zoológico e a cidade de



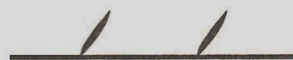
ANEXO 2.2. EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO LEITORA 1

XRACING



Nossa bola de cristal não funcionou... ☹️

Jefferson?



1) Fez um diário sobre sua viagem à ilha de Santa Catarina. ✓

2) O subtítulo, no início do texto, ele dá detalhes de como ele chegou na ilha e do que ele encontrou lá. ✓
aqui...

3) O que mais me chamou a atenção foi a forma de linguagem usada e palavras usadas. (Periticos, Almerjam, virgãis). ✓
virgãis?

4) "Na terça-feira 30 de março (1712)..." Só isso? As coisas que ele descreve correspondem ao que vivemos hoje?

5) O fato que mais me chamou a atenção foi no início, por pelos detalhes em que ele conta como chegou em naquele ilha. ✓
isso! OK.

6) "Os gafanhotos...! mandei construir pelo seu bem como se fossem pelas suas venturas." Difícil ter certeza se não há mais nenhuma árvore dessa. Será que não tem outras coisas no texto que sabem aqui?

7) Este texto que o povo usava no grande comércio que satisfazem-se com um pedaço de pano ou fozando para se cobrir. Poderia entender a referência... Começa bem... Como vivemos hoje?

O texto é o ponto de partida para expormos nossas impressões e argumentações. Lembrem-se disso quando escreverem, pois tenho certeza que vocês têm condições de desenvolver respostas mais profundas!



Profa. Benice.





Alunos: Anabela e Luiz Felipe.

Data: 08/05/2014

1º Forézier faz um relato de sua viagem para a ilha de Santa Catarina ^{que tal "narrando"?} relatando o novo e diferente ambiente. Ele ~~relatou~~ esse relato para os espanhóis que o contrataram e para si próprios. ✓

2º Podemos perceber que é um relato de viagem pois ele cita sua chegada na ilha, ~~descrevendo~~ sobre o povo indígena de lá e as coisas novas que viu. ✓

3º Algumas palavras de um vocabulário antigo como exemplo: dealbar. ✓

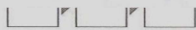
4º Ele chama Florianópolis de "ilha de Santa Catarina". Tem ainda ~~erros~~ ~~aplicados~~ e Indígenas. A linguagem é antiga. ✓

5º Quando fala dos índios que ^{comparados aos europeus} de longe eram miseráveis, mas de perto pareciam mais felizes que ~~os~~ ~~europeus~~. ✓

6º Na natureza antigamente existia uma diversidade muito maior na fauna e flora. ✓

7º Que hoje existem muito mais brancos que indígenas. ✓

credeal



Anabela e Luiz Felipe,

Suas respostas foram bem objetivas e estão ótimas! Fizemos boa reflexão a partir do texto, especialmente na questão 7: é interessante observar que os indígenas da nossa região foram "empurrados" para ~~espaços~~ no continente, enquanto a ilha foi predominantemente ocupada pelos brancos... fora os que foram mortos nas guerras contra os colonizadores... Essa é a nossa história!

Prof Brunice.

Colégio de Aplicações - UFSC

Língua Portuguesa - prof. Rafaela, estagiárias Brenice e Natássia

Clara Carvalcanti e Milany Henrich

1. O autor do texto, Guizier, ele foi para a América do Sul, com a intenção de construir fortus nas áreas de possessão espanhola (na local). Ele descobriu a ilha como um relato para si mesmo e para informar quem os contratou.

2. "Na terça-feira 30 de março (1712), como se estivéssemos perto da terra, rondamos às 6 horas da tarde e encontramos 90 mças d'água fonda da praia, casa e concha;"

"Ho de voltar a vista para a terra, estando 6 léguas mais perto da terra segunda primeira; reconhecer logo a ilha de Gal" porque ele fala que estão chegando perto da terra e durante o texto ele conta que esse lugar é muito diferente da sua terra natal.

3. As línguas uluru (com) a negociação; ^{palavras} como "muscos" e fundação.

4. A línguas

Clara e Milany,

Uma pena não terem completado o exercício, pois a partir das respostas apresentadas, tenho certeza que tinham reflexões interessantes sobre o texto... Fico, meninas!

Profa Brenice.

ANEXO 2.3. EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO LEITORA 2

15/05/2014

Clara Gabriel, André
1º D

Questão 1

- acordamos hoje
- neste dia
- no local bom
- Otaviano pronto para seguir viagem
- Seguimos até
- ficamos alojados em uma casa abandonada
- Saram de Brasil
- O roupeiro da prefeitura de Lulesma
- Vivendo aqui em Argentina
- Seguir caminho para S. Alta

2) Viaja inicialmente com Poço, mas no decorrer da viagem mais pessoas apareceram (como os casais). Ela ~~usa~~ x ocorre na 1ª pessoa do plural.

Bruna e Maria Luiza

3) Resposta:

A linguagem, datas, fotos e o estilo de viagem (juro como eles viajaram).

Atividade de Compreensão Leitora dos Relatos de Viagem – *Abya Yala Sin Fronteras*

Integrantes do Grupo: Giullie Oda, Rony Oliveira e José Monteiro

4) Uma das características de um relato de viagem é a descrição cultural do lugar onde se viaja. Durante os relatos *Abya Yala*, a autora citou alguns costumes culturais do lugar em que estava. Escreva sobre estes costumes.

Um dos costumes é colocar a folha da coca no bolso.
Os habitantes do Bolívia também têm esse costume de colocar a folha bicarbonato na língua e deixar em repouso.

Já na Argentina, pela região El Porvenir os habitantes sempre

Não a viagem foi de transporte com carroceros e principalmente, bicicleta. Porque a viagem de avião é mais confortável.

Não foi permitido, pois teve aulas e leituras, como a nene, chun, falta de lugar para dormir em camer etc. É como era um lugar novo havia riscos de se perder etc.

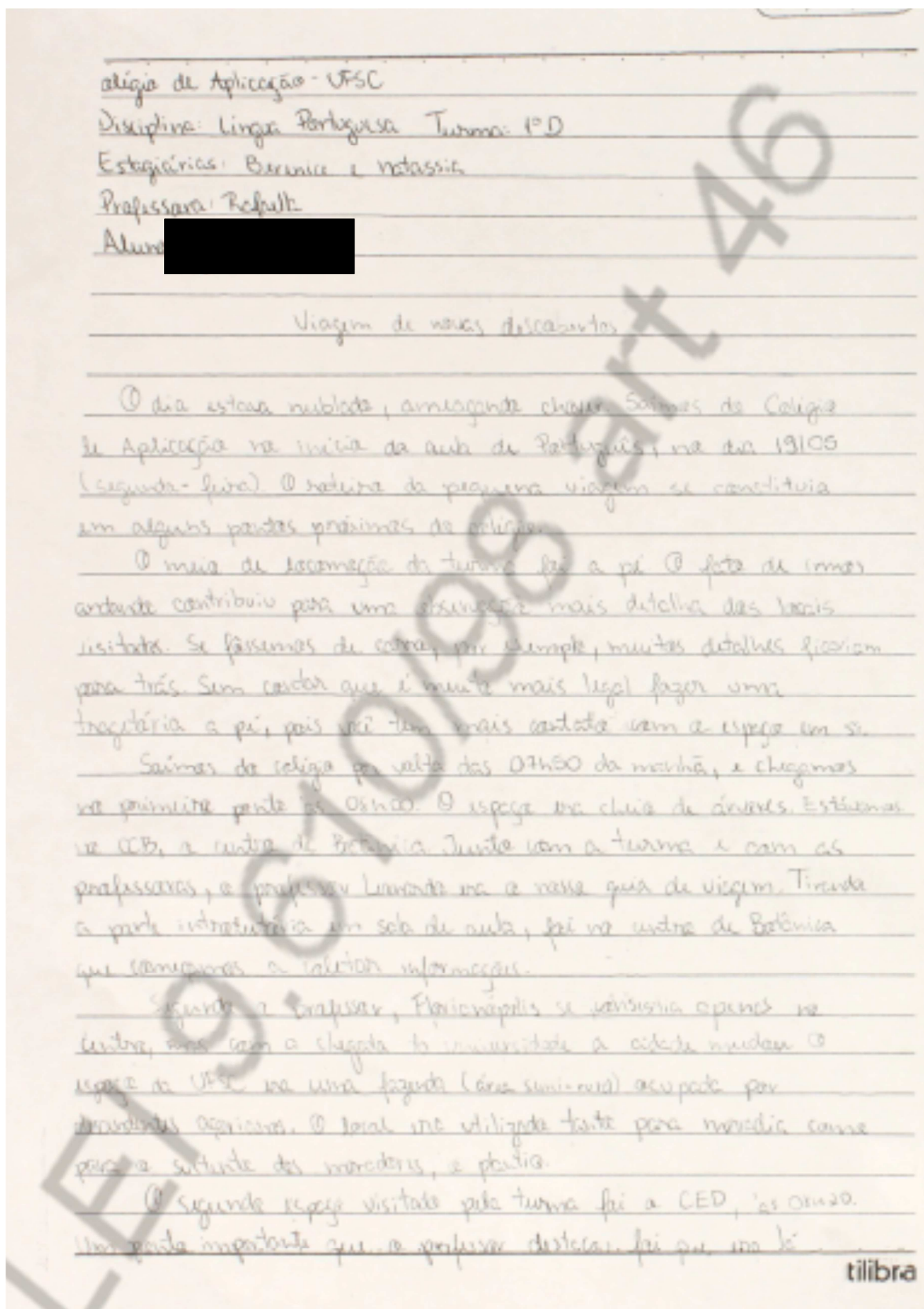
6)

7) A potes, roubaram o câmera deles e só tinham registro escrito naquele momento.

ANEXO 2.4. FOTOS DA “PEQUENA VIAGEM” PELO *CAMPUS* DA UFSC



ANEXO 2.5. PRIMEIRA VERSÃO DO RELATO DE VIAGEM



que se encontra a Colúbia de Apicazaca antigamente. Como eu disse, a UFSC é cheia de árvores, eles vão acompanhar até a frente de Rutoria, a terceira e última ponto visitado.

Base digo que é lá que fica a sensação de universidade, é como se fosse um ponto vital. O espaço é muito grande. De um lado e de outro podemos visualizar obras artísticas que deixam a lugar mais esambogista.

Uma curiosidade que chamou a atenção de todos foi quando o professor disse que a reitoria foi projetada como um espaço grande para não gerar tumultos, assim, se algum dia acontecer algo, será mais fácil de sair do local.

Nossa viagem estava programada para ser mais longa, porém tivemos que terminá-la pelos ardores de reitoria pela questão de tempo.

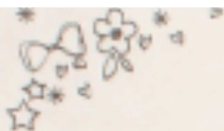
Achei uma experiência bem legal. Antes de realizá-la, pensei que não faria diferença alguma, pois eu já conhecia a UFSC. Mas eu estava enganado. Vieti lugares que eu nem sabia se existia, como por exemplo, a Zoológica. Além disso, descobri algumas informações a respeito do local. Foi algo produtivo.

UFSC - CED - CA

22/05

Viajando pela UFSC

Bom dia da Categoria de Engenharia às 7:45, e
Caminhões até uma parte que eu não conheço
da CCB, onde havia construções mais antigas,
e o professor Leonardo explicou que antes da
Universidade se encontrava a fazenda Lúcio, que
era um lugar muito ruim para os Contreiros
e professor explicou que a UFSC não foi
construída ali por interesses imobiliários,
depois fomos até a frente da CCB, e o Leonardo
falou que as construções dos Contreiros da
UFSC foram feitas principalmente para vigiar
os militares, que era período de
ditadura militar, e depois que fomos
até a CCB conhecemos que o reitorio
foi feito em um espaço aberto, pois
em caso de manifestação seria mais
fácil de cortar os manifestantes, depois
falamos pipoca e voltamos para o
caminhão e depois terminamos a viagem
pela UFSC às 19:05.



22 ▾ 05 ▾ 14

UFSC / LED / CA

Aluna: [REDACTED]

Disciplina: Língua Portuguesa

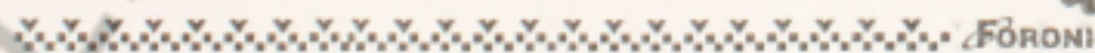
Professores: Brunna e Natassia

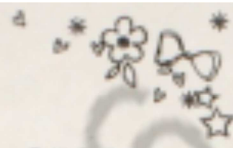
O que nós sabemos da UFSC

No dia 19 de maio de 2014, por volta das 7:50 da manhã saímos do Colégio de Aplicação para fazer uma pequena viagem pelo campus da UFSC, através do Povoado. fomos acompanhados pelas professoras Brunna e Natassia, a professora Gabriela e o professor de geografia Laurento, que ficou com a responsabilidade de nos contar um pouco da história da Universidade.

O dia estava lindo, mas agradável pois não fazia nem frio e nem calor. Nesse primeiro ponto foi o CCB (no departamento de Botânica). Não só eu, mas muitas pessoas do grupo nunca haviam estado lá, mas para mim um lugar como aquele devia ser visitado muitas vezes. Fiquei maravilhada com a beleza daquele local: é cheio de árvores e flores de várias espécies, vários cursos d'água. Me senti numa grande pedreira mágica. Nunca imaginei que poderia existir um lugar tão lindo e tão perto de mim. É de lá no CCB que a história começa.

De 1950 a 1954, o prefeito da cidade era Paulo Fontes. Ele tinha uma ideia de cidade planejada, e começou a fazer um plano diretor para a capital. No entanto, esse plano só ficou pronto alguns anos depois.

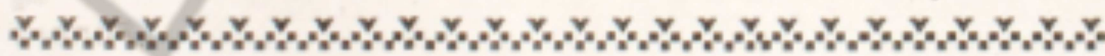


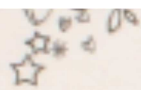


• pupilo assumiu o poder. Dama Lurba, que após a um crescimento acelerado da capital "deu um fim" no plano sistên. Ele então decidiu que deveria ocupar terras ócio de uma ilha (a: seja, o lado do Ilha e a Oca da Trindade, Pantanal, Pousada, etc) e com o apoio do presidente J.K, essas áreas que eram rurais/semi-rurais foram cedidas a UFSC. Assim, por volta de 1967, surgiram as primeiras instalações da universidade, no local onde antes existia uma grande fazenda. Portanto, as raízes da UFSC não o CB (podemos notar isso pela arquitetura dos prédios, não tem mais nada do que o restante).

Depois do CB, seguimos para a frente do CEO/CEH. Lá ficava o Palácio de Aplicações Tempo atrás. Somente depois de algum tempo nosso edifício foi transferido para o local atual (onde antes existia uma vila com cerca de 11 casas). Nos prédios das ruas seguintes, podemos perceber a influência da arquitetura militar. Os prédios são quadrados com uma grade no meio, tudo é bem centralizado, até as portas das salas de aula. Tudo era feito para vigiar os alunos e evitar manifestações ou movimentos estudantis (que sempre foi contra os militares). Olhando ao redor podemos perceber a base em que a universidade se encontra: construída pelo meio da floresta que a "onda" Pudemos ver também a ocupação do meio.

Nesse último ponto foi a reitoria. Apesar que a parte frontal do prédio é do tipo que é (muito ampla, aberta, bem iluminada) também por influência militar. Construíram um ambiente "desagradável".





para difíceis manifestações contra o comércio. Com
um lugar muito aberto e grande, as pessoas se dispersa-
ram e não houve concentração, além do chão
de concreto, muito ruim para acampar.

Acredito que o ponto forte que mais me
 chamou a atenção foi a ausência de uma "pressão",
 uma das coisas, características que habitam a JPSC, e muito
 querido por todos. Acredito que eu também tenha
 se interessado pela explicação e que aprendi um
 pouco também



ANEXO 2.6. SEGUNDA VERSÃO DO RELATO DE VIAGEM

UFSC - CED / Colégio de Aplicação
Disciplina: Língua Portuguesa
Professores: Bárbara e Natássia
Aluno: [REDACTED]
Data: 23 de maio de 2014

O dia está nublado, amezando chover. Saímos de Colégio de Aplicação no início de aula de Português, no dia 13 de maio (segunda-feira). O roteiro de pequena viagem se consistia na visita de alguns pontos próximos ao colégio.

O meu de sarcasmo da turma foi a pi. O fato de irmos andando contribuiu para uma observação mais detalhada dos locais visitados. Se fôssemos de carro, por exemplo, muitos detalhes ficariam para trás. Sem contar que é muito mais legal fazer uma trilha até a pi, pois você tem mais contato com o espaço em si.

Saímos do colégio junto com a turma e com os professores por volta das 07h50 da manhã, e chegamos na primeira parada às 08h00. O espaço era cheio de árvores. Estávamos na CCB, o centro de Botânica. O professor Leonardo era a nossa guia de viagem. Tivemos a parte introdutória em sala de aula, foi na centro de Botânica que começamos a coletar informações a partir das explicações da professora.

Segundo a guia, Florianópolis se consistia apenas na cidade da cidade, mas com a chegada da universidade, a ilha se modificou. O espaço da UFSC era uma fazenda (área semi-rural) ocupada por discentes e docentes. O local era utilizado tanto para merenda como para a sustenta-

dos marcenários, a planta.

O segundo espaço visitado pela turma foi o CED, às 07h20. Um ponto importante que a professora destacou, foi que vai lá que se encontram a Colégio de Aplicação antigamente. Como eu disse, a UFSC é cheia de árvores, e elas nos acompanharam até a frente da Pontaria, a turma e último ponto visitado.

Possa dizer que é lá que fica a maioria de universidades, é como se fosse um ponto central. O espaço é muito grande. De um lado e de outro podemos visualizar obras artísticas, que deixam a lugar mais acadêmico.

Uma curiosidade que chamou a atenção da turma foi quando a professora disse que a ruína foi projetada como um espaço grande para não gerar tumultos, assim, se alguém não aceitava algo, só é mais fácil de sair de local.

Nossa viagem estava programada para ser mais longa, porém tivemos que terminá-la pelas condições da ruína pela questão de tempo.

Achei uma experiência bem legal. Antes de realizá-la, pensei que não fosse fazer alguma coisa, pois eu já conhecia a UFSC. Mas eu estava enganado. Visitei lugares que eu nem sabia se existiam, como por exemplo, a Botânica. Além disso, desisti algumas informações a respeito de local. Foi algo produtivo!

Viagem pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

Na dia seguinte de maio de 2014, nós, alunos do 1º-D de Geografia de Aplicação, fomos às 7:45 para fazer uma pequena viagem pela UFSC.

Nossa primeira parada foi na festa botânica, no CCB (Centro de Ciências Biológicas) um lugar que eu ainda não conhecia, e que tem algumas das construções mais antigas da Universidade.

O Sr. Leonardo, professor encarregado de nos explicar sobre a construção da UFSC, disse que naquele lugar se encontra a fazenda Castro, onde se iniciou, ainda para se construir e longe do Centro da cidade, mas lá foi construída a Universidade por interesses imobilistas.

Comunicações: Mais um pouco, chegamos em frente do CED (Centro de Ciências da Educação), o professor falou que os prédios foram feitos de um jeito fácil dos policiais militares vigarem os alunos além de conter manifestações, já que era época de ditadura militar.

Ele relatou que os centros próximos ao CED foram os primeiros instalações da UFSC. Mais tarde nos movemos até o Centro um lugar bem legal pela sua forma moderna, existem algumas exposições, há a

Retorno

A que eu achei mais interessante foi a de que ela foi construída em um espaço aberto, mais em caso de manifestações, seria mais fácil dispersar o tumulto.

Garbaramos pipoca dos estagiários na Tassa e Berete, voltamos pro CA (Colégio de Aplicação), e obtivemos Terminamos Nossa viagem pela UFSC.

UFSC/LEB/CA

Professoras: Beatrice e Natássia

Aluna: [REDACTED] - 1º D

Data: 29 de maio de 2014

O que nós conhecemos da UFSC

No dia 19 de maio de 2014, por volta das 7:50 da manhã, saímos do Colégio de Aplicação para fazer uma pequena viagem pelo campus da UFSC. Nós, alunos do 1º ano D, fomos acompanhados pelas estagiárias Beatrice e Natássia, a professora Rafaela e o professor de geografia, Leonardo, que ficou com a responsabilidade de nos contar um pouco da história da Universidade.

O dia estava nublado, mas agradável, pois não fazia nem frio e nem calor. Nesse primeiro ponto foi o LEB (no departamento de Botânica). Não só eu, mas muitos pessoas do grupo nunca haviam estado lá. Uma pena, pois um lugar como aquele devia ser visitado muitas vezes. Fiquei maravilhada com a beleza daquele local: o cheiro de óleos e flores de várias espécies, várias cores diferentes. Me senti num grande jardim mágico. Nunca imaginei que poderia existir um lugar tão lindo e tão próximo de mim. Foi lá no LEB que nossa viagem pela história começou.

De 1950 a 1954, o prefeito da cidade era Paulo Fontes. Ele tinha uma ideia de cidade

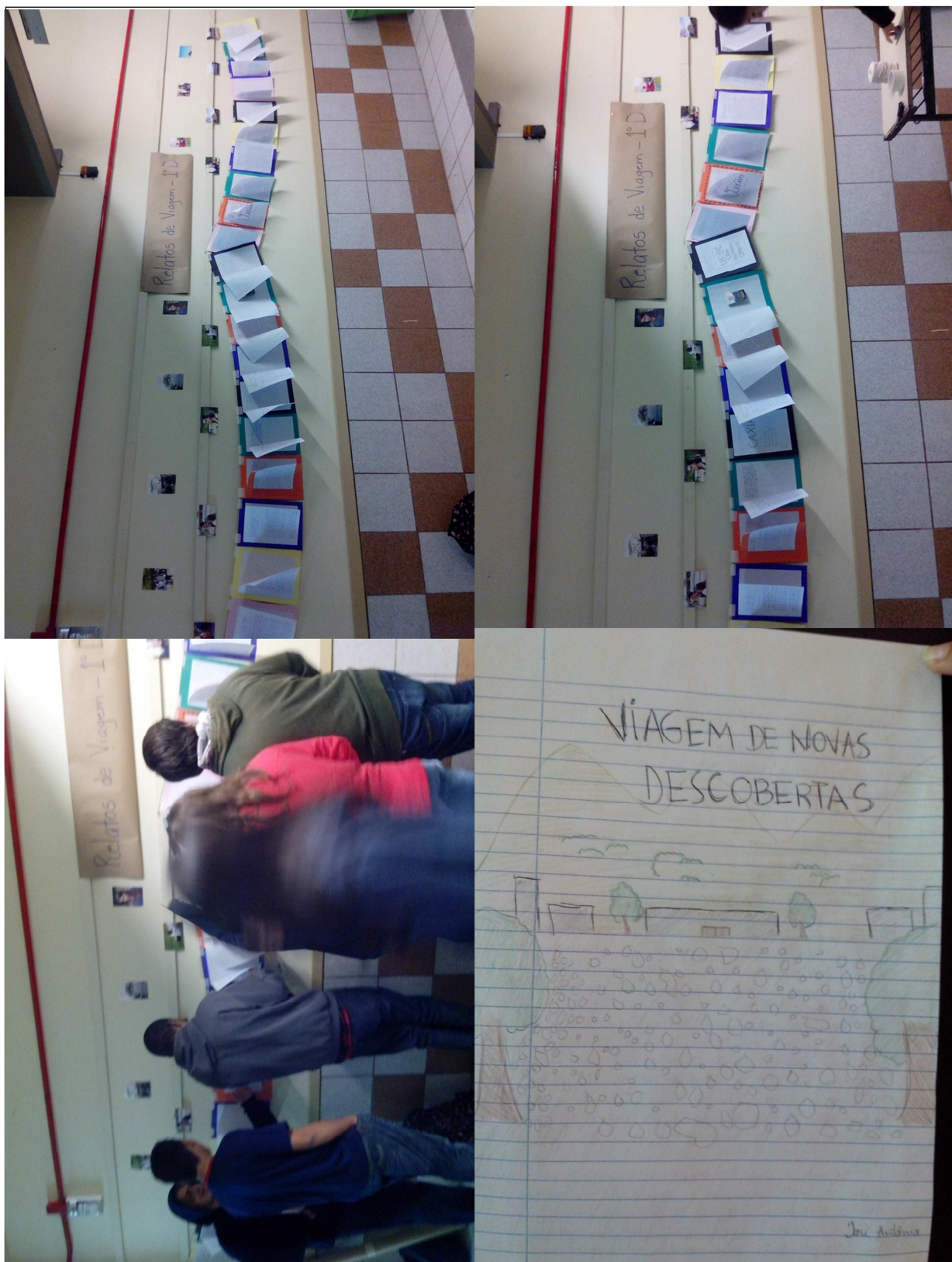
planiçada, e sempre se fazia um plano diretor para a capital. No entanto, esse plano se ficou por aí. Depois que um outro prefeito assumiu o poder. Dava a lufada apoiada um crescimento acelerado da capital e deu um fim no plano diretor. Ele então decidiu que deveria ocupar novas áreas da zona ilha low bay, o lado da ilha e a área da Tumbada, Pontal, Causseira, etc... E com o apoio do presidente JK, essas áreas que eram usadas ou permaneceriam como áreas a FSC. Assim, por volta de 1957, surgiram os primeiros antedecimentos da Universidade - que foram o CEI e a universidade - no local onde antes havia uma grande fazenda. No entanto, os prédios mais antigos são o que hoje é o CCA, pois não lembramos dessa antiga fazenda.

Depois do CEI, seguimos para a fundação do CED/LEH. Foi feita a ligação de aplicação tempo atrás. Semanti depois de alguns meses esse edifício foi transferido para o local atual onde antes havia uma sala sem uma das salas. Nos prédios dessa fazenda pudimos colocar a influência da arquitetura militar. Os prédios não quadrados sem um lado mais ou menos, tudo é bem antológico, ali ao redor dos prédios de aula. Tudo era feito para seguir ao máximo o modelo e evitar manifestações ou movimentos (militares). Quando as salas, pudimos colocar a boca um que a Universidade de Arica. Construída pelo plano da Luz que a "isola".

Pudemos ver também a ocupação do terreno. Nesse último ponto foi a sala. Apesar disso que o pólo frontal do prédio é do tipo que é muito amplo, aberto, tem barreiras também por influência militar. Construíamos um ambiente "desagradável" para dificultar manifestações contra o comando. Com um lugar muito aberto e grande, as pessoas se dispersavam e não haviam concentrações, além de áreas de sumo, muito suaves para ocupar.

Acreditamos que o ponto forte, o que mais me chamou a atenção foi a aplicação de Fud, um "FSC" (um dos vários colônias que habitam a FSC, e muito quietos e humildes por todos). Acreditamos que ali também tenha se desenvolvido pela aplicação e quis aprender um pouco, assim como nós.

ANEXO 2.7. FOTOS DO VARAL EXPOSITIVO



ANEXO 2.8. FOTOS DA OFICINA POEME-SE!

